UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

LUCIANA DIAS FERREIRA

IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE: Pertencimento de Estudantes do Curso Técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA

FEIRA DE SANTANA -BAHIA
2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Ferreira, Luciana Dias
F441i Imagem e afro-baianidade: pertencimento de estudantes do Curso Técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA/ Luciana Dias Ferreira. - 2024.
118f.: il.

Orientador: Edson Dias Ferreira

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2024.

1. Imagem. 2. Pertencimento. 3. Afro-baianidade. I. Ferreira, Edson Dias, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 39(81=96)

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

LUCIANA DIAS FERREIRA

IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE: Pertencimento de Estudantes do Curso Técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Área de Concentração Desenho e Cultura, Linha de Pesquisa Linguagens Visuais Memória e Cultura, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação do Prof. Dr: Edson Dias Ferreira

FEIRA DE SANTANA -BAHIA
2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

LUCIANA DIAS FERREIRA

IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE: Pertencimento de Estudantes do Curso Técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Área de Concentração Desenho e Cultura, Linha de Pesquisa Linguagens Visuais Memória e Cultura, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação do (a) Prof.(a) Doutor(a) Edson Dias Ferreira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pós Dr. Edson Dias Ferreira
Universidade Estadual de Feira de Santana (Orientador)

Prof. Pós Dra: Marise de Santana
Universidade do Sudoeste da Bahia –UESB

Prof. Dr: Silvio Oliveira
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Aprovada em: Cinco de Março de Dois mil e Vinte e Quatro

FEIRA DE SANTANA – BAHIA
2024

Aos meus extremos, balança que equilibra minha vida. Minha mãe, Dona Dadá, por todo apoio dedicado a mim em todos os momentos de minha vida! Desde a infância, quando não faltaram conselhos e orientações sobre os caminhos a serem trilhados por mim. À minha Filha, Lara Isabelle – minha melhor versão –, com quem eu aprendo a ser mãe, amiga, confidente, porto seguro e mais uma infinidade de atribuições que tenho descoberto a cada dia. Pequenina no tamanho e gigante na personalidade! Pessoa em quem estou sempre pensando e por quem estou sempre buscando crescer.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar

A todos os Santos, Encantos e Axés.

Aos meus ancestrais, que movem o sentimento de pertencimento que existe em mim.

À minha mãe, Dona Idália (Dona Dadá) por todo apoio e dedicação dados a mim.

À minha pequena Lara, que me ensina todos os dias, lições na escola da vida.

Ao meu irmão e orientador Edson Ferreira, de quem herdei o gosto pelas artes visuais, por mergulhar junto comigo na descoberta de todas as possibilidades para caminhar com a pesquisa. À sua esposa, Marise de Santana pelo suporte dado a partir de suas impressões sobre a pesquisa.

Aos meus irmãos e irmãs pela presença sempre constante nessa caminhada.

Aos meus sobrinhos, primos e primas, cunhadas que vêm contribuindo para o crescimento e desenvolvimento das novas gerações da família.

À família Dias e à Família Ferreira, aos que vieram antes de mim deixando suas contribuições para a construção e compreensão de pertencimento que possuo hoje, aos que partiram após a minha existência, deixando um legado importante para mim.

Aos amigos que encontrei pelo caminho a quem eu chamo carinhosamente de anjos da guarda.

À direção e aos professores do CEEP Isaías Alves – ICEIA, em especial à professora Carla Almeida pela relação de amizade que construímos para além do espaço escolar.

À UEFS

Aos colegas do Mestrado, a minha gratidão pelas trocas de experiência durante os nossos encontros.

À FAPESB pela oportunidade de ser contemplada pela bolsa, proporcionando o desenvolvimento da pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, pela atenção e carinho ao aceitarem navegar junto comigo no mar da presente pesquisa: Gabrielle Nascimento, Letícia Neri, Dina Lopes, Jaci Trindade.

Por fim, a todos aqueles que, mesmo de forma indireta, participaram da pesquisa.

RESUMO

Imagem e afro-baianidade será o caminho a ser percorrido para a construção de conhecimento quanto a elementos indicativos de pertencimento entre estudantes do Curso de Áudio e Vídeo do ICEIA, através de uma pesquisa de abordagem qualitativa com característica etnográfica, num processo que envolve observação participante e entrevista semiestruturada. O objetivo de investigar visualmente vestígios do modo de se perceber afro-baiano no espaço definido pelo ambiente escolar se impõe pela imagem; a ideia de refletir acerca do outro e, desse modo, poder permitir identificá-lo. A base teórico-metodológica está ancorada nas discussões de Sodré (1998), no que tange à cultura compreendida a partir da relação do homem com o seu real e nesse contexto analisar aspectos da formação da sociedade brasileira e suas culturas em particular a afro-brasileira, na qual se insere a cultura afro-baiana.[...]; de Abbagnano (2012), ao tratar do sentido de imagem como espelho para identificar algo ou alguém; de Durand (1998) sobre o papel do imaginário na construção das relações sociais; de Collier (1973) no uso das técnicas de fotografia como método de pesquisa. Tal mecanismo auxiliou na mediação com os participantes para a percepção de possíveis transformações no modo de se perceber e de serem percebidos enquanto cidadãos nascidos e residentes em Salvador, na contemporaneidade, no período que compreende os anos de 2022 e 2023. A mediação por imagens se divide em dois momentos: No primeiro momento, uma produção videográfica como mecanismo de aproximação com a turma elegível para atuar na condição de participante. No segundo momento, a imagem fotográfica atuando como mediadora na relação com os participantes, a fim de buscar elementos que expressam traços de pertencimento afro-baiano. O resultado da análise responde ao questionamento da pesquisa a partir da percepção do pertencimento entre os participantes autodeclarados afro-baianos que, em suas falas, indicaram elementos de pertencimento dentro das categorias: imagem, cultura, memória e identidade na perspectiva de pertencimento.

Palavras-Chave: Imagem. Pertencimento. Afro-baianidade

ABSTRACT

Image and Afro-Bahianity will be the path to be taken to build knowledge regarding elements indicative of belonging among students of the ICEIA Audio and Video Course, through qualitative research with an ethnographic characteristic, in a process that involves participant observation and interviews semi-structured.The objective of visually investigating traces of the Afro-Bahian way of perceiving themselves in the space defined by the school environment, imposes through the image, the idea of reflecting on the other and thus being able to identify them. The theoretical-methodological basis is anchored in the discussions of Sodré (1998) regarding the relationship between man and his reality and in this context analyzing aspects of the formation of Brazilian society and its cultures, in particular Afro-Brazilian, where culture is inserted. afro baiana.[...]; Abbagnano (2012), when dealing with the meaning of image as a mirror to identify something or someone; Durand (1998) on the role of the imaginary in the construction of social relations. Collier (1973) in the use of photography techniques as a mediation mechanism with participants in the perception of possible transformations in the way of perceiving themselves and being perceived as citizens born and residing in Salvador, in contemporary times, in the period comprising the years 2022 and 2023. Image mediation is divided into two moments: In the first moment, a videographic production as a mechanism to approach the group eligible to act as participants. In the second moment, the photographic image acted as a mediator in the relationship with the participants, in order to search for elements that expressed traces of Afro-Bahian belonging. Finally, the result of the analysis answers the question: After all, how can the image linked to Salvador's Afro-Bahian culture indicate belonging among students on the ICEIA audiovisual course?

Keywords: Image. Belonging. Afro-baianity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Festa de Santa Bárbara no Centro Histórico
Figura 2- Festa de Santa Bárbara no Centro Histórico
Figura 3 -Lavagem na Igreja de São Lázaro
Figura 4 - Profissão de Fé no Bairro da Federação
Figura 5 - Jegue atrelado a uma carroça na Lavagem do Bonfim
Figura 6 – Diversidade no caminho para a Lavagem
Figura 7 - Dia de Festa no mar! Odoyá!
Figura 8 - O que faz a sua cabeça?
Figura 9 - Casa de Iemanjá
Figura 10 - Representatividade no Carnaval de Salvador (Centro Histórico)
Figura 11 - Desfile do Bloco Afro Ilê
Figura 12 - Perfil do Bloco Ilê Aiyê
Figura 13 - Rainha do Ilê
Figura 14 – A TV me representa?
Figura 15 – Diversidade 2
Figura 16 – Arcebispo D. Gílio Felício
Figura 17 – Orixás no Dique do Tororó
Figura 18 - Parede de Retratos
Figura 19 - Parede de Retratos 2
Figura 20 - Casa de Vó!
Figura 21: Entrevista com Bárbara Carine, Diretora da Escola Maria Felipa
Figura 22: Montagem de equipamentos para a entrevista na Escola Maria Felipa
Figura 23: Atividades em Sala de aula no ICEIA
Figura 24: Mesa Redonda de abertura do Cine Lamparina no ICEIA
Figura 25: Imagem de Salvador, Pierre Verger
Figura 26: Registro de Mario Cravo Neto de Salvador, nos anos 1970
Figura 27: O ovo da Ema Carybé (1976)
Figura 28: Bahia, de Carybé (1961)

LISTA DE GRÁFICOS

Quadro 1: Aplicação teórico-metodológico à pesquisa

Quadro 2: Primeiro momento da pesquisa: Observação da turma e proposta de atividades

Quadro 3: Seleção de Participantes

Quadro 4: Segundo Momento da pesquisa: levantamento de Dados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO 1 - CAMINHOS PARA SE PENSAR IMAGEM 16

CAPÍTULO – 2 IMAGEM E PERTENCIMENTO AFRO-BAIANO NO AMBIENTE ESCOLAR DO ICEIA 33

CAPÍTULO 3 - IMAGEM DA AFRO-BAIANIDADE INDICATIVA DE PERTENCIMENTO 54

3.1 - IMAGEM E PERTENCIMENTO: UMA MEDIAÇÃO POSSÍVEL? 66

3.1.1 Seleção de imagens mediadoras da construção de pertencimento 67

Percepção de pertencimento entre as participantes 79

Sob o olhar do pesquisador(a) 84

4.1.1 Construção de Pertencimento 84

4.1.2 Cultura da Afro-baianidade 86

4.1.3 Pertencimento afro-baiano e o Ambiente Escolar 91

4.1.4 Elementos indicativos de pertencimento 96

4.1.5 *O Desenho da memória* 99

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS GRUPOS 1 E 2 DE PARTICIPANTES 111

APÊNDICE – B - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO – TCLE 115

ANEXO 1 – IMAGENS DO TRABALHO EM CAMPO 119

ANEXO 2 – COMPOSIÇÕES POR ARTISTAS NO PERFIL DE AFRO-BAIANIDADE 121

INTRODUÇÃO

Falar de Imagem e Afro-baianidade como marca presente em parte significativa de estudantes matriculados no CURSO TÉCNICO DE ÁUDIO VÍDEO do Centro de Formação Profissional e Eventos Isaías Alves – ICEIA, em Salvador-Ba, mostrou-se desafiador. A expressão imagem, aqui, constitui um conceito evocador. Impõe-se pela ideia de espelho, isto é, reflete algo ou alguém que se quer identificar.

A trajetória profissional no campo da comunicação visual encontrou caminho para a pesquisa a partir das inquietações pessoais sobre ancestralidade e autoconhecimento, reconhecidas nas falas de outros personagens. Desse encontro, surgiu a motivação para investigar mais profundamente aspectos da afro-baianidade presente na cultura de uma Salvador contemporânea.

Investigar visualmente vestígios do modo de se perceber afro-baiano, no espaço definido pelo ambiente escolar, apontou para pelo menos duas vias de construção, a saber: 1- o autoconhecimento como dado objetivo resultante da manifestação pessoal entre os integrantes do curso acima referido; 2- registro fotográfico e/ou videográfico como mediador da relação entre sujeitos potenciais dessa população.

O "Afro-Baiano" aqui refletido carrega em sua imagem elementos que lhe transmitem um sentimento de pertencer nos traços de sua personalidade, em suas memórias, nos valores que acreditam ter, nos costumes comuns entre indivíduos que compartilham de características as quais os aproximam do ambiente que os cerca. Esse ambiente envolve pessoas, lugares e linguagens particulares da cultura de Salvador responsáveis pela construção do meu repertório cultural enquanto mulher autodeclarada afro-baiana, cuja ancestralidade reforça o vínculo que existe entre a minha trajetória e a minha cidade.

Nascida e criada na Capital baiana – Salvador –, sempre tive contato com elementos da fé e da cultura de uma forma muito natural. Meus avós deixaram como herança para minha mãe suas demonstrações de fé, posteriormente passadas aos filhos; demonstrações essas que, em muitos momentos, foram registradas pelas lentes de outros integrantes da família. vem daí a paixão pela cultura de Salvador. Nesse contexto, também pela vivência diuturna, aprendi a gostar de fotografia.

O desenho de minha árvore genealógica se forma mentalmente a partir dos meus avós paternos e maternos, nas construções do que hoje entendo por pertencimento. Essa história tem sua origem no recôncavo baiano, no município de Cachoeira. Da família

materna, da qual tive maiores referências, trago a lembrança de meu avô Antônio Barbosa, Saveirista e devoto de Santo Antônio, de quem minha mãe herdou a tradição de celebrar a trezena em louvor ao Santo. Da minha avó Maria Percília ou "Dona Cecília", como gostava de ser chamada, foi herdada a devoção aos Santos Cosme e Damião. Além disso, os laços com a nossa ancestralidade sempre estiveram ligados pelo culto à religião de matriz africana.

Os costumes trazidos do recôncavo baiano, de algum modo, contribuíram para aproximar as famílias paterna e materna, constituídas pela similaridade entre as vivências, dando origem a uma nova geração, com a chegada dos filhos. Apesar de terem sido vividas antes da minha existência, essas imagens permaneceram no cotidiano e nas celebrações familiares.

O repertório absorvido durante a infância junto à vontade de conhecer a minha cidade e o meu estado mais profundamente refletiu na minha escolha pela formação em Turismo. Experiências profissionais me permitiram ver, na prática, manifestações de fé, celebrações familiares, festividades, manifestações culturais e atividades cotidianas, tanto na visão do baiano, quanto na visão de visitantes, que ao passarem por aqui, deixaram suas impressões acerca de aspectos identitários da Bahia.

O apoio tecnológico da fotografia permitiu que as histórias da família pudessem não somente ser lembradas como também apreciadas por meio de registros realizados pelo meu irmão Edson Ferreira, atualmente orientador nessa pesquisa. Muitos dos registros realizados por ele ajudaram a "tecer" construções identitárias acerca da família. Muitos desses registros ficaram guardados na memória, outros foram devidamente retratados e impressos para rever sempre que necessário, constituindo acervo pessoal importante para mim.

Edson (referido neste momento de modo pessoal como irmão) recorreu ao suporte imagético da fotografia em sua tese de Doutorado intitulada "Fé e Festa nos Janeiros da Cidade da Bahia" em que a imagem parece dialogar com o leitor acerca das construções sociais de Salvador, durante celebrações religiosas na cidade que também representam indícios de construções afro-baianas. Tais registros, foram utilizados como referência para mediar uma aproximação com jovens estudantes de uma instituição pública de Salvador através da imagem a partir de aspectos da cultura local que pudessem indicar pertencimento.

As imagens produzidas por Ferreira (2004) possuem, em seus conteúdos, elementos constituintes da construção social de um povo cujas relações se desenvolvem entre as pessoas que partilham das mesmas vivências no tempo-espaço de um mesmo lugar através de culturas

étnicas, raciais, linguísticas e religiosas a partir de registros que remetem aos trabalhos de artistas contemporâneos a ele no que tange à inegável contribuição da cultura afro-baiana expressas em suas composições. Essas imagens trazem memórias pessoais à medida que se aproximam das relações de outros personagens que vivenciam a cultura na particularidade do ser afro-baiano em Salvador.

Vê-se entre as imagens a combinação de elementos presentes no mito afro contidos nas celebrações de tradições culturais expressas no retrato do cotidiano de Salvador. Se, por um lado, essas expressões demonstram a importância dessas relações para construções de pertencimento afro-baiano, por outro, ressaltam a imagem como agente mediador nesse processo.

A imagem é capaz de retratar aspectos das contribuições da cultura afro-baiana de Salvador expressas no modo de vestir, nas características fenotípicas de seus habitantes, nas manifestações culturais e na religiosidade, entre outros aspectos identitários desses cidadãos (ãs). O conteúdo desses registros reside na compreensão do sentido de pertencer. Se inserem nesse perfil imagens, cujo conteúdo expressam o fenótipo afro-baiano na imagem das pessoas, em suas crenças (no sentido da religiosidade), nas manifestações culturais, em objetos que – em suas características – possam suscitar identificação.

Nessa perspectiva, analisar a imagem fotográfica e videográfica, enquanto ferramenta de identificação de elementos culturais de pertencimento, mostra-se relevante para direcionar o caminho a ser percorrido pela pesquisa.

A consciência do homem quanto à sua existência a partir da imagem esteve associada à necessidade de se comunicar entre si, em busca de compreensão da própria origem, desde homo sapiens até início do século XIX. A relação com o duplo, através dos sonhos, nos reflexos percebidos em superfícies polidas e/ou espelho d'água e na própria sombra, remete a pensar no desenho como principal ferramenta de comunicação entre os povos em suas expressões artísticas, do sentimento e do desenvolvimento social humano.

Os registros imagéticos passaram a mediar, desde então, a comunicação humana ao longo dos tempos, através dos desenhos das paredes das cavernas dos povos primitivos até o desenvolvimento das técnicas dos objetos (lápis, pincel e pena). Esta função possibilita, ainda hoje, a construção do tempo não vivido através das memórias e experiências visuais anteriores. Portanto, o desenho se configura como uma das mais antigas formas de comunicação entre a espécie humana.

Na linguagem, o desenho, abordado aqui nas dimensões da representação e da significação, expressa temas reais ou imaginários através das formas. No campo da cultura, pode-se dizer que faz parte da relação do homem com o seu real, influenciando diretamente o desenvolvimento das ideias e do comportamento humano. Na ciência, envolve o entendimento enquanto gerador de conhecimento cujo significado compreende seu contexto histórico, social, político, econômico e ideológico.

No campo do simbólico, através de simbologias e rituais da sociedade, também é visto como um trabalho do imaginário. Essa relação é percebida nas artes captadas pelo olhar, marcando cada período e consolidando fases do imaginário futuro. Significa dizer que o desenho como linguagem foi capaz de promover identificações. Como técnica, se desenvolveu de tal forma que seu aprimoramento deu origem a um novo modo de produzir registros. Esta proximidade justifica a relação desenho e fotografia na composição da pesquisa.

À medida que passa a ser compreendida como fonte de informação, a imagem constitui elementos que representam épocas, culturas, povos e vivências, tanto no âmbito emocional quanto no simbólico. Portanto, deve-se considerar que as representações imaginárias inseridas nos contextos das imagens podem influenciar a interpretação de quem as vê.

Sabendo-se que o ato de fotografar é o congelamento de um evento, em uma determinada época e em um dado tempo-espaço, é preciso considerar que a imagem seja, em sua origem, como grafia e/ou aspecto da linguagem, quer no desenvolvimento das técnicas de desenho, quer no advento da fotografia e seus aprimoramentos (videografia), um mediador de narrativas culturais importantes no processo de construção de identidade. No século XX, estudos contemporâneos de caráter ideológico passaram a analisar os usos antropológicos da foto. Tais estudos foram conclusivos ao afirmar que “a foto é eminentemente codificada (sob todos os tipos de pontos de vista, seja, técnico, sociológico, estético, cultural, etc.

No final do século XIX, no Brasil, os reflexos das construções socioculturais na economia e nas políticas começam a ser percebidos em todo o país. Na capital baiana, as transformações das técnicas de desenho puderam ser constatadas nas obras de vários artistas.

A relação entre a Bahia real e imaginária inspirou outros artistas a comporem obras sobre as peculiaridades culturais e identitárias do estado, voltada para a capital Salvador que, inclusive, estiveram vinculadas à promoção do apelo turístico de Salvador. Cito as obras de Carybé – O ovo da Ema (1976) e a Bahia (1971) que se baseiam em passagens históricas da

cultura e do desenvolvimento brasileiros. Seus trabalhos mostram indícios de trocas culturais através de imagens das transformações da cidade de Salvador no período colonial e nas contribuições das matrizes étnicas na formação da população brasileira.

Um século após o surgimento da fotografia, o país avançou em relação à tecnologia de equipamentos para captura de imagens, permitindo assim retratar, a partir de imagens fotográficas e videográficas, a diversidade cultural humana. O período foi marcado pela construção de narrativas visuais na Bahia. Pierre Verger, junto a artistas, escritores e intelectuais, contribuiu de forma direta para a construção do que hoje se constitui a identidade baiana a partir de registros dos padrões sociais, traços de personalidade, hábitos, práticas e costumes comuns aos habitantes da cidade.

Os padrões presentes nos registros de Verger expressam aspectos sociais da cidade, vistos também nos registros de Mario Cravo Neto; seus retratos mostram a religiosidade baiana com o olhar de fotógrafo e de observador da expressão cultural brasileira contemporânea.

Aspectos da cultura de Salvador traduziram o cotidiano da cidade a partir das páginas dos livros de Jorge Amado. Não à toa, muitos livros de Jorge foram transformados em projetos audiovisuais tanto na TV quanto no cinema, transmitindo a imagem do que é a Bahia do século XX. Para Castro (2014), imagens como essas são flagrantes de uma época que mais parecem uma fotografia em forma de texto. Além disso, ele afirma que a linguagem de Jorge Amado, junto às produções de Verger, Mario Cravo e Carybé revelam a inegável presença da cultura afro-baiana na capital.

As imagens em sua diversidade possibilitam reviver memórias formadoras de novos repertórios culturais que cada indivíduo carrega em sua aparência a partir de vivências absorvidas em cada fase de suas vidas. Além disso, trazem fisicamente elementos capazes de identificá-los.

Signos presentes nas imagens são indicadores de cultura vistos nos costumes e valores religiosos, simbólicos e socioculturais, podem, inclusive, ser ativados através da memória que a imagem possibilita quando lhe é atribuído um significado em comum. Essa compreensão ensejou o levantamento de informações para a construção de uma revisão bibliográfica que pudesse relacionar registros fotográficos e videográficos a fim de dar suporte metodológico à construção desse entendimento.

Inicialmente, a funcionalidade do registro fílmico, enquanto instrumento de aproximação com o grupo de estudantes elegível para para participar da pesquisa, serviu para

observar o modo de os estudantes da turma de Produção de Áudio e Vídeo - PAV, no turno matutino, se perceberem e serem percebidos, quando se trata de pertencimento. Nesse momento, a exibição de um minidoc, sobre o tema identidade, abriu espaço para um diálogo com a turma. O encontro levantou questionamentos importantes sobre afro-baianidade. Esta ação constitui parte do processo da observação participante dentro de uma produção audiovisual e sugeriu a construção de uma atividade dentro dessas referências.

A atividade proposta pela organização do curso constituiu uma atividade curricular dos alunos que buscou observar a interação entre eles. O processo de construção da atividade consistiu em dividir a turma em equipes a fim de desenvolver produções audiovisuais acerca da temática proposta – Identidade. De cinco equipes formadas, duas se tornaram elegíveis para participar da pesquisa pela escolha e desenvolvimento de suas produções. Considerou-se, na ocasião, o envolvimento com o tema, o fenótipo característico de afro-baianidade e a motivação para a realização dos trabalhos. Após a conclusão da atividade, pareceu pertinente investigar visualmente possíveis traços de pertencimento entre os alunos do Curso de PAV – Produção de Áudio e Vídeo do ICEIA, mediados por registros de uma Salvador contemporânea através imagens cujo conteúdo estivesse dentro da temática pertencimento.

Os registros fotográficos, que até então foram referência em vivências pessoais e profissionais já mencionadas, passaram a intermediar o acesso aos participantes do ponto de vista da identidade na perspectiva do pertencimento. A percepção de si próprio(a) e dos demais grupos de pessoas do mesmo espaço escolar foi possível a partir do uso de técnicas de abordagem a aglomerações de grupos sociais que permeiam a construção de uma pesquisa de natureza exploratória utilizando a fotografia.

As imagens produzidas por Ferreira (2004) e selecionadas para mediação com os pesquisados obedeceram a uma ordem cronológica quanto ao período em que foram produzidas e, sempre que possível, pela ordem de acontecimento. A fim de facilitar a identificação pelos participantes, as imagens foram numeradas de 1 a 20. Desse modo, em caso de interação do pesquisado com uma ou mais imagens, seria possível analisá-las posteriormente a partir do relato sobre as imagens apontadas.

As técnicas de análise de descontextualização, contextualização e recontextualização, com base em Porto Alegre (ano ?) A partir de imagens mostradas sem informações de lugar, tempo e motivação em que foram produzidas, teve a função de observar o comportamento dos participantes. Em outro momento, as imagens relacionadas às vivências dos pesquisados foram mostradas sem muitas informações. Por fim, imagens mostradas com suas referências

do tempo em que foram produzidas e motivação do emissor consistiu em provocar, nos pesquisados, reações que pudessem demonstrar expressões de pertencimento em consequência dessas ações.

A opção por trabalhar com essas imagens levou em consideração particularidades indicativas de pertencimento que, em suas referências, remetem a registros e obras de artistas sobre a formação sociocultural de Salvador na contemporaneidade.

A entrevista considerou aspectos das observações preliminares visando compreender como a fotografia, enquanto registro de imagem, poderia expressar a cultura e a identidade de um povo a partir de uma abordagem qualitativa de característica etnográfica. Essa etapa que se constituiu da visualização de imagens baseadas em três pontos analisados por Menezes (2003): O primeiro – na análise do que está representado nessas imagens; segundo – no estudo sociocultural da imagem e terceiro – na identificação de elementos indicativos de pertencimento contidas nelas. Essas ações foram desenvolvidas através do processo metodológico com o uso das técnicas de observação utilizadas por Collier (1973) através do aporte da fotografia. Esse recurso auxiliou a avaliação dos critérios de elegibilidade dos participantes a partir das características fenotípicas afrodescendentes, presença dos alunos(as) matriculados(as) no curso de áudio e vídeo no ICEIA no turno matutino e ter idade entre 15 e 18 anos no momento da seleção.

A busca por traços de pertencimento a partir de diferentes perspectivas resultou na criação de um grupo formado por pessoas que, em suas profissões, abordam questões que envolvem a auto afirmação de jovens afrodescendentes de Salvador no cenário sociocultural da cidade. As categorias de análise da relação existente entre imagem, cultura e memória encontram-se nas falas das participantes como traço de pertencimento afro-baiano de Salvador. Esse processo é detalhado nos capítulos 3 e 4 da pesquisa.

A pesquisa está estruturada em 4 capítulos conforme a descrição a seguir:

Capítulo 1 – Caminho para se pensar a imagem trata das definições acerca da imagem a partir da definição do termo filosófico por Abbagnano. A cronologia do termo expressa no elo entre fatos históricos e sua relação com o homem através da imagem. Morin (1991) quanto à consciência do homem acerca da existência da imagem pela existência do duplo.

A origem do uso da imagem no rito e no mito afro e sua referência na cultura Greco-romana do renascimento. A descoberta da perspectiva e da profundidade como um novo olhar para o desenvolvimento do modo de se pensar desenho como grafia a partir do

advento da fotografia. No séc. XX, a imagem revela aspectos da identidade soteropolitana na perspectiva de Pierre Verger, Carybé, Jorge Amado, Mário Cravo Neto e Ferreira, artistas que em seus trabalhos evidenciam as contribuições da identidade afro-baiana no contexto de Salvador. Na Fé e na Festa reveladas por Ferreira (2004), o miscigenado fenótipo do baiano expressa elementos de identidade que se aproxima do imaginário de Durand (1998) na simbologia atribuída ao arquétipo baiano cuja fama é de um povo alegre e festeiro que se relaciona com "o sagrado e o profano", unindo práticas religiosas à cultura popular. Por fim, a imagem no campo da cultura e na memória individual e coletiva do baiano de Salvador a partir do olhar de alunos do PAV no ICEIA.

O Capítulo 2 – retrata o papel da imagem na memória de Salvador em diferentes épocas. Até o final do Séc. XIX, a presença do negro causava estranhamento à sociedade aristocrata de descendência europeia.

As tentativas dos cidadãos afrodescendentes de se fazerem perceber indivíduos integrantes da mesma sociedade que os oprimia, se contrapõem à expansão socioeconômica pela qual o Brasil vinha passando entre final do séc. XIX e início do séc XX, inclusive nas questões identitárias que podem ter suas consequências refletidas na educação.

A Bahia, um dos estados brasileiros onde a população mantém tradições da cultura africana indicativas da identidade local, tanto no visual que compõe Salvador, quanto nas pessoas que vivem na cidade, revela o autoconhecimento sobre aspectos do mito afro presente na cultura afro-baiana na sociedade, na cultura, na economia e na política contemporânea. Referências essas, trazidas no período escravista e difundido através da diáspora no modo particular do povo baiano em Salvador, presente no cenário social da cidade, refletida no cenário atual de educação.

O Colégio ICEIA tem sua origem no momento em que as políticas públicas estão voltadas para o desenvolvimento da educação do país seguindo o modelo europeu. Nesse sentido, a formação em educação no colégio ICEIA inclui a imagem na perspectiva do desenho como meio de interação entre alunos e professores para uma educação mais participativa. No entanto, cidadãos negros(as) não estavam inclusos na legislação que previa aos cidadãos soteropolitanos o direito de ingresso à escola. Apenas no final do século XX a necessidade de inclusão dos indivíduos de descendência africana marcam o primeiro passo para a reparação de séculos à margem da sociedade de Salvador. Nesse sentido, foram analisados elementos que pudessem indicar tais reflexos nas relações de pertencimento entre os estudantes do ICEIA na atualidade, a partir da análise de imagens.

A popularização de equipamentos fotográficos revelou, através dos trabalhos de artistas já mencionados, a evidência de transformações socioculturais na capital baiana pela ótica da afro-baianidade indicativas de pertencimento.

O desenvolvimento tecnológico das imagens em movimento dá uma nova perspectiva no modo de pensar a cultura de Salvador. Desse modo, o cotidiano afro-baiano passa a ser representado por telenovelas e filmes reconhecidos em todo o mundo, inclusive nas ferramentas voltadas para o conteúdo educacional. Desse modo, um estudo sobre a identidade de Salvador na perspectiva do pertencimento, entre os estudantes do ICEIA, pode indicar ações que apontem para a existência de identificação no espaço escolar de uma Salvador contemporânea.

Capítulo 3 – A imagem da Afro-baianidade indicativa de Pertencimento mostra os mecanismos utilizados na aproximação com a turma elegível como participante da pesquisa. A aproximação mediada por imagens teve o aporte metodológico do seu desenvolvimento conferido pelo detalhamento dos quadros que se constituem das fases de realização desse processo que resultou no levantamento dos dados posteriormente analisados.

Imagem e pertencimento: uma mediação possível? analisa a imagem como um elemento capaz de comunicar visualmente valores, tradições, religiosidade e cultura de Salvador do ponto de vista dos participantes. Seus relatos estão expressos no modo de se sentir pertencente à parcela afro-baiana de Salvador na particularidade do indivíduo e dos grupos sociais envolvendo aspectos que dão a ideia de pertencimento.

Capítulo 4 - A imagem na perspectiva da visualidade foi estruturada, inicialmente, na ação de aproximação com os sujeitos da pesquisa, através de recursos do audiovisual e, posteriormente, mediada por registros fotográficos, um importante passo para o entendimento do contexto sociocultural em que esse público se insere. Em depoimentos, as participantes indicaram compreender o caminho para a construção do autoconhecimento a partir de particularidades, motivações distintas, conflitos e escolhas que se aproximam ora daquilo que lhes parece semelhante, ora daquilo que se mostra diferente.

As imagens disponíveis no capítulo 4 mostram a construção de um diálogo entre imagem e a descrição textual do conteúdo de cada uma delas, destacando pontos que podem ser considerados traços de pertencimento na perspectiva das participantes.

As imagens são as mesmas utilizadas durante as entrevistas para que também possa facilitar a compreensão do leitor. Todas foram mantidas no seu formato original, em cores, apenas digitalizadas para que pudessem estar dispostas tanto na versão virtual quanto

impressa. Nas considerações finais buscou-se evidenciar aquilo que a questão de pesquisa propôs: Afinal, como a imagem vinculada à cultura afro-baiana de Salvador pode indicar traços de pertencimento de estudantes do curso de audiovisual do ICEIA?

CAPÍTULO 1 - CAMINHOS PARA SE PENSAR IMAGEM

O termo imagem pode ser designado de diversas maneiras. O espelho do que se utiliza no processo de representação para significar algo ou alguém, ou entendimento sobre o lugar a que pertencemos, inseridos de diversas maneiras no contexto de nossas vidas. É descrito por Abbagnano (1982) como "*aquilo que é impresso, formado é distinto do objeto existente*, *que se conforma à sua existência e por isso é o que não seria se o objeto não existisse*". Tal acepção expressa a transformação na forma de o homem se relacionar com o mundo a partir da diversidade de elementos que compõem a imagem.

O momento em que o homem tomou consciência da existência do duplo (do ser representado), a necessidade de compreender os sonhos, a sombra que acompanha as pessoas e o reflexo nas águas deu à imagem uma conotação de ação mágica. Uma vez que a imagem, na perspectiva de Morin (1973), permitia invocar o encantamento, possivelmente surgiu a devoção pelo rito, fosse a preparação para a caça, a celebração pelo alimento conseguido, a vivência do luto pelos mortos. Tal consciência despertou a necessidade de expressar sentimentos através dos desenhos nas paredes das cavernas. Acerca da consciência da imagem pelos Neandertais, Morin conclui que os desenhos pré-históricos dos animais representados na caverna estavam ligados a ritos mágicos de preparação para a caça.

O ato de evocar seus mitos e crenças através da imagem era na verdade uma tentativa de explicar o ambiente que os cercava onde a magia se irrompe no surgimento de uma atividade artística com finalidade estética. Esse processo foi percebido no modo de adornar, decorar e esculpir imagens com valor de sorte e proteção, criando um elo entre imagem, rito, magia e imaginário. A partir de então, o ritual humano passa a constituir um comportamento que tem por finalidade obter respostas do meio ambiente exterior por meio dos símbolos e das imagens. Essa compreensão leva ao progresso da humanidade. Decerto, as primeiras construções sociais de que se tem conhecimento se devem ao processo de desenvolvimento humano através da expressão gráfica. Um novo modo de comunicação, a partir da primeira

linguagem escrita que se tem conhecimento, é definida como escrita ideográfica de um símbolo pictográfico.

As imagens simbólicas são citadas por Durand (1998) como um conjunto do imaginário humano pelos seguintes fatores: A imaginação simbólica das estruturas sociológicas no campo do imaginário tem papéis ocupados pela imagem na religiosidade, na filosofia e na formação do imaginário coletivo; na sociedade os conteúdos imaginários (sonhos, desejos e mitos) nascem durante um percurso temporal importante para se racionalizar; recebem seus valores das confluências sociais a partir do apoio econômico, político e militar recebido pelas suas estruturas. Pode-se dizer que esse comportamento é proveniente do que mais tarde seria definido como cultura. Destacam-se as finalidades mágico-religiosas ligadas a uma semiótica, onde magia e religião encontram um significado. Nessa perspectiva, períodos considerados marcos históricos protagonizados pelo homem têm no seu prolongamento a relação com a imagem.

A cultura grega caracteriza o mito como um elemento que permite captar partes de um fenômeno onde o real apresenta-se como parte de sua totalidade; eram transmitidos a partir dos ritos, sem o qual não teria como ser representados, como afirma Leite:

> No contexto da cultura grega, os mitos foram delimitados entre o século IX a.C. e século VI d.C, isto é, puderam ser escritos e aleatorizados. Antes disso, os mitos eram transmitidos apenas pela linguagem oral, sua linguagem por excelência. Acrescente-se a essa forma de transmissão os ritos. Sem eles, não se poderia representar, ou melhor, presentificar de novo o sagrado. Com os ritos, as gerações posteriores poderiam ter acesso ao que foi revelado no passado primordial (LEITE, 2001,p. 11)

O rito tem característica mediadora para tornar concreta a ideia do mito. Até chegar a essa compreensão, faz-se necessário haver o concreto (o palpável) e o simbólico (o espírito). Enquanto simbólico representa a intuição, o real constitui a razão a partir de particularidades. Essa junção constitui a totalidade que a imagem pode mediar. Sobre o rito Leite conclui:

> Mito sem rito é estéril. Não se podia sem eles evocar os deuses nem escutar sua revelação. No momento mítico não se tem ainda a presença da razão como mediadora do conhecimento. A compreensão do conhecimento mítico se dá na passagem do concreto (corpo) para o simbólico (espírito). Aí o espírito capta o sentido pela intuição, daí o real ser sempre captado em sua totalidade, enquanto que quando se passa para a esfera da razão, o real só se dá através de particularidades, isto é, só se chega ao todo através de suas partes.(LEITE, 200, p.11)

A relação dos gregos com a imagem como ato de comunicar, se dá não só pela imagem por si só, mas pela expressão de sentimento, crenças e valores como forma de representar. O antropocentrismo – Palavra de origem grega que une anthropos “humano” e kentron, de “centro”. De acordo com Amorim (1994) era expresso através das imagens dos deuses. Uma construção religiosa com divindades de características humanas que denotam a necessidade dos gregos de compreenderem suas origens:

> Embora o cidadão grego tivesse uma preocupação notadamente política, o viés religioso era algo que o acompanhava, especialmente no temor às divindades. Através do aspecto religioso politeísta, os mitos também tiveram grande influência como discurso legitimador desse povo, a exemplo de Zeus, Apolo, Dionísio, Poseidon, Ares entre outros, que reafirmavam o poder e a presença masculina. No entanto, na mitologia grega há também espaço para mulheres, as quais são representadas pelas deusas Ártemis, Atena, Afrodite, Deméter, Hera e Perséfone, Pandora e Gaia. (AMORIM, 1994.p.62)

Imagens produzidas com riqueza de detalhes, davam a ideia de busca pela perfeição. Expressavam em suas feições sentimentos de ira, amor, felicidade, tristeza, temporalidade, etc. Compreender os sentimentos humanos no ambiente que os cercava, talvez, fosse uma tentativa de explicar a existência de uma força maior, nela buscando reconhecer-se.

A teoria idealista de distinção entre o conhecimento sensível (órgãos sensoriais do corpo) e o conhecimento inteligível (a verdade sobre as coisas) da filosofia de Platão contribuiu para o desenvolvimento da civilização grega. Em sua opinião, todos os objetos da natureza estavam em constante movimento, levando-o à conclusão da existência de três movimentos fundamentais os quais classificou como: o nascimento, a destruição e a transformação.

A referência herdada dos gregos, inicialmente notada na cultura romana, por muito tempo influenciou também a arquitetura e a religião dos romanos, apenas com algumas particularidades. Quanto às crenças, os gregos eram baseadas em mitos, enquanto os romanos estavam mais voltados às práticas de rituais. Mais tarde, Roma se converteria à prática do cristianismo influenciando o modo de pensar da sociedade ocidental durante toda a idade média até o século XV com a queda de Constantinopla. No entanto, os séculos XVI e XVII trazem a retomada do pensamento greco-romano nas expressões artísticas marcadas na história.

O período renascentista (séculos XVI e XVII) marca a retomada da cultura greco-romana na escrita, no modo de pensar e nas artes. A releitura da referência grega pela igreja católica retomou a ideia do homem como medida de todas as coisas. Agora existia um único Deus divino e perfeito a partir do qual todos os homens foram criados à sua imagem e semelhança expressas através das artes. Havia nesse período, maior liberdade para a criatividade nas produções artísticas com a descoberta da perspectiva e das técnicas de pintura.

A descoberta da perspectiva e da profundidade trazia um novo olhar sobre o plano reto e bidimensional. Leonardo da Vinci e Michelangelo, artistas de grande expressão, reconhecidos pelo uso da técnica em seus trabalhos, são considerados, ainda hoje, artistas-cientistas pela sensibilidade de enxergar a ciência do ponto de vista da arte.

A obra de Da Vinci, intitulada o "Homem Vitruviano" – considerada a representação do homem como medida de todas as coisas –, mais tarde daria origem à ergonomia, como referência daquilo que pudesse se ajustar ao corpo humano, nas construções e nas produções de arquitetos, designers, desenhadores, urbanistas, etc.

O trabalho de Leonardo foi relevante para a descoberta da ergonomia. Tempos mais tarde, o conhecimento das formas e medidas do corpo humano aplicado em projetos foi denominado antropometria (estudo de medidas e dimensões do corpo) como afirma Browne et al. (1950). No século XVIII, diversos estudos baseados na antropometria, a partir da obra de Da Vinci, gerou grande impacto no sistema de produção na revolução industrial.

> A principal relevância do trabalho de Leonardo para a ergonomia foi a combinação, em um mesmo desenho, do homem inserido em um círculo e em um quadrado, considerando o movimento natural de seus membros fixos ao tronco, isto é, a relação entre o movimento do corpo humano e o espaço circundante. Hoje, o conhecimento das formas e medidas do corpo humano aplicado em projetos é denominado antropometria. (BROUNE et al. 1950.)

A técnica defendida por Piaget que a define como "o próprio paradigma da ciência"; Da Vinci representa um plano espacial sob o olhar humano onde se atinge a gênese da perspectiva através do desenvolvimento da técnica, da ciência, da arte e do pensamento político e social humano.

A imagem, desde o final da idade média, indicava, através de técnicas de desenho e pintura, a reforma dos dogmas da igreja católica que visava ensinar os princípios cristãos sobre o novo testamento cuja intenção era educar os fiéis a partir das imagens, visto que boa

parte deles não dominava nem a leitura nem a escrita. Veem-se implícitas as contribuições da leitura visual apoiada no crescente avanço da tecnologia dos meios de comunicação da idade moderna até a contemporaneidade.

Nas culturas grega e romana, o desenho era uma forma importante de expressão artística e, muitas vezes, estava ligado à representação de figuras mitológicas, eventos históricos e retratos.

A menção aos fatos históricos justifica-se por serem todos simbologias que demarcam suas passagens, servindo de referência para estudos que envolvem a relação do homem com a imagem. Representam o desenvolvimento das técnicas de desenho e da pintura que mais tarde dariam origem à fotografia e, posteriormente, à videografia (imagens em movimento). Essas referências têm sua origem na cultura africana cujo desenho frequentemente desempenhava um papel crucial na comunicação visual, sendo usado em artefatos, máscaras e tecidos para transmitir significados culturais, históricos e espirituais. Valorizavam a estética visual, privilegiando formas estilizadas e simbólicas.

A diversidade da cultura africana abrange vastos períodos temporais, resultando em uma rica variedade de expressões artísticas atemporais em diferentes regiões. Seu legado de técnicas e conhecimentos amplia a percepção para além de sua divisão geopolítica, formatada após a colonização do Continente pelos países europeus.

A imagem que expressa identidade e resistência na cultura africana está presente em manifestações culturais de representação visual. Essas imagens desempenham um papel significativo como meio de expressão cultural, religiosa e identitária na cultura afro-brasileira. Tal fusão é percebida em diversas áreas e em diferentes regiões brasileiras, cada qual com suas particularidades.

O uso das imagens em práticas religiosas da umbanda e do candomblé representam as divindades e símbolos sagrados nos ritos e cerimônias; nas artes populares que carregam elementos da mitologia africana e suas tradições culturais através de esculturas, pinturas e artesanatos em geral; máscaras, culturas de divindades e objetos utilizados nos rituais são exemplos do papel da imagem em nossa cultura. No carnaval e nas Festas Populares de Salvador, por exemplo, reforçam a diversidade cultural da cidade, promovendo uma narrativa cultural positiva para quem vive e/ou visita a capital da Bahia.

A preservação e a manutenção da Histórica através da imagem transmitem narrativas históricas ancestrais no período escravista, inclusive, experiências que movem as trajetórias contemporâneas de pertencimento. Desenho, pinturas, esculturas e meios visuais atuais, como

a fotografia e videografia, são formas de contar e preservar a memória. Portanto, o papel da imagem na cultura afro-baiana abrange desde a espiritualidade até a expressão artística e identitária.

Pode-se afirmar que a cultura afro-baiana está apoiada num imaginário que representa um conjunto de conceitos, expressões artísticas, tradições e símbolos enraizados na interseção das culturas africanas e baianas, especialmente em Salvador, onde os elementos culturais estão inseridos na religião, na música, na dança, na culinária, na mitologia etc. O imaginário afro-baiano é, portanto, uma fusão de influências africanas e brasileiras que se reflete nos aspectos da vida cotidiana, celebrando a rica herança particular do povo da Bahia

A imagem associada a símbolos identitários de arquétipo indicada por Durand pode, inclusive, classificar a posição do indivíduo na sociedade. Na semiótica analisada por Joly (1996), a representação visual tem a intenção de representar e dar significado, por exemplo, às artes renascentistas entre outros estilos que utilizavam o desenho, a pintura e as esculturas como forma de representação das formas humanas, expressões de sentimentos ou ainda de aspectos socioculturais de cada período.

Se tomarmos por base a semiótica defendida por Samain (2004), é possível compreender significado e representação, ou seja, na pintura, no desenho, na fotografia e nas diversas áreas a que abrange:

> Ao focalizar mais precisamente a questão das imagens, eu diria que elas estão presentes em cada e em todos os meios da comunicação humana. Por assim dizer, elas povoam o universo da comunicação humana desde a fala até a informática. Acrescentaria, no entanto, que a natureza dessas imagens varia - e muito - de um meio da comunicação para outro, de tal maneira que se torna imprescindível saber com que de imagens pretendemos lidar.(SAMAIN, 2004.p.51)

As linguagens utilizadas pelos Neandertais, se analisadas mais profundamente, possuem certa semelhança com o contexto da criança em suas primeiras tentativas de se comunicar. No seio familiar, é a primeira forma de interação com o mundo onde se inicia a construção do seu desenvolvimento. Na visão de Edwards (1979), essa é a fase em que o desenho da criança, inicialmente, está expresso pela imagem do que ela observa ao seu redor, moldando seu entendimento sobre o lugar a que pertence. Segundo, ao ingressar na escola, seguindo uma espécie de padrão de comunicação nas séries iniciais, antes de partir para o letramento. Nessa fase, no modelo contemporâneo de ensino, o desenho é deixado em segundo plano em detrimento da escrita entre as séries fundamentais e o atual ensino médio.

Nessa perspectiva, Negreiros (1993) defende a importância do desenho como disciplina, como acontecia no séc. XIX, no modelo educacional da Europa. “Sob a ótica da educação, o desenho que se ensinava àquela época era elemento chave, inclusive no entendimento do papel da educação formal de indivíduos para a sociedade moderna”. Vale destacar que esse formato se estendia a todas as etapas de formação do indivíduo a partir do modelo educacional escolar da época, para a classe mais privilegiada da sociedade do período.

Apesar de romper-se o vínculo com a imagem em detrimento da escrita no modelo atual de educação, os elementos que as compõem continuam presentes na diversidade de situações cotidianas da vida em sociedade definida por Vygotsky (1960) em dois níveis de desenvolvimento: O desenvolvimento real, considerado uma competência própria do sujeito; e o desenvolvimento potencial, que se dá pela capacidade do indivíduo de adquirir na relação com o outro. Nesse processo, a imagem passa a funcionar como linguagem, a fim de mediar relações permitindo a interpretação de diversas formas e seus diferentes significados.

Durante a trajetória da vida de cada indivíduo, à medida que as vivências se acumulam no cenário sociocultural em que está inserido, em um dado momento, terá se tornado um diverso repertório de imagens durante a sua trajetória que pode refletir suas escolhas em algum momento de sua vida.

As informações acerca da relação entre imagem e comportamento humano, segundo Ferreira (2015), podem “justificar os vínculos históricos que unem as duas formas de linguagem” (desenho e fotografia); mesmo de modos diferentes, ambas as técnicas refletem as intenções do autor sobre o tipo de registro que pretende mostrar, enunciado por Barthes:

> Como a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) - ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão -, ela fornece de imediato esses "detalhes" que constituem o próprio material do saber etnológico. (BARTHES, 2018, p. 31)

O olhar sobre um fato ou a ação de um determinado ambiente podem constituir aspectos para identificar período, comportamento, memória, valores e a cultura de um povo, cada qual com sua particularidade, que permite uma diversidade de interpretações. No entanto, o sentido denotativo da palavra Fotografia, de origem grega, em seu significado

deriva do prefixo “fós”, luz, e do sufixo “grafis” (estilo, pincel) ou ainda “grafê” dá a ideia de desenhar com luz e contraste, se traduz pela criação de imagens através de uma composição luminosa fixada em uma superfície sensível como afirma (Lima 2020).

A técnica fotográfica, em seu processo, ocorreu a partir de diferentes conceitos. Desse modo, não há como definir um único inventor para a origem de sua descoberta. Há apenas a certeza de que foram os artistas os inventores da fotografia como advoga Barthes:

> Dizem muitas vezes que foram os pintores que inventaram a fotografia (transmitindo-lhe enquadramento, a perspectiva albertiana e a clica da camera obsculo). Eu digo: não, foram os químicos. Pois a noema "isso foi" só foi possível no dia em que uma circunstância científica (a descoberta da sensibilidade dos haletos de prata a luz) permitiu captar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto iluminado de forma diversa. A foto e literalmente uma emanação do referente. De um corpo real que estava ali, são partes das radiações que vem me tocar, eu que estou aqui; pouco importa a duração da transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios atrasados de uma estrela. (BARTHES 1990, p.153)

O Decreto feito pelo napolitano Giovanni Baptista Porto em 1558, e conhecido por Da Vinci e tantos outros artistas do período no séc. XV, afirma que a fotografia teve início com o uso da câmara escura como esboço para as pinturas. O aprimoramento da técnica dividiu opiniões acerca da nova descoberta. Para alguns, a fotografia surgiu para libertar os artistas da necessidade de perfeição numa representação mais próxima do real; para outros, a fotografia veio para tomar o espaço dos artistas como na passagem descrita por Dubois:

> Desde o instante em que Daguerre teve a sarle de conseguir fixar as figuras no quarto escuro, os pintores, nesse ponto, foram despedidos pelo bknico. A verdadeira vítima da fotografia não foi a pintura de paisagem, foi retrato em miniatura. As coisas andaram tão depressa que, a partir de 1840" a maioria dos inúmeros miniaturistas se tornaram fotógrafos profissionais, a princípio acessoriamente, depois de maneira exclusiva. (BENJNMIN, 1971, p.65)

A perspectiva utilizada no século XVIII, que consistia num tipo de equipamento semelhante a uma lanterna conhecido por “câmara escura”, já dava indícios do surgimento da fotografia. Este instrumento consistia numa caixa de dimensões grandes onde uma pessoa poderia ficar de pé e de onde era possível ver sua imagem invertida do lado de fora. As imagens eram projetadas numa tela auxiliando o artista na pintura de suas telas.

A câmara clara também foi um elemento importante para a descoberta da fotografia. Foi descrita por Dubois como um instrumento por meio do qual era possível obter imagens a partir de uma lente de telescópio com um prisma, que lhe servia de lente e tinha sua extremidade fixada numa mesa de desenho. A diferença em relação à câmara escura é que não havia projeção. “O artista via a imagem e a reproduziria no papel como se o cérebro do pintor tivesse a função de câmera e, dessa forma, conseguia enquadrar a imagem com o recorte daquilo que iria reproduzir”

A descoberta da sensibilidade pelos sais de prata, sensíveis à luz, permitiram um avanço em relação ao decalque e a cópia manual da imagem “imprimindo” um novo meio de registro “Os retratos de sombra” – coloca-se um objeto numa tela de tecido ou papel iluminado por uma vela para projetar o lado oposto à sombra a ser retratada – recebeu o nome de silhueta por causa do autor da técnica Étienne Silhouette, ministro do Rei Luís XV.

A demanda provocada pela procura da nova técnica, resultou na necessidade de reproduzir cópias. Em 1783, Gillles Louis Chretien[1] Criou um dispositivo que permitia gravar uma cópia de perfil das pessoas em cobre podendo reproduzi-las em várias cópias. Graças a uma publicidade da época idealizada por ele que dizia “Nada se paga se o retrato não for parecido”, muitos rostos da revolução francesa foram conservados até os dias atuais, inclusive, quase seiscentos perfis foram expostos no salão de 1797.

O desenho, no período clássico, ganhou uma conotação para além da grafia de expressão de sentimentos, o que lhe permitiu representar e identificar culturas e transformações sociais até que os primeiros indícios do que, mais adiante, viria a ser o surgimento da fotografia.

A busca pela perfeição na imagem, após séculos de aprimoramento das técnicas do desenho, deu lugar ao que ficou marcado como o advento da fotografia. A ferramenta provocou mudanças significativas no modo de comunicar com clareza mensagens visuais contemporâneas. No entanto, para Menezes (2003) tanto o uso do desenho quanto da fotografia como caráter de registro é transformado (...) em registro histórico, documental ou científico. Sua análise possibilita uma leitura precisa das imagens a partir do que se quer identificar nelas.

As diferenças entre desenho e fotografia estão na particularidade do uso das mãos no ato de grafar com lápis e papel na criação do desenho. Na fotografia, uma reação química através da sensibilidade do filme, gera uma imagem que congela um determinado momento.

[1]Violoncelista e gravador francês. Chrétien nasceu em Versalhes. Em 1787 inventou uma máquina chamada "fisionotraço", com a qual tirava retratos de perfil da vida.

Ambas necessitam da intenção do artista para realizar as composições. Além disso, são capazes de contar uma história, um tempo, identificar construções sociais e aspectos culturais de um povo.

As imagens icônicas (pinturas rupestres), como meios de comunicação que até hoje são por nós utilizados, apenas foram transformadas pelo desenvolvimento das artes grega e romana, renascimento e seus aprimoramentos. Desse modo, Durand (1998) conclui que, a partir de descobertas científicas, culturas tiveram origem através do imaginário:

> Muitas descobertas científicas tiveram origem no imaginário de seus pesquisadores. Destacam-se, entre eles, Einstein, Kepler e Newton a partir de suas rotinas educativas de frequentes leituras de um repertório que lhes permitiram intuir determinados fenômenos e só assim estudá-los a fim de comprovar cientificamente suas suspeitas (DURAND 1998 p. 70).

Os estudos realizados por Dumézil (1949) comprovaram que em todas as religiões, até mesmo nas mais arcaicas, há uma organização de imagens simbólicas, onde mito e ritos revelam aspectos socioculturais. Esse fenômeno foi analisado por Durand como um processo mítico de um modelo arquetípico que se repete ao longo dos tempos de modo a não permitir esquecermos a origem dos acontecimentos.

Os avanços tecnológicos no campo das imagens têm sido importantes fontes de pesquisa para a análise do desenvolvimento social. Antropólogos, historiadores, etnógrafos e semiólogos, por exemplo, utilizam como referência imagens, sejam elas fotográficas, videográficas ou iconográficas na construção de suas pesquisas. Na perspectiva de Bianco e Leite (1998) é uma via de captação de conhecimentos, através da percepção, da simbolização e da comunicação visuais que leva à identificação de construções sociais de muitos povos e seus impactos na sociedade contemporânea. Esse pensamento é reforçado por Costa, no que diz respeito à dimensão da imagem nas construções culturais de um povo; ele acrescenta, no entanto, que:

> As imagens só assumem o status de fonte na medida em que compreendemos sua importância informativa constituída dos elementos que representa épocas, culturas, povos e vivências, realizadas no âmbito do emocional ao simbólico e experiências inseridas nas dimensões de tempo e espaço, ela não se expressa sozinha, necessita ser decodificada e interpretada em representação do espaço e do tempo na imagem é quase uma operação determinada por uma intenção mais global. (COSTA 2005)

1.1 IMAGEM E CULTURA

A relação entre imagem e cultura abrange diversas dimensões. É refletida por meio de elementos visuais, símbolos, representações artísticas, fotografias, vídeos e outros meios visuais de expressão.

As imagens são uma forma poderosa de comunicação. Elas podem transmitir ideias, valores e histórias de maneiras que palavras, por si sós, talvez não consigam. Diferentes culturas têm diferentes modos de expressão visual, e a interpretação das imagens pode variar culturalmente. Além disso, desempenham um papel crucial na formação da identidade cultural. Símbolos visuais, tradições artísticas e representações visuais de mitos e histórias são elementos-chave na construção da identidade cultural de uma comunidade ou sociedade. Menezes (2003) pontua que, como fontes visuais, sejam as imagens pintadas ou desenhadas, só têm sentido quando contextualizadas.

As imagens também desempenham um papel importante na documentação da história cultural. Fotografias, pinturas e outros registros visuais capturam momentos significativos e oferecem *insights* sobre as práticas culturais passadas. Enquanto a cultura molda a produção e interpretação de imagens, as imagens desempenham um papel fundamental na construção e transmissão da cultura.

Muitas culturas usam símbolos visuais para representar conceitos abstratos, como a bandeira de um país, símbolos religiosos, ou ícones culturais. Esses símbolos visuais têm significados profundos e são frequentemente carregados de história e tradição cultural. Nesse contexto, Ferreira (2015) enuncia a relação entre a fotografia e a percepção da cultura atuando como mediadora do diálogo entre o operador, o referente e o observador; a imagem fotográfica e o que ela suscita: "Produção e uso da fotografia na análise do fenômeno cultural; recursos da fotografia, identificação e uso." (Ferreira, 2015, p.42)

A cultura é frequentemente disseminada e compartilhada por meio da mídia visual, como cinema, televisão, publicidade e mídias sociais. Imagens nessas formas de mídia podem influenciar a percepção pública, moldar atitudes e contribuir para a cultura popular.

Desse modo, Castro conclui:

> É muito comum ouvir no circuito publicitário da Bahia a expressão: "Bahia – O Brasil nasceu aqui". Tem-se dessa forma, dois importantes elementos discursivos para análise quando se aborda o estado pelo viés identitário: por um lado, a Bahia

> como estado-mãe do Brasil; por outro, com Salvador, a primeira capital exercendo uma centralidade efetiva, topofílica, cuja dimensão escalar de leitura e apreensão se estende pelo território brasileiro. (CASTRO, 2014, p. 121-122).

Silveira (2013) afirma, no entanto que:

> A prática social que se legitima na cultura é vivida no cotidiano, festas, músicas, danças, esportes, literaturas, espetáculos, culinária, religiões, dentre tantas gamas de caracteres, se efetiva no âmbito das diversidades e deveria estar alicerçada no discurso que se refere à igualdade de direitos para todos: moradia, saúde, lazer, escolarização e trabalho, por exemplo. (SILVEIRA, 2013, p. 22)

Quanto à veiculação de expressões identitárias nas mídias, Silveira atenta para a possibilidade de haver mudanças no modo como essas informações estão dispostas pela programação da TV. A troca de conteúdos midiáticos que privilegiam a matriz ideologia europeia por um viés educativo que passe a destacar diferenças culturais podendo corrigir desigualdades.

> Esse multiculturalismo que exige de cada um o respeito e a tolerância para com o diferente pode ser de forma assertiva ainda mais veiculado dentro da grade da programação da TV, visto que esta por sua capacidade educativa pode estimular e consolidar ações voltadas às mudanças de atitudes. (SILVEIRA, 2013, p. 22)

Ortiz (1994) contextualiza o elo entre a cultura local e cultura do cinema, afirmando que "O pensamento liberal encontra no Brasil um espaço político e social durante o século XIX, trata-se de um espaço limitado que não se refere à sociedade como um todo". Para ele, "As contradições ideológicas que marcam a vida cultural nacional no século XX se aproxima cada vez mais das contradições ideológicas da cultura universal, na medida em que se processa uma consolidação da internacionalização do capitalismo."

A criação de órgãos voltados para a difusão cultural brasileira, da atenção popular denota a importância da imagem na comunicação e mediação social no país. Um estudo sobre as religiões africanas no Brasil em relação à memória coletiva da África, mesmo "cortada" de sua origem, consegue se preservar em solo brasileiro. Seu estudo mostra que essa memória se estabelece na materialização dessa cultura (os candomblés) dentro de um espaço social onde o reavivamento dessa memória possa se manifestar. No entanto, afirma que, à medida em que ocorrem as transformações sociais do país, ocorrem, consequentemente, mudanças na

consciência coletiva. A “macumba” e a “umbanda” representam a adaptação ao processo de transformação da história brasileira, adequando as ideias africanas ao contexto nacional. Sabe-se ainda que toda a superestrutura formada pela expansão do capitalismo provocou impactos significativos nas questões culturais brasileiras. Desse modo, os institutos históricos e geográficos e academias de letras se incumbiram de desempenhar a função de candomblés culturais. De acordo com Madalena Diégues, citada por Ortiz, essas instituições voltam para os cultos do passado e reproduzem sua liturgia na chamada “ reatualização da memória”. Diegues afirma ainda, que “ da mesma maneira que os candomblés realizam através do rito à memória coletiva africana, os institutos e academias revivem a memória de um grupo que se coloca como portador da memória nacional. Já Gilberto Freire compreende o retrato intelectual de uma cultura brasileira plural formada por jovens de carreiras promissoras, PHD dos EUA se opõem a uma geração de formação bacharelesca incumbida de produzir pequenos fatos da vida nacional que possibilita uma ação orgânica no campo da cultura.

Os novos intelectuais têm origem a partir da criação do (INC) Instituto Nacional de Cinema – órgão estatal fundado no mesmo ano em que o CFC (Conselho Federal de Cultura). O INC abre novas perspectivas para a indústria do cinema brasileiro. Seus principais objetivos eram formular e executar a política governamental de produção, importação, distribuição e exibição de filmes, a fim de desenvolver a indústria cinematográfica brasileira. Em 1969, a criação da EMBRAFILME amplia a quantidade de filmes produzidos, aquecendo o mercado econômico nacional. Daí, seguindo o apelo popular, surge a necessidade de “reproduzir uma obra como filme” dando visibilidade à cultura nacional.

A mudança de foco, para a grande aceitação popular possibilitada pelo elitismo de pequenos grupos em oposição à comunicação universal para atingir o público consumidor, se deu com o manifesto “Luz e Ação” de Glauber Rocha, Carlos Diegues, Leon Hirszman, Nelson Pereira dos Santos e outros tantos cineastas, formando uma concorrência cinematográfica no Brasil do período, tendo como tema central a agressividade da realidade violenta da história colonial.

O consumo significativo de bens culturais brasileiros passa a ser vinculado ao MEC Ministério da Educação, através de documentos oficiais, a fim comprovar a necessidade de introduzir o ensino do desenvolvimento cultural ao sistema educacional vigente.

A premissa de que “o homem, no sentido de humanidade, precisa se habituar a consumir cultura torna também rentável investir na cultura como produto da atividade turística tanto nacional quanto regional.” Desse modo, é possível perceber essas influências

refletidas no contexto social de Salvador na imagem contemporânea da cidade. De acordo com Moura (2011), Salvador começava a ser representada como sede da afrodescendência em romances da época. Muitos desses trabalhos evidenciaram características étnicas da população baiana, indicando a existência de diferenças, principalmente na composição da cultura local, que se intensificou no século XX.

As primeiras imagens vinculadas a Salvador revelavam uma cidade de indivíduos com características de origem africana, escravizada e excluída, compondo o visual cultural da capital intensificado no século XX. Pesquisas e discussões sobre questões étnicas e de identidade passaram a ter papel importante a partir de meados do século XX na capital baiana expressas por imagens, nas representações dos romances de Jorge Amado, nas esculturas de Carybé, em registros de Pierre Verger e de Mário Cravo Neto.

Fotógrafo, etnólogo, antropólogo e escritor franco-brasileiro, Verger encontrou na Bahia tema para seus estudos sobre a história, costumes e religião dos povos iorubás e seus descendentes, muitos deles realizados na Bahia e para os quais sua principal ferramenta de pesquisa era a fotografia. Negro e Rocha (2023) afirmam que "Este axé é o ímã", aliás, a que Pierre Verger se entregou ao pôr os pés em Salvador em 1946, "não conseguindo mirar sua câmera fotográfica na direção de pessoas de cores anêmicas". A Roma Negra, como ficou conhecida a Cidade do Salvador, "não se sobressai apenas diante dos estadunidenses".

Os registros de Verger se caracterizavam por retratos em preto e branco. Mas, a pedido, a Ialorixá Mãe Menininha do Gantois – conhecida por disseminar a cultura afro-brasileira da Bahia –, filha de Oxum, orixá que representa a riqueza, teve um registro seu em cores.

Carybé, artista plástico e amigo de Verger, também encontrou na Bahia inspirações para seus trabalhos que valorizavam, entre outras coisas, a cultura afro-brasileira da Bahia e os modos de vida da população baiana em meados do século XX. Muitas de suas obras retratavam a cultura afro-baiana a partir de um olhar que mostrava tais representações.

Mario Cravo Neto também teve suas referências nas composições de Verger. Em suas fotografias, desenhos e esculturas, gostava de contemplar o que o objeto (pessoas, manifestações ou objetos) a ser fotografado transmitia para ele, tentando, assim, traçar um perfil para aquela imagem.

O escritor Jorge Amado, amigo próximo de Carybé e Verger, teve muitas de suas obras transformadas em minisséries e novelas reconhecidas mundialmente. Castro (2014) considera que Amado enxergava o Pelourinho como um espaço, lugar de sentir o jeito de ser baiano, sob

a ótica do sociocultural. Encontrou inspiração no centro Histórico de Salvador para compor o cenário de muitas das suas tramas, “onde negros e negras, não negros e não negras, sobem e descem as suas ladeiras carregando a Bahia”.

As obras dos artistas aqui citados possuem contextos históricos que permitem analisar a construção da sociedade étnica de Salvador com contribuições importantes acerca de elementos de pertencimento afro-baiano atual em seus trabalhos através de imagens fotográficas e videográficas. No entanto, a pluralidade brasileira, sobretudo, a baiana, no sentido da miscigenação e da branquitude exigida pelo europeu colocou à prova a construção de identidade e, com isso, a posição na sociedade da parcela afro-baiana de Salvador.

A partir do final do século XX as questões étnicas passaram a ter um papel importante para estudiosos. Inquietações sobre as contribuições afro-brasileiras na formação da sociedade da Capital baiana tendo como objetos a história, os costumes e as religiões de povos iorubás em sua relação entre África e Bahia que pudesse levar à compreensão da realidade afro-baiana. Muitos desses estudos mostraram que tal realidade está no reflexo da ancestralidade, na coletividade baiana, no reflexo do outro. Entretanto, estudos realizados por Santana (2022) concluíram que a cultura dentro das instituições de ensino era entendida por professores/as como letramento, ou seja, a falta dele representaria a falta de cultura. Esse entendimento ainda hoje é levado para o ambiente escolar contemporâneo. Desse modo, lida-se apenas com o senso comum de meninas e meninos matriculados nessas instituições. Mais adiante ela continua:

> (...) No ano de 1997 a preocupação era com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/1996. Esta lei levou a nós professores/as a ter preocupação com temas que até então a escola não tinha debatido: Pluralidade Cultural, Gênero, Diversidade Sexual, Ética, entre outros temas.

Nota-se aí que o tema “senso comum” carrega consigo um importante traço de pertencimento pontuado por Santana: “(...) no tema pluralidade cultural, professores/as pensam a cultura como universalizante, como sinônimo de escola. Abominavam a religião do outro que não é protestante, pentencostal ou católico”. Mais adiante, na página 16, Santana afirma que a falta deste saber por parte dos professores acaba por formar pessoas preconceituosas gerando discriminações.

O trabalho com os Legados Africanos a fez pensar em elementos da pluralidade cultural. O aprofundamento desses estudos constatou a necessidade do olhar para outros elementos que ajudassem a pensar etnicidade nas perspectivas do entendimento sobre diferentes identidades, questões raciais e mais elementos abrangidos pelo debate étnico. Já na página 21, ela atenta para a questão da dialética da identidade ao dizer que "a afirmação do Eu sou, aparece de forma indireta o que Eu não sou, portanto, uma identidade se afirma negando a outra identidade". Em seu ponto de vista, o etnocentrismo no Brasil levou a sociedade a localizar as pessoas pelo que ela chama de "seus quadrados" onde uma mulher negra e candomblecista não pode ser professora universitária. Essa afirmação pode ser entendida através da seguinte fala: "Estes pensamentos do colonizador instituiu quem pode estar na escola, na universidade" e situa a luta para que a academia seja um local plural e diverso, capaz de reafirmar identidades.

As afirmações de Santana atentam para preparação do professor(a) sobre a forma de lidar com um aluno(a) ainda adolescente em sala de aula cuja religião está representada pela imagem do uso de um turbante que identifica que ele(a) pertence a uma religião de matriz africana, ou de uma aluna com fenótipo afrodescendente representada pela diversidade no modo de assumir seus cabelos crespos sem que essas situações provocam distanciamentos ou qualquer tipo de preconceito. A relação entre a imagem de seus cabelos se revelam um indício de pertencimento à sua ancestralidade.

Na perspectiva de Gomes:

> O cabelo é um dos elementos mais visuais que atesta sua importância como símbolo identitário. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. (GOMES, 2003, p. 174)

Para a autora, este crespo pode ser um fator importante para o trabalho de consciência racial no espaço da escola ao destacar a positividade negra a partir do modo como é assumida. Essa afirmação corrobora com o uso do suporte videográfico de aproximação com a turma de audiovisual e posteriormente com a mediação por registros fotográficos dentro da temática indicativa de pertencimento que, do ponto de vista de Dubois (2012), é um meio de provar para atestar a existência daquilo que se mostra como traço do real onde a curiosidade que lhe

é inerente, permite a investigação em torno do objeto de análise. No campo da ciência, essa "curiosidade" pode vir apoiada por uma gama de métodos e técnicas.

Quanto aos filmes, Pollak (1989) conclui que são os meios mais apropriados para a formação, organização e enquadramento da memória por captar capacidades cognitivas e emoções. O uso dessas técnicas estiveram apoiadas no aprofundamento da base teórica a fim de dar encaminhamento ao processo de construção de conhecimento acerca do pertencimento. Para tanto, foi preciso compreender a origem do colégio ICEIA.

Descortinar a história da instituição, atual Colégio ICEIA, mostrou que esta se desdobra no modelo europeu de educação a que o Brasil aderiu. Por um lado, as políticas públicas para a educação passam a ser pensadas a fim de tornar o estado da Bahia um lugar socialmente civilizado no país e no mundo, visando o desenvolvimento das relações brasileiras com outras nações. Por outro lado, os modelos da "civilização" não contemplavam cidadãos afro-baianos que, a essa altura, já não aceitavam continuar no anonimato.

A legislação vigente previa que ex-escravos e seus descendentes não eram bem-vindos no ambiente escolar da época. Esse reflexo repercute na imagem da educação contemporânea da população afro-baiana de Salvador que emerge de uma educação mais igualitária no cenário atual.

CAPÍTULO – 2 IMAGEM E PERTENCIMENTO AFRO-BAIANO NO AMBIENTE ESCOLAR DO ICEIA

Tratar de Identidade e Pertencimento entre os alunos do ambiente escolar do ICEIA na contemporaneidade remete a pensar na população miscigenada que não cabia no espaço compreendido pela escola. A proibição do acesso da população afro-brasileira à cidadania era previsto por lei.

A identidade de Salvador, na perspectiva de estudantes de instituições públicas, reside nas vivências de pessoas que, assim como eu – cidadã brasileira, preta e natural de Salvador –, que viu no campo do Turismo e da Comunicação Visual um modo de aprofundar conhecimentos sobre aspectos socioculturais de cidade, para, quem sabe, identificar pertencimentos na contemporaneidade.

A proximidade com estudantes do curso de Áudio e Vídeo do Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos – CEEP Isaías Alves motivou o direcionamento da pesquisa a estudantes do referido curso na instituição. Os pesquisados são alunos com

idade entre 15 e 18 anos. Além dos estudantes, a participação se estende a profissionais de diferentes áreas ligadas à temática identidade, a fim de se ter um parâmetro sobre possíveis transformações nas relações de pertencimento. Nesse sentido, buscou-se informações que se aproximasse do processo de mudanças sociais em Salvador tanto no âmbito da educação quanto da ancestralidade que perpassam pelo contexto histórico da instituição.

A Origem do ICEIA

O Colégio ICEIA (Instituto Central de Educação Isaías Alves) nasceu em cumprimento à Lei nº 37 de 14 de abril de 1836, período em que foi instituído o Ensino Normal no Estado da Bahia. Inicialmente, funcionou no Distrito da Sé e somente em 1939 passou a funcionar no conjunto arquitetônico do Barbalho, bairro onde se localiza atualmente.[2]

As ideias iluministas e a Revolução Francesa despertaram a necessidade de se preocupar com a educação que passa a ser um dever social do Estado para com seus cidadãos. Para tanto, seria necessário dar ênfase à formação de professores. Após a independência e a criação do Império brasileiro, a iminência de políticas públicas voltadas para a educação culminou na convocação de uma assembleia constituinte, seguindo as ideias progressistas da Europa. Profissionais baianos da área de educação foram contemplados com uma formação. A ida à França tinha a finalidade de adquirir novos conhecimentos e trazer novas ideias para a criação da Escola Normal de Salvador (atual ICEIA).

> A Escola Normal que se criou, na França, depois da Revolução, passou a ter decisiva influência na estruturação baiana. Do mesmo modo, os cursos e faculdades instituídos por D. João VI receberam idêntica ascendência do ensino superior concebido por ordens de faculdades segundo o modelo napoleônico. Além da evidente referência no texto da Lei 37, o Relatório apresentado pelo Conselho de Instrução Pública à Assembléia Legislativa (Andréa, 1846, apud Matta) insistiu na predominância pedagógica francesa: "Devendo este Estabelecimento ser a imitação das Escolas de França'! O Conselho resolveu apresentar o programa da Escola Normal primária da Academia de Paris (academia aqui significa a organização territorial da educação francesa), situada em Versailles, tentando compensar o atraso da Bahia no campo pedagógico. O programa incluiu:(l) Pedagogia, História e

[2] Origem do ICEIA. Disponível em:http://institutocentraldeeducaoisaasalves.blogspot.com/p/origem-do-iceia-influencia-europeia.html.Acesso em: 16 de fevereiro de 2023

> Geografia, Redação de Atos Civis e Escrituras Públicas, sob a responsabilidade do Diretor da Escola; (2) Instrução Regiligiosa, a ser ministrada pelo capelão da Escola; (3) Leitura e Gramática; (4) Aritmética, Geografia e Desenho Linear; (5) Física e Química; (6) Cultura e Prática dos Jardins (7) Escrituração e Contabilidade, administradas por um professor e administrador do Estabelecimento; e, por último, (8) Música. (BOAVENTURA, 1982, p. 42)

A primeira Constituição Brasileira foi, portanto, outorgada, em 1824, por D.Pedro I. A lei garantiria, entre outras coisas, a educação, citada nos itens XXXII: "A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos" e XXXIII: "Colégios e Universidades onde serão ensinados os elementos das Ciências, Belas Letras e Artes". Reconheceu-se oficialmente a importância de se educar a população do novo império e a primeira escola normal foi criada em 1835 (BOAVENTURA, 1982, p.)

> Em 14 de abril de 1836, a lei n° 37 criou a Escola Normal da Bahia, instalada em 7 de outubro de 1841, no Teatro São João, localizado no Distrito da Sé no Bairro de Nazaré, embora as aulas tivessem começado a 26 de março de 1842, numa casa hoje não mais existente, da antiga rua do Colégio, esquina para a rua das Campeias. (Blog Instituto Isaías Alves, 2011).

A instalação da escola só ocorreu anos depois por conta do envio de professores à França, a fim de participarem de uma formação que lhes daria o direito de exercer tal profissão. Após retorno dos professores em 1841, o local para funcionamento ainda era desconhecido, um empecilho para o início das atividades. De acordo com Boaventura (1982), somente em 1842 a escola passou a funcionar, tendo como seu primeiro diretor, João Alves Portela que teria concluído sua formação em Paris e estaria apto a exercer o cargo.

O curso normal era de um ano, ministrado inicialmente em duas cadeiras: uma mais voltada a procedimentos didáticos, tratava de ensino mútuo e outra, de conteúdos; leitura, caligrafia, aritmética, desenho linear, princípios da doutrina cristã, gramática filosófica da língua portuguesa com exercícios de análise e imitação dos clássicos.

O ensino mútuo consistia na formação de professores mais preparados que ensinavam os colegas considerados menos preparados. Desde o início de suas aulas, em 1842, até o ano de 1852, habilitaram-se na Escola Normal baiana para o magistério, 68 alunos e 24 alunas, 92 professores graduados ao todo, numa média de nove novos mestres por ano. Além disso, havia uma escola anexa para ensino de conteúdos para os alunos das series iniciais e mais avançadas.

Os governantes demonstravam, com frequência, uma preocupação com a atualização de métodos pedagógicos. João Maurício Wanderley, na segunda vez em que ocupou o cargo de presidente da província na Bahia, de 1854 a 1855, introduziu aí o Método Castilho, também conhecido como da *leitura repentina* (é um método de ensino infantil da leitura baseado na utilização de uma cartilha). Foi desenvolvido por António Feliciano de Castilho. Em 1881, foi determinado que as Escolas Normais tivessem uma escola primária anexa regida pelo professor de ensino prático de métodos, reforçando a lei 1335/73. A Lei previa ainda o aumento do curso normal para 3 anos.

Da inserção da disciplina desenho como Linguagem na educação brasileira.

A introdução da disciplina do Desenho nas escolas reside no processo de desenvolvimento da educação baiana e das transformações ocorridas nesse espaço entre o final do século XIX e o início do século XX. O manual "As primeiras Lições de Coisas", do Americano Alisson Calkins (1886) foi influenciado pelos métodos europeus e traduzido para o Português por Ruy Barbosa (1883) após fazer duras críticas ao método de ensino vigente naquele período.

O ensino empregado tanto na formação de professores quanto nas lições dos estudantes foi considerado "ensino vão", "abstrato, morto, de palavras, e só de palavras". De acordo com Trinchão (2017), a nova metodologia contribuiu para o desenho alcançar uma posição fundamental na estrutura didática, ao unir o espírito de infância à prática intuitiva pela observação e representação no embasamento do ensino de lição das coisas nas escolas normais primárias. Estava expresso neste método, já nesse tempo, a imagem a partir do desenho, como uma importante ferramenta de comunicação para transmitir conhecimento. Posteriormente, outras ferramentas tiveram origem no desenvolvimento tecnológico e acabaram sendo incorporadas ao método de ensino.

A Escola Normal, depois unificada, teve continuidade até os nossos dias. Embora tenha sofrido reformas e mudanças de nome. Desde 1968, localizado no Barbalho, o Instituto Central de Educação Isaías Alves recebeu este nome em homenagem ao professor e psicólogo Isaías Alves de Almeida, que na década de 1930 foi responsável pela expansão e melhoria do ensino normal.

Importância histórica da cultura afro-brasileira e formação educacional contemporânea em Salvador nas construções identitárias

Compreender a formação educacional de uma Salvador contemporânea se relaciona com elementos de identidade que pode residir no ambiente da escola. Está ligada à Lei 10.639 que prevê uma reparação na área educacional quanto à compreensão sobre a importância histórica da cultura Afro-brasileira e suas contribuições para a formação sociocultural do país. A partir das pesquisas de Oliveira (2022) sobre a educação antirracista na sociedade brasileira, conclui que desde a época colonial a educação era destinada a "formar somente os filhos dos que detinham o poder". Esse pensamento se estende ao Brasil imperial que dura até 1889, tempo em que os negros e seus descendentes considerados não-cidadãos eram proibidos de estudar.

Após a independência, a primeira Constituição Brasileira em 1824, torna a educação primária gratuita aos cidadãos brasileiros. No entanto, "proíbe o acesso do negro escravizado a esse direito"

> Após a independência, a primeira constituição brasileira, datada de 1824, torna a educação primária "gratuita a todos os cidadãos" como direito inviolável. Entretanto, o negro escravizado, não tem acesso a este direito. O artigo 6 da referida constituição foi redigido da seguinte forma: Art. 6 São cidadãos brasileiros: "Os que no Brasil tiverem nascido, quer sejam ingênuos ou libertos". Entende-se que estes, isto é, os filhos das escravas e os ex escravos, foram excluídos na categoria de cidadãos. (OLIVEIRA, 2022, p.3)

Pode-se dizer que as questões que envolvem a educação foram construídas e estimuladas para manter à margem da sociedade aqueles que não pertenciam à classe abastada e de descendência europeia por não se encaixarem no visual da sociedade brasileira da época. Assim sendo, a conclusão a que chegaram era de "embranquecer" o país com a previsão de que daí a 2 a 3 séculos fosse extinto qualquer vestígio de afrodescendentes no Brasil.

Atualmente, a Lei 10. 639 prevê a reparação de uma lacuna de séculos na história na do povo afro-brasileiro através das diretrizes da educação nacional a partir das seguintes alterações:

A Lei 10. 639, que altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências".

Foram acrescidos à lei vigente, desde a data de 9 de janeiro de 2003, os seguintes artigos:

Art. 1º. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26- A, 79 -A e 79-B.

"Artº 26-A. Nos estabelecimentos do ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da história da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

§ 3º. (VETADO)

"Art. 79-A (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar inclui o dia 20 de novembro como dia Nacional da Consciência Negra".

Bonzatto (2011) Faz uma viagem pela memória diacrônica sobre o Brasil para explicar o que possivelmente levou a vigorar a lei acima descrita. O país vivia um período de grande expansão econômica e política no final do século XIX, pretendia se aproximar do modelo europeu de cultura. Para tanto, foi elaborado um código penal onde práticas socioculturais de origem africanas eram duramente discriminadas e penalizadas. Mais adiante, Bonzatto afirma que "tanto as práticas religiosas, como a capoeira e até a culinária de origem africana, recebeu severas críticas da instituição médica". Essas ações visavam "esconder" a parte da população miscigenada que era crescente e já não aceitava tal condição social a que eram submetidos.

A memória descrita por Bonzatto (2011) remete ainda a despeito do mencionado direito que limita totalmente o acesso do negro á escola, em 1937, onde "o presidente da

província do Rio de Janeiro, Paulino José de Souza, sancionou no mesmo ano, a Lei nº 1 que faz a determinação seguinte para a instrução primária: Art. 3º. São proibidas de frequentar as escolas públicas: 1º "todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas. 2º Os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos. Portanto, retira do negro toda e qualquer possibilidade de frequentar a escola pública nesta província. Tendo em vista que essas práticas ocorreram em diferentes regiões do país, em hipótese, tais ações podem ter impactado na realidade educacional de Salvador. Pode ainda ter sido a causa da atual falta de consciência racial no país.

Contexto histórico brasileiro e construção de identidade no ambiente escolar

A imagem atual da educação ainda desconhece a representatividade afro-brasileira no ambiente escolar, seja pela própria imagem das pessoas que exercem funções hierárquicas – o diretor(a), coordenadores(as), professores(as) em sua maioria de fenótipo europeu que pareciam não perceber esse apelo, seja pela flexibilidade no cumprimento da lei que estabelece a importância do ensino africano e afro-brasileiro nas escolas brasileiras.

A diversidade sociocultural na qual os alunos estão inseridos, visto no título anterior, acompanha o currículo geral nacional ainda baseado no modelo europeu de educação. Dentro desse currículo, pode-se destacar a comemoração ao dia da "Consciência Negra" prevista pelo Art. 79-B da Lei 10.639 e o "folclore" onde, aliás, está inserida boa parte da história do povo negro, incluído no processo de construção da criança como história lendária, onde pouco se leva em consideração a história como forma de representação para a construção de uma identidade.

Do ponto de vista de Cruz et.; al (2012), a escola infantil do nosso universo é o ideal para desenvolver a relação de pertencimento étnico racial na sociedade atual. A inclusão de personagens, cuja imagem seja de representatividade para crianças negras, pode criar uma aproximação, quem sabe, de crianças não-negras no universo de uma escola de séries iniciais.

A experiência de Cruz, ao apresentar o personagem Kiriku[3] Numa escola infantil, mostrou a rejeição de crianças negras e certo sarcasmo de crianças não-negras que, talvez pela falta de conhecimento sobre a história da cultura ancestral africana, tenham reagido dessa maneira. Isso mostra que a realidade sobre a introdução dessas atividades no currículo escolar

[3] Kiriku e a Feiticeira é um filme franco-belga produzido pelo diretor Michel Ocelot,em 1998. É baseado em uma lenda africana sobre o nascimento de uma criança superdotada, ou seja, com altas habilidades.

ainda está andando a passos curtos. No entanto, há em Salvador, instituições de ensino cuja cultura ancestral afro-baiana esteja inserida no currículo escolar sem distinção.

A Escola Maria Felipa, localizada no bairro do Garcia, em Salvador, nacionalmente reconhecida como a primeira escola infantil afro-brasileira, ajustou seu currículo para o ensino do conteúdo voltado para a história da cultura afro-brasileira prevista por lei. A Escola teve seu primeiro ano letivo em 2019 a partir de uma perspectiva pedagógica afrocentrada baseada nos saberes africanos ancestrais e contemporâneos.Visualmente, a escola denota um ambiente de representatividade sociocultural de Salvador em suas instalações.

Bárbara Carine, diretora da escola Maria Felipa, acredita que a educação antirracista começa a partir do ensino básico e deve ser reforçada ao longo da trajetória escolar e acadêmica. Ela exerce atividades como membro do corpo de docentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia e História das Ciências da UFBA e é coordenadora do Grupo de Pesquisa em Diversidade e Criticidade nas Ciências Naturais. Desenvolve pesquisas em formação de professores e professoras na perspectiva crítico-decolonial e em diversidade do ensino em Ciências para a difusão de profissionais pretos e pretas, na esperança de mudar a realidade atual visando reparar séculos de racismo.

Autora do Livro: Descolonizando Saberes: Mulheres Negras na Ciência", foi uma das finalistas do Prêmio Jabuti 2021 (Tradicional Prêmio Brasileiro concedido pela Câmara Brasileira do Livro – CBL). Recebeu também da Câmara de Salvador o Prêmio Maria Felipa por estar à frente da direção de uma escola afro-brasileira. Possui ainda, um perfil nas redes sociais intitulado, @uma_intelectual_diferentona onde fala sobre racismo, docência, maternidade, política e do papel social da escola. Bárbara contou ainda, que a escola foi idealizada a partir de uma demanda familiar, após o processo de adoção de sua filha, em 2018. Quando a pequena estava prestes a iniciar a fase escolar , sentiu a necessidade de criar uma escola em que sua filha pudesse se sentir representada. Uma ação que se estende a outras crianças pretas e não pretas, para que crianças pretas e não pretas tenham uma consciência antirracista.

A homenagem a Maria Felipa retoma o período de lutas pela desvinculação da coroa portuguesa, palco de diversas revoltas e guerras protagonizadas por líderes afrodescendentes. O nome da escola faz referência à contribuição negra de uma das heroínas da independência da Bahia, na Ilha de Itaparica. Isso mostra as contribuições das mulheres na história pela participação da luta pela emancipação do Brasil. Ainda hoje, não há registros na história que comprovem sua existência.

Milton Moura, historiador e professor da UFBA, em entrevista ao Jornal À Tarde (2023), afirma que “A tradição diz que ela era marisqueira e que liderou um grupo de mulheres que participaram da defesa da Ilha de Itaparica, lutando lado a lado com os soldados e os outros guerreiros, inclusive pescadores e roceiros. Essas histórias despertaram a atenção do público nos últimos 30 anos e têm contribuído para reforçar a importância de se considerar a participação da mulher na guerra de Independência”.

Por muito tempo, os festejos cívicos trouxeram como referência feminina de luta pela independência, as figuras de Joana Angélica e Maria Quitéria.

Maria Quitéria de Jesus, a primeira mulher a ingressar nas Forças Armadas Brasileiras, se disfarçou de homem e se alistou em nome de seu pai. Hoje existe em Feira de Santana um Distrito que recebeu este nome pela moradora mais ilustre nascida no local.

Maria Felipa, mulher afrodescendente que liderou grupos de pessoas na Ilha de Itaparica, sem distinção de cor ou credo, apenas, com a mesma intenção de libertar o país de Portugal. Para Moura, Maria Felipa muito contribuiu para defender a Bahia das investidas portuguesas durante os conflitos da guerra da independência. (MENDONÇA, 2023) professor da UEFS e colecionador de figurinhas, aproveitou a pandemia para aprofundar seus conhecimentos sobre a história de Maria Felipa, através de histórias contadas na ilha e no recôncavo, reuniu informações de moradores onde “ela é retratada como uma mulher negra, marisqueira, que trabalhava na indústria baleeira, e sobretudo, uma das grandes heroínas da guerra da independência do Brasil e da Bahia, em 2 de julho de 1823, quando finalmente houve a rendição e fuga dos portugueses.”

A história de Maria Felipa sobrevive ao tempo pela memória coletiva em Itaparica e no Recôncavo, onde, há mais de 30 anos, estudiosos vêm buscando registros que comprovam tais fatos. Essa situação reflete as consequências dessas lacunas na história e na visão das pessoas sobre representatividade, vista mais fortemente nas figuras de Joana Angélica e Maria Quitéria. Indumentárias e adornos colocados pelos pais nas crianças ainda permeiam os festejos do 2 de Julho. No entanto, Moura traz a referência da tradição oral de Itaparica que mantém viva a história de Maria Felipa após 200 anos de independência da Bahia. “A tradição popular situa Maria Felipa ao lado das outras heroínas, Joana Angélica e Maria Quitéria”. Tal referência é feita também aos caboclos, personagens que são fruto da miscigenação branca, indígena e negra presentes nas características de boa parte da população baiana.

A trajetória de Maria Felipa faz referência à necessidade do povo afro-baiano de lutar pela igualdade de direitos enquanto cidadãos nascidos e residentes na capital da Bahia. Entre as principais motivações estavam o enfrentamento à sociedade escravocrata do Brasil do século XIX.

A abolição, oficialmente datada de 1888, marcou as épocas de revoltas, indicando o posicionamento do povo afro-baiano por reconhecimento como integrante da sociedade baiana da época. Além disso, as revoltas tinham como pauta condições socioeconômicas mais favoráveis. Esses fatos não ocorreram aleatoriamente, mas no período de transformações políticas da transição de colônia para a independência.

A Conjuração Baiana (Revolta dos Alfaiates), considerada uma das maiores revoltas no Brasil em 1798, levou homens livres e escravos às ruas de Salvador em busca de uma sociedade mais igualitária, inspirada nas ideias iluministas e na Revolta Haitiana de 1791, que já havia conquistado o fim da escravidão nas colônias francesas.

Em meio às questões políticas, o processo de independência também envolveu questões socioculturais e religiosas. Data desse mesmo período, a criação de um terreiro de candomblé, O terreiro Casa Branca, localizado em Salvador, no bairro do Engenho Velho da Federação, atualmente tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – O IPHAN, mesmo com todas as diversidades e implicações da época. No entanto, os rituais sofreram uma releitura em função dos conflitos entre mito e religião. Segundo Durand (1998), o imaginário imposto pelo catolicismo, seja na contemplação do belo ou na imagem do divino, estava tão imbricado na realidade sociocultural da época que dificultou a aceitação de descendentes do povo africano à sua ancestralidade. Sodré (1998) avalia que a construção social africana teve origem ainda no período escravista. O surgimento dos quilombos parece ter sido um indício da necessidade de se fazer perceber a presença dos negros como um grupo social que servem de referência para o entendimento das relações socioculturais, ritos e religiosidade atuais.

Ancorado na psicanálise do suíço Carl Jung, Durand (1998) desenvolveu um estudo sobre o inconsciente coletivo, a partir da construção dos arquétipos na representatividade de expressar imagens simbólicas coletivas e conclui que o pensamento se forma a partir do imaginário como realidade. A partir das teorias de Gramsci, dá ênfase às crenças folclóricas relacionadas à época, da subversão da ordem, abre espaço também para o pensamento Marxista sobre religião no campo do simbólico. Essas afirmações nos levam a pensar nos

povos africanos que, por muito tempo, viveram numa estrutura dupla em nome da preservação do que hoje chamamos identidade.

É preciso compreender a tentativa de apagamento das contribuições afrodescendentes através da versão do vencedor na história afro-brasileira contada nos livros didáticos. As noções construídas a partir dessa perspectiva foram utilizadas por muito tempo como referência para as construções identitárias contemporâneas onde, inclusive, a história afro-baiana se insere. Nesse sentido, Hall (2000) reflete acerca da existência de um sujeito, de uma cidade e, nessa trilha, a necessária busca pela percepção de identidades. Sodré (1983), por sua vez, advoga sobre a origem da construção da identidade afrodescendente no Brasil, constituída em meio à convivência com a cultura dominante do branco.

Tanto na religiosidade quanto nas relações cotidianas de parentesco e expressões da coletividade de referência africana esse conceito se vê traduzido pela formação social ainda durante a escravidão, pela necessidade dos seus descendentes se verem social e culturalmente representados. Sodré (1998) destaca que, no final do século XIX, os negros na Bahia já não aceitavam mais ficar na clandestinidade.

Os povos africanos escravizados no Brasil trouxeram na bagagem experiências capazes de transmitir uma cultura secular que se mantém até os tempos atuais (Rocha 2022). Não há como negar a cultura dos saberes e fazeres trazidos expressa no modo de ser e de viver do baiano de Salvador. Esses traços de cultura se aproximam das categorias de memória defendidas por Pollak (1992) em que "cada indivíduo carrega consigo a lembrança de acontecimentos vividos individual e/ou coletivamente." Esses podem ter sido vividos pelo indivíduo e pelo grupo social que compartilham a mesma visão de mundo. Tais expressões podem justificar determinados comportamentos como no cenário baiano atual.

Imagem e identidade: Um olhar sobre a cultura de Salvador da Bahia

"A forma espiritual de comunicação se potencia na imagem ou materialização de um objeto ou um lugar que carregam conteúdos simbólicos marcados por hábitos, interação e memória com meio" Menezes (2003)

De acordo com dados do último censo do IBGE 2022, a parcela da população que se declara preta no Brasil deu um salto em 10 anos. Em 2022, 10,6% dos brasileiros se declararam pretos, contra apenas 7,4% em 2012. Foi o maior aumento entre os grupos raciais brasileiros.

A parcela da população que se declara preta no país, deu um salto em 10 anos. Em 2022, 10,6% dos brasileiros se declararam pretos, contra apenas 7,4% em 2012. Com mais de 3,5 milhões de autodeclarados, a Bahia é o estado com a maior população negra do país. Com base na pesquisa, 3.588.000 pessoas se autodeclararam pretas em 2022, o que representa 23,9% da população atual (cerca de 15 milhões de habitantes).

Em 2012, o número era 2.505.000**,** que correspondia a 17,4% da população da época (pouco mais de 14,4 milhões de habitantes). Enquanto o número de pessoas autodeclaradas pretas aumentou, o da população parda diminuiu; em 2012 os pardos eram 62,3% dos baianos, em 2022 o número foi de 56,9%. No mesmo padrão dos pardos, a percentagem de autodeclarados brancos também diminuiu em quase 2%. O número foi de 19,7% da população em 2012 para 17,9% em 2022.

Salvador é uma cidade cuja fama se define por sua riqueza na arquitetura, nas paisagens naturais e nas manifestações da cultura local. Essa última expressa pelas festividades, pelo modo de ser do seu povo e por sua relação com o sagrado. Esses atributos consagram o que comumente se assume como expressão de identidade, popularmente conhecida por baianidade. Inserida no dicionário Aurélio (2006) como substantivo sinônimo de "baianismo", significa, em linhas gerais, "maneiras, atitudes, sentimentos, próprios de baiano'' ou "amor intenso à Bahia, à sua gente, aos seus costumes."

É interessante dizer, que alguns aspectos foram relevantes para a construção do que hoje se conhece por identidade baiana. Até chegar a esse entendimento, houve um processo de construção da identidade de Salvador iniciada no século XIX, intensificada no curso do século XX. Do ponto de vista de Moura (2001), desde o final do século XIX , o Brasil se encontra em constante expansão, inclusive, política.

O processo de desenvolvimento socioeconômico brasileiro contrasta com a representatividade em romances da época, onde Salvador começa a ser representada como a sede da afrodescendência brasileira, evidenciando suas características étnicas compondo o quadro cultural importante da cidade no período. Nesse contexto, Carybé foi um dos artistas que muito contribuiu para a visualização do que atualmente se entende por identidade ao retratar em suas obras indícios da representatividade e da identidade soteropolitana.

Entre as décadas de 40 e 60 do século XX era muito comum ter obras de arte nas fachadas ou no interior dos prédios e ainda hoje algumas dessas obras de Carybé narram a história e costumes de Salvador desde o período colonial. Tais obras encontram-se espalhadas pela Cidade, localizadas no MAM – Museu de Arte Moderna –, no Teatro Castro Alves, no Gradil da Praça do Campo Grande; inclusive, é nesta localidade onde se encontra a maior concentração de obras do autor. Bairros centrais, como Graça e Barra, a rua Chile e a região do Pelourinho também acolhem suas obras, constataram Deonísio e Moraes (2018).

Pierre Verger em suas fotografias gerou influências significativas no que diz respeito às modificações nos imaginários, ao reconhecer a importância da cultura afro-brasileira. Para Castro e Barreto (2016), houve significativo desempenho de Verger na valorização da herança africana no Brasil. Na Bahia, suas imagens muito colaboraram para a representatividade local ao destacar olhares e expressões de pessoas negras em atividades do cotidiano, no trabalho dos pescadores e saveiristas, nas paisagens, nas práticas culturais e religiosas da cidade, evidenciando aspectos sociais e históricos de Salvador.

Mario Cravo Neto (2020), em sua trajetória como artista visual, tem nos seus trabalhos semelhanças com Pierre Verger; seu olhar, contudo, é voltado para o aspecto da religiosidade soteropolitana. O artista tem, no símbolo religioso, referências da própria experiência com o candomblé; traços da identidade cultural da população afrodescendente de Salvador, à qual sente pertencer, retratando-os em suas composições.

O sincretismo religioso e as festas populares são costumes bem presentes na cultura do baiano. Em Salvador, os fiéis que frequentam a igreja do Bonfim são os mesmos que cultuam as religiões de matriz africana, com o desejo de professar a sua fé, e também são os participantes da festa que culmina com a lavagem do adro da Igreja. Segundo Ferreira (2004), as relações de fé e festa estão presentes tanto na memória individual quanto coletiva. Um reflexo disso são as celebrações que acontecem nas casas e as realizadas nas ruas da cidade. Essas relações podem ser vistas, ainda, durante as folias momescas em que blocos afro e afoxés só dão início ao seu desfile após realizarem seus rituais sagrados evidenciando a imagem de que a fé e as festividades fazem parte da cultura de Salvador.

> [...] A fotografia atuando como mediadora das questões que envolvem a relação com o outro – pessoas e grupos sociais -permite várias possibilidades de aplicação. Nesse sentido, a fotografia ganha importância pela capacidade de realizar registro de fatos e situações cuja investigação tenha relevância. Divulgar imagens relativas a manifestações da cultura local de Salvador, referentes às lavagens, ao carnaval e outras que atestem a natureza particular de suas realizações pode abrir possibilidades de estabelecer reencontros. Estes (re)encontros se caracterizam pela

> possibilidade de pessoas se reconhecerem e, nesse reconhecimento, buscarem-se para uma aproximação." (FERREIRA, 2012, p.73)

As transformações das práticas fotográficas promoveram a emancipação de olhares que constituem estilos de vida, expressão e dignidade na sociedade baiana (RABELO, 2021). Desse modo, pode-se dizer que as imagens retratadas nas manifestações populares e práticas religiosas de Salvador são elementos de uma conjuntura que permite ter a ideia de identidade e pertencimento ao lugar onde se vive.

A diversidade de elementos que compõem as imagens socioculturais de Salvador reflete um olhar sobre a cidade, que pode revelar contribuições importantes da parcela afro-baiana da primeira capital do Brasil para a formação da sociedade soteropolitana, mesmo antes que se pudesse dar conta do fato.

Além dos conceitos já citados, inserem-se no contexto desta produção as noções de cultura para a qual são acolhidas aquelas trazidas por Laraia (2001) que a conceitua como comportamentos sociais que nada mais são que produtos de uma herança cultural, a partir de uma analogia à citação de Ruth Benedict, segundo a qual, cultura é definida "como uma lente através da qual o homem vê o mundo" embora o ser humano tenha diferentes modos de ver o mundo.

É preciso levar em consideração valores e comportamentos de cada grupo social e suas peculiaridades provenientes de uma herança cultural de várias gerações. Tal herança é capaz de identificar indivíduos de diferentes culturas por suas características expressas no modo de agir, falar, comer e vestir. De acordo com diferentes comportamentos sociais, de moral e de valores resultantes de uma determinada cultura, seus indivíduos podem ser identificados.

A Identidade Cultural defendida por Hall (2006) se define por aspectos de nossas identidades que surgem do nosso pertencimento. Compreende culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Quanto às cidades Hall afirma que, de alguma forma firmam identidades, visto que, as pessoas se identificam também com os lugares onde vivem para criar raízes.

Indicar a cultura como um conjunto de significados incorporados através de símbolos e materializados através de pensamentos pode residir num indicador que o aproxima de Geertz (1978). Nessa perspectiva, o estético apresenta uma autonomia humana quanto à subjetividade e o imaginário de diferentes formas de perceber imagens que não seja unicamente real através de uma concepção simbólica da cultura. Nesse caso, as imagens se tornam artefatos culturais

que pertencem ao mundo compartilhado dos indivíduos e dos grupos sociais que participam desde pequenos acontecimentos a organizações de alta complexidade. A partir de uma construção social, histórica e cultural, através de um elo que possibilita a relação com o outro, Geertz busca interpretar os significados de todas as vivências do homem como uma teia que ele próprio teceu ao longo da vida.

Sob esta questão, Sodré (1988, p. 43), indica existir de comum entre todas as definições por ele analisadas "é que a cultura remete sempre ao relacionamento com o sentido". Esse sentido "é filosoficamente entendido como condição necessária à existência de significações ou conceitos, veiculados pelos discursos atuantes na organização social". Ao que adiante conclui: "A cultura é o modo de relacionamento humano com o seu real. Este 'real' não deve ser entendido como a estrutura histórica globalmente considerada nem mesmo como um conjunto de elementos identificáveis." (SODRÉ, 1988, p.48).

O real de que fala "é, portanto, aquilo que, resistindo a toda caracterização absoluta, se apresenta como estritamente singular". (SODRÉ, 1988, p.48). Contudo, Brandão (1986) considera a percepção sobre a desigualdade como traços de cultura. Esta pode gerar conflitos de gênero, aprisionar o que julga inferior, subjugar valores e tradições de uma cultura em detrimento das imposições de valores considerados legítimos pelo dominador. Essas diferenças são descritas por Durand (1998) como a junção de atributos dados ao sujeito a partir das relações sociais que determinam o valor do indivíduo de acordo com o meio social e a posição geográfica em que vivem.

As transformações e constantes mudanças que se constituem de memórias reais, por tabela ou subterrâneas, conecta-se com um sentimento que pode estar ligado à identidade, transmitida através da imagem que se cria de si, para si e para os outros, atestadas por Pollak (1973). Esse entendimento se aproxima de Halbwachs (2006) que defende o fato de que a memória individual está contida na memória coletiva, de modo que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupa e de acordo com as relações que se mantêm nesses ambientes, cuja memória não é apenas deles. Nesse sentido, uma memória individual também pode estar contida na memória de todo o grupo em relação ao pertencimento. Halbwachs faz uma analogia ao uso de registros fotográficos para "evocar um acontecimento comum ao grupo". Essa analogia relaciona-se com a ideia de espelho do indivíduo e do coletivo expresso nas seguintes definições:

O espelho como reflexo da afro-baianidade

A noção de imagem abordada aqui vê-se amparada numa das perspectivas apresentadas por Abbagnano (1982) quanto à ideia de espelho onde se pode identificar algo ou alguém. Em 1882, um século antes da definição de espelho da citação acima, Machado de Assis escreveu em uma de suas crônicas mais famosas "O Espelho" sobre a formação da identidade de cada indivíduo e a relação que existe entre subjetividade e vida social a partir do personagem Jacobina, homem rico de meia idade que narra a sua história junto com outros 4 senhores, quando jovens, que definem a sua personalidade na vida adulta. Segundo o personagem, as pessoas têm duas almas: "uma que olha de fora pra dentro e outra que olha de dentro pra fora". Como num reflexo do espelho, a crônica demonstra como o olhar dos outros interfere na imagem que fazemos de nós mesmos.

A ideia de espelho expressa pelas imagens aqui referidas leva a pensar também a obra "O Espelho!" de Guimarães Rosa (1962). Conhecido por sua prosa densa e imagética, o autor apresenta o conto com um enredo simbólico que narra a história de um vaqueiro, um homem violento, que passa por uma transformação espiritual após um encontro traumático com bandidos. O espelho do título tem um significado profundo, representando a autorreflexão e o autoconhecimento.

Já a obra "Espelhos e outros Ensaios" de Eco (1989) é uma reflexão sobre a cultura, a semiótica e a comunicação. A obra traz uma variedade de tópicos, incluindo a natureza da linguagem, a relação entre imagens e realidade e a influência dos meios de comunicação na sociedade, proporcionando uma visão profunda sobre questões culturais e intelectuais. Para Eco é "uma estrutura mais complexa, pelo fato de todos terem, na verdade, terem um espelho que fielmente refletirá a sua própria imagem deformada e outro espelho que deforma a sua própria imagem reproduzida fielmente às imagens que surgirão infinitamente de forma distinta." Se associada à cultura, essa imagem é capaz de identificar povos, religiões, tradições, artes, etc., Nessa perspectiva, remete a pensar a simbologia presente no "Mito Afro" e nos aspectos provenientes de sua diáspora.

A mitologia Afro se constitui de Deidades, contos e lendas por onde as tradições africanas são transmitidas a cada geração. As Deidades africanas representam uma riqueza mitológica nas religiões tradicionais através de diferentes aspectos da natureza, da vida e do cosmos. Muitas vezes há histórias associadas a elas, formando parte importante do mito afro. Há ainda, uma variedade de contos e lendas transmitidos oralmente que fazem parte da

tradição mitológica africana. Essas histórias podem ser expressas através de diferentes formas de arte.

Em se tratando de arte - Artistas africanos e afrodescendentes muitas vezes incorporam elementos da mitologia africana em suas obras. Pinturas podem retratar figuras mitológicas, deidades ou cenas que têm significados específicos nas tradições africanas. Quanto à escultura, historicamente e contemporaneamente, incorpora elementos míticos e simbólicos. Estatuetas e máscaras podem representar deidades, espíritos ou mitos importantes.

A cultura afro também desempenha um papel significativo na arte contemporânea, especialmente em diásporas como a americana e a brasileira. Artistas incorporam elementos mitológicos e imagens que refletem as experiências e tradições afrodescendentes. Elementos mitológicos e símbolos culturais são incorporados a roupas e acessórios, proporcionando uma expressão visual da mitologia afro.

Os artistas visuais contemporâneos aqui mencionados exploram temas relacionados à herança africana, à diáspora negra e às experiências da comunidade afrodescendente através das lentes de fotógrafos e cineastas, a partir da captura de imagens que destacam a riqueza e a diversidade da cultura afro. Isso pode incluir rituais religiosos, celebrações, festivais e outros eventos que incorporam mitos e tradições. Esses mitos não apenas fornecem explicações para a origem do mundo e fenômenos naturais, mas também transmitem valores culturais, ensinamentos morais e sabedoria ancestral.

O mito afro está profundamente ligado à construção do conhecimento afro-brasileiro e afro-baiano. Envolve o reconhecimento, valorização e estudo das contribuições históricas, culturais, sociais e intelectuais das comunidades afro-baianas em diferentes aspectos.

Salvador é um importante centro para as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Templos e terreiros dessas religiões são encontrados por toda a cidade, desempenhando um papel vital na preservação das tradições africanas e na expressão espiritual da comunidade afrodescendente.

O Carnaval de Salvador traz consigo raízes profundamente ligadas às tradições afro-brasileiras. Os blocos afro, como o Olodum e o Ilê Aiyê, dentre outros, desempenham um papel importante na celebração, destacando a música, a dança e a estética afrodescendente. As imagens presentes nessas celebrações não apenas celebram a cultura afro-baiana, mas também influenciam a percepção pública e nacional da cultura local.

A capoeira, uma arte marcial de origem africana que incorpora elementos de dança e música, é uma parte integrante da cultura de Salvador. É uma expressão física e cultural que tem raízes nas tradições africanas trazidas pelos povos escravizados.

A culinária de Salvador reflete fortemente a influência africana: o acarajé, abará, vatapá e caruru, cuja origem é proveniente de uma cultura ancestral. Existe ainda, uma gama de centros culturais que preservam a história do povo negro; movimentos culturais e sociais que trabalham a valorização da cultura afro-baiana; as expressões artísticas, com destaque para as artes visuais, ajudam a contar as questões sociais enfrentadas pela população afro-baiana de Salvador.

A Bahia é um dos estados brasileiros onde a população se caracteriza pela diversidade de elementos culturais africanos. Em Salvador, tal referência se traduz no modo de ser das pessoas que vivem na cidade como resultado da relação de aproximação entre personagens que pertencem ao mesmo tempo-espaço.

A escolha do lugar para criar raízes acontece pela aproximação ao que parece familiar ao indivíduo, ou a um grupo na coletividade, ou ainda a um espaço físico que remete à sua história. Além da diversidade de projeções em eventos, lugares e personagens, há vestígios datados da memória daquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento.

Ativar elementos de cultura contidos na memória do indivíduo pode fazê-lo recordar determinado fato. Se aliado a uma ferramenta de mediação como a imagem, por exemplo, a fotografia, torna-se um agente de comunicação que conecta presente e passado através de uma recordação particular de um grupo social ou uma comunidade. Além disso, a mesma fonte de recordação pode trazer memórias das pessoas de diferentes pontos de vista. Para Hall (2000), as recordações indicam experiências em diferentes culturas que permitem nos enxergar e enxergar o outro como um ser humano complexo para vivenciar um processo em que ambos têm muito a contribuir.

É provável que as memórias acionadas digam respeito a alterações de acordo com o lugar que se ocupa e das relações que se mantêm nesses ambientes, ou seja, as memórias de cada indivíduo envolvem sua interação com a família, com o grupo de amigos, vizinhança, comunidade escolar.

As experiências na vida privada ou na vida pública de um indivíduo não serão assimiladas em sua totalidade, pois vão faltar detalhes no relato ou na biografia. Vendo por essa perspectiva, imagina-se o quanto a data das celebrações fixadas pelo calendário de festas populares da Bahia representa para cada indivíduo e para cada grupo ali presente. Pollak

(1973) avalia este fenômeno como uma memória constituída por pessoas e/ou personagens onde também pode ocorrer, a partir de vivências reais ou ainda, aquelas em que pessoas e/ou os personagens não pertencem ao mesmo tempo-espaço.

Apesar das transformações e releituras nas celebrações das festividades, as manifestações sociais de Salvador guardam questões sociais individuais e coletivas que são reflexos das religiões africanas herdadas pelo povo baiano que permanecem desde a sua origem.

As celebrações em homenagem ao Senhor do Bonfim manifestam-se a partir de três grupos distintos em momentos diferentes da festa. No que tange à celebração da quinta-feira, pela manhã, a festa parece ter a presença predominante das pessoas mais abastadas da cidade, por assim dizer. Lá estão pessoas, grupos, famílias e turistas, normalmente saem antes do cortejo entre 7h30 e 8h da manhã com suas bicicletas ou simplesmente caminhando.

A partir das 10h da manhã, a festa toma outra conotação; agora estão nas ruas aquelas pessoas que foram à lavagem por questões religiosas, pelo que a festa é em si, de acordo com a religião que cultua – Senhor do Bonfim e oxalá –, a indumentária das pessoas que participam da festa varia; a maioria traja vestes brancas. Os mais jovens inovam ao exibir camisetas com dizeres, outros vestem algum tipo de uniforme e/ou traje que leve o nome da instituição ou grupo do qual fazem parte. É também comum, nesse momento, presenciar pessoas fazendo pedidos para alcançar graças, ou pagar suas promessas pela graça já alcançada.

A essa altura o cortejo já faz o trajeto para chegar à colina por volta do meio-dia. A chegada do cortejo dá início ao cumprimento de todos os protocolos e preceitos num misto de culto religioso e discursos políticos, vê-se literalmente aquela área da cidade mudar. É como se aquele momento pertencesse às pessoas da classe mais popular de Salvador, onde diferentes credos se encontram numa mesma celebração dividindo o mesmo espaço.

A passagem do Afoxé Filhos de Gandhy e do Cortejo Afro ilustraram esse momento. Seguidos por diversos blocos, com banda e percussão abrindo os desfiles, dando a impressão de não ter hora para acabar. Assim como nos festejos do Bonfim, essas imagens se repetem nos demais eventos religiosos da cidade do Salvador diferenciando-se, apenas, pelas particularidades de cada santo de devoção e da motivação para a reverência de fiéis e demais participantes das celebrações que se assemelham à categoria da memória nacional que, para Pollak (1973), constitui um objeto de disputa importante. Nelas são comuns os conflitos para determinar datas e acontecimentos que ficarão gravados na memória do povo.

A construção da identidade é defendida por Pollak como um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

A identidade social à imagem de si, para si e para os outros, não permite a construção de uma autoimagem isenta de mudança, de negociação e de transformação em função dos outros. Se considerar a mudança na imagem dos grupos nos festejos do Bonfim, mais precisamente após a chegada do cortejo até a igreja, entende-se que uma observação pessoal coincide com as impressões de outros personagens presentes no mesmo ambiente.

Enquanto para o católico, a imagem representa o Senhor do Bonfim; para os adeptos das religiões de matriz africana ali presentes, a reverência é feita ao Orixá Oxalá que representa a entidade maior, sendo representado pelo uso das vestes brancas. Inegavelmente é a mesma imagem que se distingue pela simbologia que emana um sentimento. O rito e o mito de cada cultura determinam o modo de professar a fé, motivado por suas crenças.

Há ainda aqueles indivíduos que se deslocam para a festa por motivos diversos que não necessariamente são de cunho religioso: aglomeração de pessoas no mesmo local para apreciar semelhanças, perceber diferenças e resgatar memórias. Não se pode deixar de mencionar aqueles que vão à festa pelo fator socioeconômico, mas, sem perder a fé de que Senhor do Bonfim lhe trará prosperidade nas vendas.

As diferentes motivações dão conta de distinguir religião de ancestralidade e de fé. Decerto, por haver ali uma identificação com aquilo que mais se aproxima do que se imagina pertencer. Esse sentimento pode estar expresso na textura dos cabelos, no modo de se vestir, nas expressões corporais e faciais. Para além desses elementos, podem ser citadas também as mudanças de comportamento: sorrisos, movimentos de dança, mudança na expressão de alegria, de contrição, de satisfação, por se reconhecerem, talvez, como parte do mesmo grupo social que participam das mesmas celebrações religiosas e socioculturais da cidade.

Embora sejam situações distintas, o mesmo comportamento pode ser percebido nas relações entre jovens frequentadores do mesmo ambiente escolar em instituições públicas de Salvador. Na perspectiva de Gomes (2003), a escola tanto pode valorizar quanto negar identidade devido aos conflitos motivados pela oposição do negro ao que aparentemente é considerado branco. Se analisado por esse aspecto, as diferenças de comportamento implicam o processo de aproximação e distanciamento. Significa dizer que as diferenças podem ser

aspectos importantes a serem considerados no processo de construção de identidade no espaço que compreende a escola. Afirma também, “que o caminho para refletir sobre identidade é justamente não pensar nela como o único caminho para negros e afrodescendentes”. Nessa perspectiva, os elementos identitários que os indivíduos desses grupos étnicos constroem podem, sim, indicar pertencimento ao meio em que vivem.

De acordo com Ferreira e Santana (2013)

> Pesquisas sobre o legado africano no Brasil, especialmente aquelas propostas nos currículos escolares, poderão fornecer subsídios para formular propósitos que deem conta de se pensar quais são as aprendizagens sobre imagens e símbolos do legado africano no interior das escolas. As pesquisas que adotam o símbolo têm como objetivo servir para os(as) professores(as) desenvolverem ações na escola a partir de uma proposta didática em que o mediador entre cultura e sentido seja o símbolo. Portanto, qualquer pesquisador(a) ou docente que se disponham a desenvolver um trabalho com as culturas africanas devem, independentemente de sua área de conhecimento, ter como objetivo precípuo entender a relação do africano com a palavra. As palavras em si mesmas apresentam-se enraizadas nos mitos, evocando imagens e rituais. (FERREIRA, SANTANA, 2013, p.30)

Em vista disso, tratar de identidade na contemporaneidade em Salvador, no colégio ICEIA, com a participação de alunos do curso de audiovisual é um convite para tratar de assuntos que envolvem construções identitárias dentro e fora da escola. Apesar de não existirem disciplinas específicas voltadas para a história afro-brasileira, é evidente a preocupação em inserir atividades voltadas para esse contexto.

O ICEIA não mais oferece o curso de magistério para a formação de professores como em sua origem. Desde a reforma do ensino em 1971, o curso normal passou para a habilitação em curso profissionalizante. Atualmente, além do ensino médio em formação Geral, o colégio oferece cursos profissionalizantes em diversas áreas, incluindo, o ensino médio com habilitação técnica em Áudio e Vídeo, turma selecionada para a pesquisa.

A proximidade com a comunidade escolar permitiu a participação em atividades extraclasse. A realização do podcast “Mulheres na Ciência”, a fim de entrevistar mulheres afro-baianas na ciência, foi realizada pelos alunos do referido curso. Na ocasião, os estudantes organizam a pré-produção, produção e pós-produção das entrevistas.

A realização da entrevista com a docente Bárbara Carine durante a visita à escola Maria Felipa são exemplos de aprendizagem sobre a cultura ancestral baiana. Na ocasião, estudantes do curso tiveram a oportunidade de conhecer as instalações da escola.

A visita a um ambiente escolar voltado para uma cultura afro-brasileira, onde a Bahia é referência pelo legado cultural afro-baiano, sem dúvida protagonizou inúmeros movimentos na tentativa de manter o que hoje se pode chamar de pertencimento.

A criação do "Cine Lamparina", um Cine Clube organizado pela instituição que relaciona o audiovisual com a exibição de filmes no contexto da história africana, precedido de uma mesa redonda, promove um diálogo entre escola, alunos e sociedade a partir de conteúdos voltados para a construção de uma educação antirracista. A atividade que envolve toda a comunidade escolar é pensada pelo corpo docente e direção da instituição, visando desenvolver o conhecimento dos alunos acerca de questões que envolvem o combate ao racismo estrutural.

Os alunos do PAV estiveram envolvidos com a organização, fazendo a cobertura fotográfica e videográfica do evento. Essas ações que inicialmente configurou uma provocação aos alunos quanto a relações de pertencimento, mostrou que comportamentos vistos no espaço da escola são reflexo das vivências particulares e coletivas desses estudantes no convívio extraclasse, dentro e fora da escola.

CAPÍTULO 3 - IMAGEM DA AFRO-BAIANIDADE INDICATIVA DE PERTENCIMENTO

A pesquisa IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE: Identidade e pertencimento de estudantes do curso técnico de Áudio e Vídeo do ICEIA é de abordagem qualitativa com característica de pesquisa etnográfica por intermédio de fontes visuais.

O processo que envolveu observação participante teve o intuito de analisar aspectos comuns a determinado grupo de pessoas que convivem no mesmo ambiente. A partir de avaliações prévias, foi possível identificar traços de pertencimento entre jovens concluintes na instituição ICEIA acerca de valores, costumes, tradições e credo (no sentido da religiosidade).

Acompanhar as ações do grupo dentro do qual a pesquisa se desenvolveu constituiu uma etapa importante. Entre outras ações, foi realizado o compartilhamento de imagens videográficas no primeiro contato com o grupo elegível para participar da pesquisa; mediação por imagens fotográficas com os participantes durante uma entrevista semiestruturada com roteiro preestabelecido; produção de imagens com os participantes.

O papel da imagem, de acordo com Menezes (2003), pressupõe três momentos: Identificação dos elementos contidos nas imagens a serem detalhadas; o primeiro nas relações entre as imagens e o que está representado nelas; o segundo como método de pesquisa – e o terceiro na particularidade da imagem a partir de um estudo sociocultural. Para tanto, a construção da pesquisa esteve lastreada por uma base teórico-metodológica que direcionou trabalho em campo na demonstração do quadro a seguir:

Figura 5: Aplicação teórico-metodológico à pesquisa

A compreensão sobre imagem dialoga com as definições de Morin (1973) quanto à relação do homem com o mundo por intermédio da imagem desde o homo sapiens. A necessidade de comunicação deu à imagem o sentido da linguagem. Desse modo, o homem nunca mais conseguiu se dissociar desse mecanismo em suas relações. Além disso, a imagem passa a representar fenômenos que dão origem ao culto de ritos e mitos do imaginário humano.

O estudo antropológico do imaginário permitiu seu desenvolvimento na filosofia, na religião e na formação do imaginário coletivo da civilização ocidental. De acordo com Durand (1998), a cultura africana nas relações entre o imaginário e o mito permite identificar a construção da trajetória afrodescendente através da etnografia.

A imagem é capaz de apontar caminhos para a construção de pertencimentos definidos pelo tempo-espaço em que as imagens são produzidas. É importante atentar para a forma como são representadas e de como serão recebidas por quem as vê. Esta representação e recepção podem ser percebidas através das experiências onde real e imaginário são expressos pelo repertório cultural do indivíduo e pelo meio ao qual sente pertencer. Assim, o uso de registros fotográficos justificam a aplicação de imagens contextualizadas com modo de estudantes afro-baianos se sentirem representados no meio social no qual estão inseridos.

A possibilidade de atestar aspectos culturais de um povo propõe uma antropologia visual que elege a fotografia como método de aproximação com o grupo de participantes a partir de observações que contribuem para a análise de imagens. O método de aproximação a seguir demonstra as etapas do processo metodológico apoiado nas técnicas de Collier (1973).

O percurso até a aproximação de fato passou pelo processo de reconhecimento do ambiente da escola. A rotina dos alunos foi observada também à distância, a partir do movimento desses estudantes em suas relações no espaço da escola.

Inicialmente, tanto as meninas quanto os meninos pareciam bem ambientados à escola. Um olhar mais apurado deu conta de perceber alunas utilizando turbantes e indumentárias brancas indicando iniciação em uma religião de matriz africana; meninas e meninos assumindo seus cabelos blacks, dreads, tranças e o uso de tantos outros adereços e acessórios que trazem referência de pertencimento afro-baiano. Essa observação sugeriu a produção de um material videográfico cujo tema se aproxima de discussões sobre identidade. O minidoc[4]

[4] Documentário intitulado " Até Quando? De autoria de Darlon Almeida e Luciana Ferreira para a prevenção, e autocuidado visando uma melhor qualidade de vida para todes". Essa ação visou a promoção da saúde no ambiente escolar cujo tema envolve autoconhecimento e identidade. No minidoc, estudantes da unidade escolar do sexo feminino e fenótipo afrodescendente relataram como se veem e como são percebidas pelos outros. Seus discursos evidenciaram o reflexo do autoconhecimento nas relações sociais tanto com os colegas de escola quanto entre amigos, familiares, práticas religiosas e espaços de lazer.

de aproximadamente três minutos foi exibido para a turma de audiovisual a fim de debater essas questões em sala de aula. A partir desse debate, surgiu a proposta de atividade com os alunos partindo do mesmo tema. Posteriormente, os trabalhos que em seu conteúdo abordaram identidade na perspectiva de pertencimento se tornaram elegíveis para a seleção de participantes. Na ocasião, os registros fotográficos utilizados para mediar um diálogo com as participantes foram selecionados de acordo com as características observadas durante o contato com a turma que pudessem refleti-los.

O quadro abaixo representa o primeiro momento da pesquisa, a partir da exibição do mini doc e critérios de seleção de participantes que direcionaram o segundo momento da pesquisa.

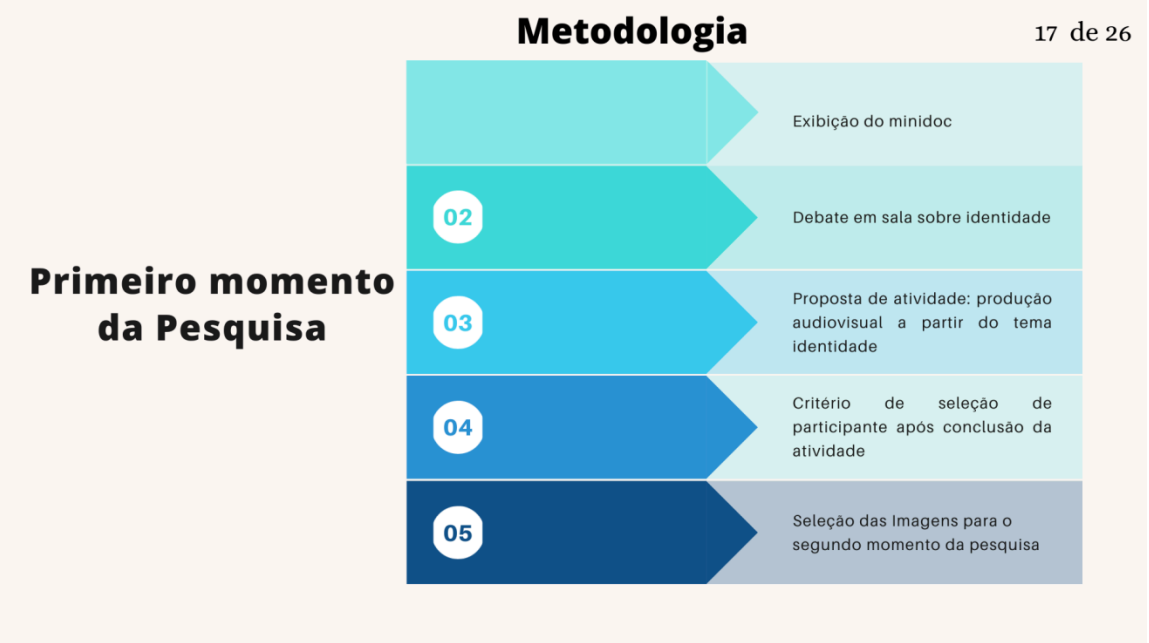

Figura 6: Primeiro momento da pesquisa: Observação da turma e proposta de atividades

As ações preliminares mediadas pela mostra videográfica realizada com os alunos da instituição teve início entre os meses de julho e novembro de 2022, após observações preliminares do cotidiano dos alunos no curso Técnico de Produção em Áudio e Vídeo – PAV, nas dependências do CEEP Isaías Alves – ICEIA descritas acima.

O minidoc "Até Quando?", foi finalista no concurso de vídeos Estudantis Saúde na Escola em 2022, promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia[5]. Essa ação foi,

5

ainda, uma forma de levá-los a pensar nas relações de identidade e pertencimento tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

A data escolhida para a exibição coincidiu com a apresentação de atividades em outras disciplinas, este fato justificou a ausência de alguns estudantes da turma. A turma concluinte no ano de 2022, inicialmente, era formada por trinta alunos matriculados, sendo que dois deles migraram para o curso de computação gráfica na mesma instituição.

Habitualmente a turma era frequentada por vinte e oito alunos, num total de dez meninos e dezoito meninas. Um dado interessante nesta turma é o quantitativo expressivo de meninas em um curso considerado de protagonismo masculino.

O grupo de participantes da pesquisa foi selecionado. Utilizaram-se os seguintes critérios de seleção: ser aluno(a) do curso de áudio e vídeo no turno matutino, ter faixa etária entre 15 e 18 anos. No primeiro contato com a turma, foi observado o quantitativo expressivo de meninas em relação ao de meninos matriculadas no curso de audiovisual Nos encontros seguintes, foram observadas as características fenotípicas dos estudantes e o interesse da turma em discussões cujas temáticas tivessem relação com narrativas negras. Na ocasião, foi exibido um minidoc sobre identidade em seguida um debate sobre o tema.

Após debates com a referida turma, foi lançada uma proposta da atividade sobre identidade na perspectiva de pertencimento. A princípio os alunos reconheceram os colegas nas imagens. Em seguida, mostraram-se surpresos com as falas, como um reflexo das próprias experiências diante dos relatos feitos por elas. Após a exibição, houve um momento de reflexão sobre o documentário.

Durante a preparação para a atividade, a notícia da posição do mini doc exibido como finalista do projeto estudantil animou o grupo na produção de seus trabalhos. Dois grupos se interessaram de pronto pela temática. No entanto, notei que grupos compostos por estudantes de ambos os sexos ou grupos formados apenas por estudantes do sexo masculino preferiram trabalhar com temas ligados às técnicas do audiovisual. Além dessa constatação, apenas estudantes do sexo feminino aceitaram participar do minidoc sobre identidade o que deu início à pesquisa.

A manifestação de interesse dos estudantes foi mensurada a partir do comportamento dos grupos em relação à produção da atividade. As meninas demonstraram maior envolvimento com atividades extraclasse promovidas pela professora responsável pela disciplina de Produção de imagens. Dos cinco grupos formados, os dois grupos de estudantes

do sexo feminino, que tomaram a decisão de trabalhar a temática identidade, se tornaram elegíveis para participar da pesquisa.

É interessante dizer que uma das estudantes, apesar de migrar na metade do curso de Áudio e Vídeo para o curso de Computação Gráfica, manifestou interesse em participar da pesquisa. Sua justificativa para se tornar participante se deveu ao fato de estar sempre envolvida com questões relacionadas ao tema identidade e pertencimento. Revelou ainda, ter apreço por tudo que envolve sua ancestralidade. Esse dado indicou possíveis transformações nas questões de gênero que envolvem autoconhecimento a partir de expressões indicativas de pertencimento.

O acesso às atividades dos grupos permitiu a análise do material escrito e videográfico. As imagens das entrevistas, realizadas nas dependências do colégio, mostraram inicialmente a semelhança entre as características fenotípicas dos entrevistados e de seus entrevistadores. As falas dos estudantes entrevistados pelo primeiro grupo sobre "Autoconhecimento" continham expressões indicativas de pertencimento justificadas por suas características fenotípicas afro-baianas.

O segundo grupo realizou o trabalho intitulado: "Vidas negras importam". Nas imagens, um professor da escola, com as mesmas características fenotípicas observadas nos alunos, aparace dando seu depoimento sobre a importância de uma educação antirracista. Além disso, foram mostradas imagens do Pelourinho e do Bairro da Liberdade/Curuzu, apontados pelos integrantes do grupo como lugares onde a cultura afro-baiana é evidente.

O processo de análise utilizou como critério de avaliação das atividades dos grupos trabalhos que demonstram identificação com o tema identidade tornando-os elegíveis para se tornarem participantes. Automaticamente, ficaram de fora dos critérios de seleção, os grupos que optaram por trabalhar com temas mais técnicos do audiovisual sob os títulos: O uso de jogos digitais no auxílio da educação; A importância do audiovisual no período pandêmico; e A comunicação das cores.

Analisar o trabalho dos grupos de estudantes do ICEIA constituiu uma ação importante sobre a definição do grupo a ser selecionado para trabalhar durante a investigação em campo. Dois dos cinco grupos encontraram, a partir do tema identidade, uma forma de expressar elementos constituintes de pertencimento na particularidade de suas vivências, tanto do espaço da escola quanto do meio que os cercam.

A proximidade com a temática identidade pode estar associada ao perfil da turma. O grupo é formado em sua maioria por mulheres do curso de audiovisual com características

fenotípicas negras. Outro fato importante foi a constatação de que a maioria são moradoras de bairros periféricos da capital, onde se localiza grande parte da população afro-baiana em Salvador.

À medida em que as observações ficavam mais frequentes, a ligação com o grupo se tornou mais consistente. Desde então, a participação nas atividades da turma ficou mais constante. Consequentemente, criou-se uma relação de aproximação que resultou no aceite ao convite para se tornarem participantes na pesquisa. Além disso, a notícia da possibilidade de participação na pesquisa chamou a atenção dos demais alunos da instituição. Nesse momento, também ficou definida a criação de um grupo de profissionais para servir de parâmetro daquilo que pode ser entendido como pertencimento, como mostra o quadro a seguir:

Figura 7: Seleção de Participantes

A relação com o audiovisual aproximou alunas do ICEIA da formação da TV Kirimurê. A emissora do canal 10. 3 promove atividades com jovens na área do audiovisual cuja abordagem se enuncia através do Slogan "A TV onde a gente se vê", a partir da visualidade do povo afro-baiano. Por conta dessa proximidade, as observações com os estudantes passaram a ser realizadas também nas dependências da emissora. Na ocasião foi sondada a possibilidade de se tornarem participantes. No entanto, por motivos pessoais não foi possível a permanência das referidas alunas na pesquisa. Também por motivos pessoais,

um das participantes do grupo de profissionais e uma das alunas selecionadas no ICEIA, desistiram de continuar.

Já no segundo momento, a pesquisa em campo constituiu na criação de um novo grupo sob a possibilidade de haver diferentes perspectivas sobre pertencimento. Essas informações serviriam de parâmetro para os resultados obtidos a partir da entrevista com os participantes do grupo de estudantes.

Participaram do grupo de profissionais de comunicação, a diretora da TV Kirimurê, pela proximidade da temática com a proposta da emissora no trabalho com jovens, para uma educação antirracista no audiovisual. A trancista Jaci Trindade, realizadora de um trabalho de promoção da auto afirmação na Sede do Bloco Ilê Aiyê e apresentadora do programa de rádio "Tambores da Liberdade" na Rádio educadora, por relacionar atividades desenvolvidas no campo profissional a discussões que se aproximam de discussões sobre pertencimento.

O interesse dos alunos pelas falas da comunicadora durante sua participação no evento "Cine Laparina", realizado no ICEIA, para a promoção de uma educação antirracista e posteriormente os relatos no momento da entrevista, mostraram que em suas relações pessoais também existem elementos indicadores de pertencimento.

A análise das entrevistas levou em conta as opiniões e possíveis informações acerca das transformações socioculturais de Salvador. As contribuições tecnológicas contemporâneas permitidas por mecanismos de comunicação visual a partir dos registros fotográficos selecionados para a pesquisa encontram-se detalhadas de maneira sucinta no quadro abaixo.

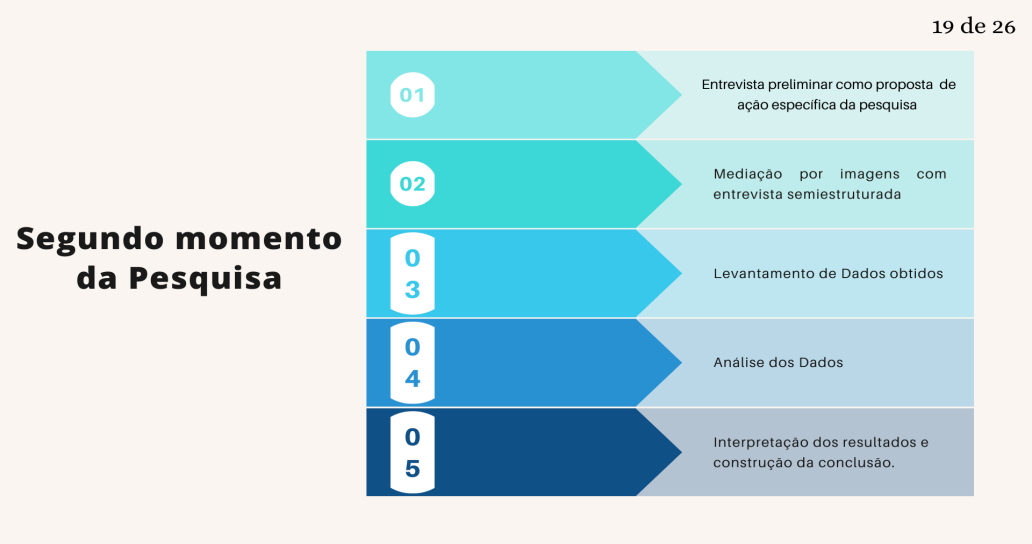

Figura 8: Segundo Momento da pesquisa: levantamento de Dados

As imagens selecionadas fizeram parte da tese de doutorado de Ferreira (2004) em Salvador, durante celebrações de festas populares na cidade. Atualmente essas imagens fazem parte do acervo do LabImagem[6]laboratório que integra o Centro de Pesquisa com acervos visuais e documentação histórica (CEPAV).

Seguindo a trilha da observação participante, utilizadas como mecanismo de aproximação com os pesquisados, as imagens mostraram expressões indicativas de pertencimento afro-baiano. Além disso, o suporte desenhista e fotográfico de Ferreira a partir da visualidade de suas produções possui uma temática sobre Salvador que envolve pessoas, costumes e traços da cultura baiana.

As referidas imagens traduzem elementos que podem ser percebidos nas obras de Carybé, Pierre Verger e Mário Cravo Júnior, autores responsáveis por expressar em seus trabalhos, aspectos socioculturais da população afro-brasileira de Salvador do século XX. Foram constatadas através da análise da imagem de si mesmos, aspectos que evocam um sentimento de pertencimento a Salvador despertado pelo conteúdo presente na fotografia.

Ações anteriores a esse processo foram realizadas para criar uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado. No entanto, o primeiro passo para dar início às observações foi mediado a partir de um ponto em comum – o audiovisual através da proposta de exibição de um documentário mencionado anteriormente. Esta ação consistiu em observar como o cotidiano do ambiente escolar poderia indicar pertencimento.

Vários questionamentos surgiram, à medida que a aproximação com o grupo aumentava: Como era a interação entre pessoas consideradas pretas ou não-pretas, negras ou não-negras no ambiente da escola? Ocupam uma posição de superioridade ou de inferioridade nesse espaço? Como se relacionam com a comunidade escolar: Professores, funcionários e direção da escola? Durante esse processo foram levantados dados que ensejaram características de pertencimento aceitas. Nesse sentido, foi preciso reunir referências para entender o desenvolvimento do ensino afro-brasileiro previsto na implantação da Lei 10.639/03, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional e prevê a inclusão no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira" que leva à compreensão dos impactos dessas discussões sobre o tema no passado para a condução dessa construção na contemporaneidade.

---

[65] O LabImagem tem por finalidade gerenciar o banco de dados de informações produzidas para a UEFS, no local, as informações de documentos históricos, reprodução de obras de arte, objetos tridimensionais e fotografias são digitalizadas, armazenadas nos computadores e disponibilizadas na internet.

As pesquisas de (Oliveira 2022, p. 2) sobre a educação antirracista na sociedade brasileira mostram que, desde a época colonial, “a educação é destinada a formar somente os filhos dos que detêm o poder”. Esse pensamento se estende ao Brasil império e dura até 1889, Proclamação da República, tempo em que “os negros e seus descendentes, considerados não-cidadãos”, eram proibidos de estudar. Após a independência, a primeira Constituição Brasileira em 1824, torna a educação primária gratuita aos cidadãos brasileiros. No entanto, “proíbe o acesso do negro escravizado a esse direito”.

A professora Maria Lúcia Rodrigues Muller (2008), na publicação “A cor da escola”, mostra que a “significativa presença de negros como professoras e alunos gradativamente desaparece, “afetados pelo ideal de branqueamento brasileiro, ideal este que, perpassando a história, continua presente no âmbito da sociedade como um todo e na escola com tímidas reduções a partir das políticas vigentes.”

> A pintura produzida por Modesto Brocos (1895) denominada “Redenção de Cam” que apresenta uma mulher negra idosa, uma jovem mestiça e seu cônjuge branco com uma criança branca no colo é exemplo desta ideologia. O título da tela tem origem, enquanto metáfora bíblica, no Antigo Testamento – Gênesis 9, versículos 20-27[...] transcrito a seguir, que situa num evento único o destino das populações negras: (BROCOS, 1895)

Tais informações foram levadas em consideração no momento da entrevista e apreciação das imagens pelos participantes. Após a conclusão das entrevistas, pontos importantes foram levantados:

- A análise do produto imagético ocorreu a partir da contextualização, descontextualização e recontextualização com base em Porto Alegre (2004). As imagens foram selecionadas, atentando-se para a significação presente no detalhamento dos registros. Além disso, na investigação das imagens como fontes documentais, foi considerado relevante para a compreensão de ações que acontecem na atualidade.
- A análise social da imagem de indivíduos e/ou de grupos sociais conduziram à avaliação do papel da imagem na vida desses personagens no que diz respeito a seus pensamentos, sentimentos e experiências no tempo e espaço.

- No primeiro momento da visualização, as imagens foram mostradas dentro do contexto em que aconteciam, sem informações de tempo; motivação para a sua realização dos registros ou informações sobre o autor; no segundo momento, as imagens foram descontextualizadas a fim de observar a possibilidade de haver identificação dos participantes com as imagens sem qualquer referência sobre cada uma delas como uma espécie de provocação ao imaginário do leitor, na tentativa de fazê-lo perceber se em seu conteúdo havia traços de pertencimento identificado por elas; no terceiro e último momento, as imagens foram recontextualizadas, a fim de identificar elementos de identificação do autor das imagens, o tempo em que foram produzidas e a motivação para a produção das imagens, a fim de aguçar a memória dos participantes no sentido de despertar lembranças e/ou associações.

A decisão de justificar as respostas revelaram dados importantes na análise do que as imagens suscitam nos participantes. Esta ação buscou analisar memórias que podem ter sido vividas por eles mesmos ou, por tabela, através de referências familiares previstas pelas categorias de memória de Pollak (1973), no que tange ao modo de estudantes afro-baianos se perceberem em meio ao convívio social no qual estão imersos. Para tanto, as fotografias foram selecionadas de forma que pudessem levá-los a refletir sobre as contribuições afro-brasileiras na formação sociocultural de Salvador. Foram analisadas, ainda, a possibilidade de haver transformações na contemporaneidade identificadas em seus habitantes, a partir de memórias vividas por seus ancestrais e que foram reproduzidas pelas gerações seguintes, inclusive na atualidade. De acordo com Joly (1996), as situações se referem às significações, mensagens e circunstâncias para extrair o que é pessoal do que é coletivo, através dos pontos de vista comuns que a análise de imagens pode ter, como:

- Distinguir o destinatário - a função da mensagem através de referências imagéticas do seu contexto;
- A imagem como um todo – a paisagem ao redor, o modo de vestir, a cor ou cores que predominam naquele espaço.
- A imagem das pessoas – (olhos, cabelos, corpo) que possam provocar alguma reação indicativa de identificação com o cenário.

Joly destaca mais duas situações: a primeira, situar diferentes tipos de imagens no esquema de comunicação; e a segunda, fazer comparações entre imagens visuais das principais produções do mesmo autor, porém distintas para estabelecer relações entre as imagens e o contexto em que estão inseridas. Essas ações foram levadas em consideração quanto às funções linguísticas e comunicativas, para fazer a distinção entre as funções implícitas ou explícitas que podem ser bem diferentes, de acordo com a resposta de cada participante.

A entrevista foi mediada por 20 registros fotográficos, cujo conteúdo se constitui de festividades tradicionais do ciclo de festas da Bahia e/ou situações cotidianas dispostas em um álbum para apreciação pelos participantes que sugerem elementos do modo de pertencer. Tendo em vista que o sentimento de pertencimento suscita uma diversidade de características, pode-se destacar alguns aspectos que incluem:

Identificação com um grupo ou comunidade específica, onde as pessoas que se sentem parte de um grupo, compartilham das mesmas crenças, valores e objetivos que também se identificam com os outros membros do grupo e sentem que fazem parte dele. Esse processo é descrito por Sodré (1988) p.14 como elementos constitutivos da cultura quando afirma que "toda e qualquer cultura dispõe dos seus diferentes modos de elaboração e de participação, assim como de seus diversos canais de comunicação"

A participação ativa daqueles que se sentem pertencentes geralmente envolve atividades e interações dentro do grupo que compartilham suas opiniões e experiências entre os membros da mesma coletividade e desencadeiam o senso de reciprocidade. Essa afirmação se aproxima do conceito de cultura de Sodré (1988) p.15 onde "a palavra cultura relaciona-se com as práticas de organização simbólica, de produção social de sentido, de relacionamento com o real." Como veremos no capítulo 2.

Pessoas que se sentem pertencentes a um meio social têm a sensação de que são valorizadas e apreciadas pelo que lhe parece semelhante ou ainda a ideia do espelho que reflete a sua imagem. Além disso, a linguagem e os símbolos identitários compartilhados tanto podem ser específicos de uma região como podem ser adotados como símbolos que representam um grupo. Isso inclui jargões, gírias, gestos ou qualquer outro tipo de comunicação que seja exclusiva desses indivíduos

Normas e valores compartilhados também são comportamentos esperados de acordo com as expectativas da comunidade. Nesse sentido, Bastide (1978) analisa a religião do candomblé de origem africana que se manteve na Bahia como uma forma de comunicação:

“Pelo estudo dos *candomblés*, fomos em todo caso levados a ver uma religião africana, tal qual se manteve na Bahia e no Brasil em geral, não apenas simples comunicações mas um conjunto de trocas, de cooperações” (BASTIDE, 1978, p.283). Ainda de acordo com Bastide, a religião vai além das práticas realizadas por seus adeptos. Trata-se de elementos de trocas sociais:

> (...) no caso do candomblé, é a tradição mítica que fornece ao mesmo tempo os quadros dos mecanismos de pensamento, das operações do comportamento humano e, finalmente, das trocas sociais, enquanto em nossa sociedade é preciso inverter a ordem dos elementos, passar das trocas sociais para o comportamento, deste para mecanismos das operações lógicas e finalmente para as ideologias (BASTIDE, 1978, p.284)

É preciso compreender nas falas de Bastide (1978) que a cultura do candomblé na Bahia passou por transformações na tentativa de se adequar ao novo lugar, visto que o comportamento social da época não aceitava indivíduos escravos e/ou seus descendentes em seu convívio. De tal modo, não havia outra forma de manter suas tradições senão utilizar de artifícios para driblar as perseguições da classe considerada superior. Na perspectiva de Brandão (1986), a percepção sobre a desigualdade como traços de cultura pode gerar conflitos de gênero, aprisionar o que julga inferior, subjugar valores e tradições de uma cultura em detrimento das imposições de valores considerados legítimos pelo dominador.

As celebrações entre entidades de religiões de matriz africana e santos do culto católico em um mesmo espaço fazem referência a uma cultura que perdura até os dias de hoje. Essas associações entre culturas religiosas distintas contribuíram, de forma significativa, para construções de pertencimento na contemporaneidade. Neste ponto, se relaciona com símbolos identitários presentes em aspectos da comunicação humana, podendo variar de acordo com cada grupo. Nesse sentido, a imagem torna-se um agente mediador.

O Carnaval de Salvador de aproximadamente 50 anos atrás, período de fundação do Bloco Afro Ilê- Aiyê, primeiro bloco afro a ganhar o direito de desfilar pelas ruas de Salvador durante a folia momesca, reforça a função comunicadora da imagem sob um novo olhar sobre o carnaval da cidade. Tal imagem pode ser considerada a identidade da população afro-baiana de Salvador.

As simbologias presentes na cultura de Salvador, a partir do referido bloco, refletem a população afrodescendente da cidade que, em sua maioria, se caracteriza pelo fenótipo de descendência africana e pela imagem de pessoas que vivem em bairros periféricos, muitos

deles adeptos de religiões de matriz africana. Nesses 50 anos de existência, a comunidade do bairro da Liberdade que, até pouco tempo, era conhecido como o bairro mais negro fora da África, tem a referência do bloco na imagem de seus moradores.

Todos os anos, antes do desfile pela avenida, o Ilê Aiyê tem o compromisso de abrir sua passagem pelo carnaval a partir de um ritual africano que acontece na sede do bloco, no Curuzu. Nesse momento, um público formado por moradores do bairro e de visitantes aguardam a saída do cortejo pelas ruas da Liberdade. Independente de adquirir ou não a fantasia para desfilar no bloco, se vê uma satisfação nos olhares das pessoas ali presentes. Para mim, a imagem do significado de pertencer à singularidade desse espaço.

3.1 - IMAGEM E PERTENCIMENTO: UMA MEDIAÇÃO POSSÍVEL?

O capítulo traz as imagens selecionadas para mediar o contato com participantes sob a possibilidade de haver nessa aproximação entre indivíduo e grupos sociais indícios de pertencimento.

As imagens descritas a seguir foram organizadas de modo que os pesquisados pudessem interagir e, quem sabe, se identificar com os registros. Em seguida, as informações foram confrontadas com as impressões dos(as) participantes. Por fim, foram feitas a análise e a interpretação desses registros de acordo com o ponto de vista de cada entrevistada. Expressões dos participantes após terem acesso a tais registros e as respostas dadas por elas também foram relevantes para a percepção sobre a possibilidade de existirem, no comportamento de cada indivíduo, elementos indicativos de pertencimento.

A imagens, segundo Lima (2019), sejam elas de pessoas, texturas, objetos e cores tendem a atrair a atenção do observador, seja de diferentes faixas etárias, à distância, em primeiro plano, e/ou perfil, são propícias a uma aproximação entre a imagem vista e o observador. Elas prendem a atenção para o elemento que está ali presente podendo ativar a memória, trazer lembranças de um grupo, de um tempo ou da vivência de um fato qualquer, cuja importância se faça notar.

O equilíbrio e a dinâmica presentes na imagem também chamam à atenção sobre a informação que ela traz: Passagem de tempo, período do ano, horário do dia e data em que o registro foi feito, quando os elementos presentes no registro assim indicarem. Nesse contexto, o contato com o registro promoveu uma interação entre imagem e observador tornando-se um ponto de observação e de análise.

A motivação para a escolha das imagens de Ferreira (2004), dentre tantas outras, se justifica pela presença de aspectos socioculturais de Salvador contidos nos elementos que as compõem. Tais elementos foram analisados a partir da possibilidade de identificar pertencimento de pessoas que vivem na cidade previstas nos objetivos da pesquisa. A fim de facilitar a comunicação com os entrevistados, as imagens foram numeradas e dispostas em um álbum para a apreciação dos pesquisados acerca dessas imagens na percepção do que pudesse refletir pertencimento.

A percepção sobre as transformações ocorreram no modo de se reconhecer afro-baiano em Salvador; também foram observadas nas respostas dos participantes. Tais perspectivas remeteram a pensar nas narrativas das Obras de Guimarães Rosa e Umberto Eco anteriormente mencionadas. Ambas fazem referência à ideia de espelho, mostrando como este elemento está ligado à esfera social, permitindo reflexões acerca do comportamento humano no que diz respeito a seu repertório cultural nas sociedades mediadas pela relação com a imagem e de sua representação na interpretação de linguagens.

3.1.1 Seleção de imagens mediadoras da construção de pertencimento

As imagens abaixo tiveram a intenção de mediar uma aproximação com as participantes a fim de observar, em seus relatos e expressões, elementos que pudessem indicar pertencimento. A entrevista preliminar resultou no direcionamento do caminho a ser seguido na segunda fase da pesquisa.

A visualidade das imagens seguiu o método de análise de contextualizar, descontextualizar e recontextualizar a partir dos registros de autoria do Professor Dr. Edson Ferreira. As referidas imagens fizeram parte de sua tese e foram descontextualizadas do seu local de origem com a possibilidade de entrar no contexto do pertencimento da afro-baianidade na perspectiva dos participantes.

O conteúdo das imagens parece construir uma narrativa de Salvador a partir de festividades socioculturais e religiosas da cidade. Além disso, há registros de lugares que expressam elementos particulares da cultura local e, ainda, de aspectos do cotidiano de quem vive na cidade e faz referência também ao modo de viver no interior do estado. Esses aspectos foram pensados durante a seleção das imagens com a possibilidade de suscitar nos participantes um sentimento de pertencimento.

Imagem 1 – Imagem mostra Dona Maria José, baiana de Salvador, adepta de uma religião de matriz africana que se tornou uma figura simbólica da cidade. A imagem destaca seu visual composto por uma indumentária vermelha. Uma matriarca que vem à frente da procissão de Santa Bárbara, no Pelourinho, conduzindo os demais fiéis. Além disso, guias de diferentes cores e braceletes complementam o visual. Na cabeça, um turbante vermelho reverencia o orixá Iansã. Uma mulher que aparece de mãos dadas com D. Maria, parece dar-lhe apoio e destaca-se o contraste no tom de pele entre as duas. Ao fundo, o Estandarte em homenagem a Santa Bárbara surge logo atrás dos muitos fiéis que acompanham a procissão identificando a festa.

D. Maria representa inúmeras mulheres afro-baianas com características semelhantes refletidas no modo particular de ser ao seguir tradições baseadas em sua ancestralidade.

Imagem 2 – Imagem da festa de Bom Jesus dos Navegantes. Na imagem, os marinheiros. A festa instituída pelos capitães teve início em 1750 em agradecimento ao ano que se findava para pedir graças e bênçãos ao Bom Jesus pelo ano que se iniciava.

A imagem feita de cima mostra a galeota com a imagem do Bom Jesus à frente. Na parte externa, a maioria são homens que mencionei acima. Enquanto a maioria das mulheres está na parte interna do barco (parecem ser membros da igreja). Com os remos para cima, os marinheiros parecem saudar o povo. Ao redor da Galeota, aparecem outros barcos: um da guarda costeira, para dar apoio, e outros tantos a distância, reverenciado e/ou apreciando a festa. Esta imagem, assim como tantas outras aqui mostradas, representa uma tradição secular ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

Próximo à Galeota, onde o enquadramento já não permite ver, mas os devotos católicos se misturam aos adeptos de religiões de matriz africana, prática comum entre os baianos, sobretudo, os de Salvador. Decerto, para os adeptos de religiões de matriz Africana, a mesma lhes remete a pensar a Divindade Oxalá que representa o pai maior entre os orixás.

Imagem 3 – A imagem da Igreja de São Lázaro ao fundo e de mulheres em primeiro plano, constituem o cenário da lavagem do adro da igreja. Não é possível saber se a imagem retrata a Festa em celebração a São Lázaro ou a São Roque, uma vez que a igreja é dedicada aos dois santos. Quanto às mulheres, destaca-se em primeiro plano a imagem de uma garota com as vestes características da religião de matriz africana, assim como as demais pessoas que aparecem no registro. Uma criança de aparência serena e sorridente, parece se sentir representada nesse ambiente, aparentando também já ter sido iniciada na religião. No entanto, não há essa confirmação pela imagem. Novamente, as pessoas ali presentes se misturam em suas profissões de fé. Enquanto acontece a missa em celebração a São Lázaro, na mesma igreja onde também se festeja São Roque no mês de agosto, os candomblecistas participam das homenagens em reverência aos orixás Omolu e Obaluaê. Essas características são reflexos da ancestralidade, num período em que os africanos escravizados eram proibidos, pelos seus senhores, de celebrar suas divindades. Para não perder essa referência, associavam os nomes dos santos católicos às divindades africanas como meio de eternizá-las, sendo possível celebrá-las na contemporaneidade.

Imagem 4 – À esquerda e à direita da imagem, dois membros da igreja, provavelmente padres, dão a impressão de se comunicarem visualmente. No centro da imagem, um senhor cuja camisa tem a seguinte frase: “Presente de Oxum, 50 anos”. Ao fundo, populares observam a celebração, enquanto fiéis

carregam um andor. Não é possível identificar na imagem de que santo se trata, porém é possível reconhecer o local que fica no bairro da Federação, em Salvador, ocupadas por barracas, ruas enfeitadas com bandeirolas que adornam o lugar.

Imagem 5 – Imagem de um Jumento atrelado a uma carroça que transportava pessoas e objetos. Aparecem na imagem, duas crianças, dois senhores e o condutor. O enquadramento da imagem não mostra a localização. Talvez, para não baianos, visitantes, ou até mesmo, quem nunca frequentou a Lavagem do Bonfim em edições anteriores, ficaria difícil compreender do que se trata a imagem.

O local que aparece na imagem, faz parte do trajeto percorrido pelo cortejo e fica nas imediações do Largo de Roma que apenas pode ser reconhecido pelas fachadas das casas ou por alguns elementos presentes no registro que identificam o lugar. Ao fundo, pessoas nas sacadas contemplam a passagem do cortejo.

Atualmente, por questões que envolvem os órgãos de proteção aos animais, foi proibida a participação de carroças na festa.

Imagem 6 – O registro mostra mulheres com características que diferenciam umas das outras quanto ao fenótipo. Em algumas delas são visíveis os traços afro-brasileiros. No entanto, estão todas no contexto da festa, inclusive, nas vestes é possível perceber uma aproximação. Parte das mulheres se apresentam trajadas com roupas brancas com característica da indumentária das religiões de matriz africana. Outras estão apenas usando roupas brancas.

Os elementos que compõem a imagem mostram jarros de água de cheiro, flores e turbantes. A imagem aí não tem a função de contar histórias pessoais dessas mulheres. No entanto, o reconhecimento de pessoas do seu convívio pessoal pode trazer aspectos de suas vidas

refletidos na memória de quem as conhece/conheceu, como ocorreu em pelo menos duas dessas imagens.

Imagem 7 – A imagem mostra mulheres de Santo vestidas com indumentária característica de religião de matriz africana. Acima, um quantitativo expressivo de pessoas acompanham o ritual que parece ser o presente destinado à rainha do mar.

Imagem 8 – Na imagem, duas mulheres, uma de perfil e outra de costas, destacam seus cabelos. Seus traços indicam afro-baianidade na cor da pele miscigenada. A segunda mulher de costas com as mãos no rosto e turbante dourado parece admirar o ambiente da festa em Homenagem a Iemanjá. Ainda que desfocada, a imagem mostra elementos que caracterizam o bairro do Rio Vermelho durante os festejos à rainha do mar. Para além do que pode ser visto, a imagem traz algumas percepções sobre elementos que pareceu importante ressaltar. Ambas utilizam tranças no cabelo. Ao que parece as duas pessoas se veem refletidas na imagem uma da outra e nesse reflexo indicam traços de pertencimento: a presença na mesma celebração, a proximidade de suas características fenotípicas, as semelhanças em acessórios e indumentária traduzem um sentimento de fazer parte do ambiente.

A imagem 9 – Imagem é de uma mulher aparentemente emocionada por adentrar a casa de Iemanjá, localizada no bairro do Rio Vermelho, em Salvador. Na imagem, ela aparece sendo amparada por outras mulheres. É uma

mulher preta, cuja aparência traz muita semelhança comigo. Tal atributo despertou a curiosidade das entrevistadas. Quiseram saber de quem se tratava. Seria para elas uma alusão à minha imagem ali representada? A fotografia mostra a mulher em questão, com vestes brancas, ajoelhada numa espécie de altar com imagens e oferendas para Iemanjá. Na parede, uma figura que representa a morada no mar. A memória do período em que as imagens foram produzidas, provaram que não havia a possibilidade de ter sido eu ali presente. Um dos motivos é que neste período, a minha imagem era de uma mulher de 20 anos de cabelos alisados com química. Nesse período, éramos seduzidos(as) pela indústria de cosméticos quanto à forma como cabelos crespos deveriam ser apresentados socialmente. Logo, o registro reflete como me vejo e de como sou percebida pelos outros atualmente, representada pela pessoa na fotografia.

Imagem 10 – Decoração do Carnaval onde é possível identificar o Pelourinho ao fundo. Destacam-se no enquadramento da imagem, figuras gigantes de Zumbi dos Palmares, escrava Anastácia e Maria Felipa. A arte parece simbolizar a resistência dos povos africanos escravizados no Brasil que, historicamente, contribuíram para a formação da sociedade local, principalmente no que diz respeito à cultura. Conhecido pela sua diversidade e reconhecido pela alcunha de "festa mais popular do planeta", o carnaval de Salvador une diferentes públicos que ora se enquadram cada qual em seu meio étnico, e/ou socioeconômico, por assim dizer, ora se fundem na admiração daquilo que parece diferente dentro de um mesmo evento. O aspecto cultural da festa possui características que se aproximam da ideia de pertencimento.

Imagem 11 – Foto do desfile do bloco Ilê Aiyê, não é possível identificar, na imagem, a localização (se é na Liberdade ou no circuito do Campo Grande). Na imagem, uma mulher usa tranças longas em dourado com preto e um acessório com as cores do bloco. O fenótipo afro-baiano contrasta com a cor

dos olhos, um indicativo da miscigenação. Do seu lado esquerdo, um rapaz acompanha o bloco. No enquadramento aparecem outras pessoas com características que se aproximam dos demais, no modo de arrumar os cabelos, em sua maioria, com tranças e acessórios que se diferem apenas na cor. Alguns na cor branca, outros têm as cores do bloco.

Imagem 12 – A imagem também retrata o desfile do bloco Ilê Aiyê. Em destaque, uma senhora com guias no pescoço nas cores, verde, azul e branca, provavelmente que identificam seu orixá. Também se nota a fantasia do bloco e o turbante branco numa foto que destaca seu perfil. De frente para ela, aparece uma mulher com olhar fixo para algo que estava acontecendo fora do quadro.

Imagem 13 – Imagem da Rainha do Ilê no desfile do bloco. Na imagem, a indumentária se refere ao bloco pelas cores que o identificam. Do lado direito, um rapaz que parece fazer parte da ala de dança no bloco.

As imagens 11, 12 e 13 retratam momentos da passagem do Bloco Ilê Aiyê. Entre adereços, indumentárias e fenótipos afro-baianos, há também reconhecimentos de pessoas e de pertencimento. O pertencimento a que me refiro aqui, está na escolha dessas pessoas em desfilarem no mesmo bloco que demonstra uma proximidade com o mesmo ambiente. Quanto ao reconhecimento, me refiro a relatos de participantes que a partir de suas memórias relembraram nessas imagens, momentos importantes de suas vidas, ou ainda o reconhecimento de pessoas nelas.

Esse reconhecimento constitui processos de transformações sociais relevantes para se pensar pertencimento a Salvador afro-baiana na contemporaneidade da Imagem.

14 – Imagem composta por pessoas de diferentes etnias. Do lado direito um rapaz albino e outras pessoas que parecem ser turistas admirando o que veem à sua frente. Três delas são mulheres com penteados comuns às pessoas que vivem em Salvador. Uma delas tem tom de pele mais claro, outra é miscigenada e o rapaz que parece acompanhá-las possui característica oriental. É possível perceber a presença de mais pessoas no local. No entanto, não é possível identificá-las.

Imagem 15 – Parece uma extensão da imagem anterior, apenas de um ângulo diferente. Agora o rapaz da imagem anterior aparece manuseando uma câmera fotográfica. Nele, se destacam acessórios no pescoço e nos braços. Outra imagem que não aparece anteriormente é a de uma repórter e de um profissional que opera câmeras em uma emissora local fazendo filmagem para uma matéria. A camisa que ela veste, indica que a imagem foi produzida durante o Carnaval de Salvador com a logomarca do "Carnaval Globeleza". Trata-se da Rede Bahia, afiliada da Rede Globo em Salvador.

A imagem 16 - Destaca a figura do Arcebispo Primaz de Salvador. O primeiro em Salvador de que eu tenho conhecimento, com fenótipo afro-brasileiro. Aparecem junto a ele na imagem, aparentemente uma família também com características afro-brasileiras

prestigiando o primaz do Brasil como uma figura que os representa. Tal registro parece demonstrar ainda, a satisfação do arcebispo pelo convite para participar do registro.

Imagem 17 – Imagem de Orixás no Dique do Tororó. No centro da imagem uma fonte banha as estátuas que representam Oxalá, Oxum ,Ogum, Xangô, Oxóssi, Iansã e Nanã produzidas pelo artista baiano Tatti Moreno. Acima do Dique, compõem a imagem, casas populares muito parecidas e até organizadas visualmente pela cor. A maioria da cor branca contrasta com outras construções em diferentes tonalidades. A mesma imagem, no relato de participantes retrata a afro baianidade na religião e na particularidade das construções que contrasta com as imagens dos orixás. Na visão delas, de forma unânime, a imagem identifica Salvador à qual se reconhecem.

Imagem 18 – Imagem de uma casa com destaque para a parede. Quadros, relógios, calendários e fotografias compõem o espaço da parede de cor azul um tanto desbotada. Além da parede, os móveis e acessórios da casa trazem um vaso onde está uma planta muito conhecida na Bahia como espada de Ogum que serve de proteção. É importante informar que Ogum para os baianos é diferente do Ogum reverenciado no Rio de Janeiro. Lá, Ogum é associado muitas vezes à figura de São Jorge, enquanto para os baianos, Ogum representa Santo Antônio; ambos, Santos que representam a religião católica. A imagem traz ainda almofadas feitas por um artesão conhecido pelos baianos por “fuxico”. Os móveis de madeira bem conservados remetem a um período anterior que, aliás, lembra a casa da minha avó materna, localizada no Recôncavo baiano, local de onde muitas famílias se deslocaram na busca por melhores condições de vida para seus filhos,

na capital da Bahia. Analisando mais de perto, a imagem retrata D. Maria José, a mesma senhora que vem à frente da procissão de Santa Bárbara na imagem de número 1 deste álbum.

Imagem 19 – A imagem mostra a mesma casa com um enquadramento diferente, uma imagem mais aproximada. Chamam atenção, nesse recorte, fotografias na parede que parecem ser de diferentes épocas; um calendário que permite registrar a contagem do tempo que compreende o ano de 2002. O relógio que marca 14h30' permite ter noção do horário em que a imagem foi produzida. Outro fato importante no enquadramento dessa imagem é a semelhança quase idêntica com o registro realizado na fotografia de número 20, feita na casa da minha avó materna. Ao serem arguidas sobre as duas imagens, as participantes acreditam ser a mesma imagem, apenas com ângulos diferentes. Foi dito ainda que as imagens remetiam às casas de suas avós, madrinhas, tios e tias, etc. A meu ver, mais um indicativo de pertencimento no modo de pensar a decoração das casas, no design e disposição dos móveis. Na parede, a semelhança nas molduras dos retratos, nas imagens de santo decorando o espaço que, inclusive, parece ter sido pintado com a mesma qualidade de tinta.

Imagem 20 – Imagem da casa de minha avó D. Cecília, a quem eu me referi ao ver a primeira imagem. No primeiro momento, as pessoas podem confundi-las e pensar que fazem parte do mesmo ambiente. No entanto, uma delas foi produzida em Salvador e a outra no município de São Tiago do Iguape, Distrito de Cachoeira, no recôncavo. Para mim, uma das imagens com maior indicador de pertencimento pela proximidade entre os elementos que compõem as duas imagens. Na

parede das duas casas, um quadro de São Jorge e outros quadros com fotografias que parecem ser de familiares, dão um ar de identidade. A parede, no mesmo tom de azul desbotado, parece uma extensão da imagem anterior.

As imagens descritas acima de alguma forma fazem parte das minhas vivências desde a infância. Os registros, em sua maioria, constituem imagens de festas populares da Cidade do Salvador realizadas entre os anos de 2002 e 2003. Além dessas, há também imagens de lugares da cidade que, a meu ver, poderiam indicar pertencimento entre os cidadãos que vivem em Salvador e no Recôncavo. São elas as imagens de número (18) (19) e (20).

As fotografias 18 e 19 são da casa de D. Maria José, que também aparece na imagem de número 1, à frente da festa de Santa Bárbara, no Pelourinho. É possível perceber nas duas imagens que sua residência está associada à sua vivência no meio sociocultural que a cerca. Provavelmente tem origem na cultura ancestral de referência africana que se estende por gerações e continua a existir apesar das transformações provenientes do desenvolvimento social.

Os objetos que compõem as imagens da casa se aproximam no ponto em que trouxe a memória da minha infância, quando visitava São Tiago do Iguape, onde minha avó morava. Para mim, essa imagem indica pertencimento pela semelhança com a forma de organização do espaço entre pessoas que não se conheceram pessoalmente, mas que trazem esse traço em comum no modo de ser e de viver. Provavelmente, esses elementos traduzem suas ancestralidades e de alguma forma serviram de referência para gerações posteriores.

As imagens acima cumpriram o papel de fazer as participantes de ambos grupos (estudantes e profissionais) retornarem a memórias de diferentes momentos de suas vidas. Vieram à tona recordações de suas infâncias que demonstraram semelhanças entre as situações vividas por elas nas comunidades em que moravam, no seio familiar e nas relações com a escola e com a religiosidade.

O posicionamento delas, diante da visualização dos registros, foi percebido à medida que as imagens eram mostradas. A princípio, sem a contextualização de referências sobre as imagens. Em outro momento, foram contextualizadas de acordo com a relação de familiaridade dos registros com suas vivências. No último momento, as imagens trouxeram referências da origem, autoria e motivação para a produção delas. Nesse momento, as participantes deixaram suas impressões pessoais e colocaram suas impressões acerca do que pode ser descrito como pertencimento detalhadas na análise a seguir.

4 ANÁLISE DE PERTENCIMENTO A PARTIR DE UMA MEDIAÇÃO IMAGÉTICA

A cada imagem vista pelas participantes, parecia surgir uma lembrança de momentos vividos; reflexo da vida adulta que, na perspectiva de Minayo (1994), "É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. (...) Nele podemos encontrar a dimensão coletiva a partir da visão individual."

A entrevista preliminar realizada com estudantes e profissionais indicou elementos importantes a serem levantados a respeito de identidade. É importante pontuar que todos os relatos a seguir foram mediados por registros fotográficos. As participantes foram mencionadas no texto abaixo por ordem crescente de realização das entrevistas. Encontram-se identificadas por números e pela ocupação (educadora/estudante/trancista) para melhor entendimento sobre as respostas de cada pesquisa. Em relação às imagens, estarão identificadas por número. Nessa ocasião, foi possível observar, além das falas, expressões de entusiasmo, frustrações, saudosismo, etc. que deram fluência à entrevista.

Os indícios de identificação com as imagens mostradas convergem para os elementos levantados no argumento teórico utilizado previamente ao que hipoteticamente poderia indicar pertencimento do indivíduo que vive em Salvador no contexto de estudantes do ICEIA e na memória de profissionais em suas vivências pessoais, inclusive, na área da educação.

As participantes não tiveram nenhum tipo de contato entre si. No entanto, a identificação de cada uma em relação às imagens mostradas deixou evidente aquilo que se pode chamar de memória individual e de memória coletiva parece se confirmar na seguinte afirmação de Halbwachs:

> Reconhecer por imagens é ligar uma linguagem vista ou evocada de um objeto ou de outras imagens que foram com ela um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos. (HALBWACHS 2006, p. 55).

O fato de serem nascidas e residentes na cidade pode ter sido o motivo de tamanha semelhança entre suas respostas. Apesar das experiências diferentes para cada uma dessas pessoas, devido ao tempo em que ocorreu, diferença de idade, ou por outros motivos que envolvem relação familiar e religiosidade mostram, ora pontos de vista semelhantes ora diferentes para cada situação e de acordo com cada imagem vista.

Apesar de diferenças significativas de faixas etárias e de ponto de vista, em alguns momentos, me pareceu haver interação entre elas, tanto pela consciência da ancestralidade africana e de como são importantes para a construção daquilo que consideram ser identidade, em suas vivências de uma forma geral; nas relações familiares; nas relações com Salvador enquanto lugar de memória; no espaço escolar/profissional e no meio social em que convivem, visto que, as entrevistas foram feitas individualmente. Esse fato faz referência à relação entre a memória individual e a memória coletiva defendida por Halbwachs (2006):

> Se situarmos uma ou mais correntes do pensamento coletivo(...) talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo. (HALBWACHS 2006.p.41)

A visualização das imagens de número dezoito (18), dezenove (19) e vinte (20) resultou em unanimidade quanto à memória das pesquisadas. Elas fizeram referência à casa de seus avós, tios, tias, madrinha e outros parentes próximos pelas características identificadas no conteúdo das fotografias. É interessante pontuar que, mesmo se referindo a lugares distintos e em épocas diferentes, para cada uma delas, devido à idade de cada uma, a mesma imagem refletiu a memória de suas infâncias no convívio com seus familiares.

O registro que mostra um espelho com moldura e registros de celebrações religiosas de matriz africana na parede; o quadro de São Jorge na parede das casas e a própria parede das casas parecia compor o mesmo ambiente. No entanto, quando foi dito que se tratava de lugares diferentes e em regiões diferentes, o olhar mais aguçado permite distingui-las. Então, partiram para observar os demais objetos que compunham o ambiente e perceberam que estes também traziam algum significado para elas.

Percepção de pertencimento entre as participantes

A participante 1 (educadora social) recorda a casa da madrinha em Salvador, por quem foi criada na infância, até os detalhes dos objetos da casa lhe pareceram semelhantes. A imagem de São Jorge da fotografia a fez lembrar um quadro de Iemanjá preso na parede da

casa. Além disso, os porta-retratos, as molduras na parede, os móveis de madeira, os acessórios feitos de “fuxico” um artesanato muito confeccionado por artesãos em Salvador; os vasos de plantas foram reconhecidos como iguais aos da casa onde morou há anos.

Vale destacar que a participante 2 (estudante), embora tenha 18 anos, uma variação de idade importante em relação às demais, teve a mesma percepção em relação às imagens enumeradas no parágrafo anterior, quanto às características do lugar. A referida imagem reflete para ela a casa de seus avós onde costumava passar as férias.

A participante 3 (trancista) relatou sentir um “quentinho no coração” ao ver a imagem que a faz recordar a casa de tios e avós em Ilha de Maré, local onde também costumava ir no período de férias escolares. Além das participantes, as imagens possuem um valor sentimental para mim, visto que, a imagem de número (20) se refere à casa de minha avó materna, localizada no Recôncavo.

A educadora social nasceu em Salvador e já morou nos bairros da Federação, Rio Vermelho e Itapuã. Profissionalmente, tem formação em jornalismo, mas atua num canal de TV da cidadania em Salvador. Quanto à identidade, considera que tudo o que ela traz desde a sua infância até o momento em que começou a fazer parte do movimento negro, contribuiu para a construção de uma autoestima e que, a partir daí, criou-se um processo de autoconhecimento, a que ela chama de identidade. O relato de alguns dos momentos de sua infância na casa de sua madrinha, por quem foi criada, soou como um indicador de identidade nas lembranças dessa fase de sua vida expressa em suas feições.

A semelhança entre os sentimentos se vê expressa também na constatação de Ferreira (2004) durante uma exposição realizada por ele com algumas das imagens utilizadas na presente pesquisa. Segundo Ferreira, a imagem permite ao indivíduo reviver um determinado momento de sua vida, tendo sido esta uma experiência pessoal importante, podendo ser esta prazerosa ou não. Segundo o mesmo autor, o ato de reviver o momento passado com a mediação da fotografia, por exemplo, é capaz de ativar a memória do indivíduo sobre sua vivência. Essa ação pode, mesmo de forma inconsciente, refletir sua trajetória no presente. E complementa ao dizer: “Nesse momento desenha-se o exercício da memória. A memória desloca-se no tempo, saí do presente em direção ao tempo vivido e refaz o caminho em direção ao presente, é nesse tempo que ela vive.” (Ferreira, 2004, p.)

A citação acima, embora não seja grafada como se pensa ao falar de desenho, contempla também a ideia acerca do desenho. Antes de ser grafado pelas mãos do homem com a ajuda do lápis e do papel, inicialmente se faz em nossa mente. Tal mecanismo nos

permite (re)conhecer caminhos, pessoas, situações cotidianas da vida, etc. como nos exemplos a seguir:

A imagem 11 permitiu que duas das participantes reconhecessem pessoas. Apesar de situações e circunstâncias diferentes, as mesmas pessoas foram reconhecidas na imagem. Além disso, duas delas fazem parte da mesma religião: Ambas são candomblecistas, entretanto, o sentimento ao ver a mesma imagem foi diferente. Ao visualizar a fotografia, puderam recordar dois momentos distintos de seu passado.

A participante 1 descreve situações que envolveram suas relações com a pessoa reconhecida, tanto no passado quanto no presente. No relato, a pessoa em questão era vendedora de roupas no Pelourinho. Atualmente a mesma pessoa se tornou uma estilista de roupas africanas e possui uma grife de referência em Salvador. No segundo momento, a mesma imagem lhe trouxe a memória de um momento da infância.

> Aqui eu visualizo a onze (11) que é Madá Negrif que hoje é uma grande estilista, né? Uma mulher negra que já foi sacoleira. Muitas vezes eu me encontro no Pelourinho com um sacolão correndo que arranjou um vestido ali, que arranjou um vestido aqui. Hoje ela tem duas lojas, uma na Carlos Gomes e outra no shopping. D Educadora Social.

As roupas da grife possuem uma particularidade que a fez relembrar as roupas de sua madrinha que tinham bolsos grandes para colocar objetos do dia a dia, como pregador de roupas, chaves, etc. A relação afetiva com um momento de sua infância que trouxe lembranças de sua madrinha, serviu de motivação para adquirir os vestidos. Além disso, a imagem de uma das pessoas reconhecidas lhe remetia a algo que ocorreu na sua infância e que inconscientemente trouxe para o momento presente.

> Madá, ela tem uma coisa particular que é dela. Todas as roupas dela têm bolso. Eu sei disso porque eu compro, porque todos os vestidos dela que eu compro têm bolso. Eu gosto de bolso, porque esse negócio de bolso, minha madrinha... Porque eu fui criada com madrinha e todos os vestidos dela tinha bolso pra botar várias coisas. É pregador, não sei o que do dia a dia (risos). Então o bolso, servia para guardar as coisas pra ela não esquecer. Então isso me remete muito à minha infância e eu gosto também de roupa com bolso pra botar chave, pra botar cartão do Ônibus, entendeu? E Madá traz muito isso nas roupas dela, essa lembrança ancestral e eu gosto muito das roupas dela.

A memória pode ser vista ainda como um fenômeno coletivo de grandes transformações e constantes mudanças, como advoga (Halbwachs 2006) “É comum imagens impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo de uma pessoa outrora conhecida” (Halbwachs 2006. p. 32).

A participante 2, ao ver a mesma imagem (11), também reconheceu o estilista e o artista, mas a imagem lhe trouxe a lembrança do ano em que iniciou suas atividades na sede do bloco Ilê Aiyê. Relembrou ainda a satisfação sentida em poder realizar o sonho de desfilar no bloco ao mesmo tempo em que trabalhava com a profissão almejada. Atualmente moradora do Curuzu, já morou em bairros como Ribeira e Boa Vista do Lobato. Considera a Cidade Baixa, um ponto que identifica Salvador, tanto pelas paisagens quanto pelas festividades que acontecem por lá.

Aos 13 anos de idade aprendeu a profissão de trancista e, nessa mesma fase, abriu seu primeiro salão na casa onde morava para trançar cabelos. Faz uma pausa para (rir) e conta da fuga, ainda na adolescência para ir ao ensaio do Ilê Aiyê, bloco Afro, hoje famoso mundialmente, que tem sua origem na rua do Curuzu, bairro da Liberdade. Conta que “Valeu muito a pena”. Relembrou também sua relação com a escola.

Jaci declarou ainda, que no local onde cursou o ensino fundamental, não se sentia parte daquele ambiente. Contou que, na época de festejos juninos, nunca foi selecionada para ser a rainha do milho ou se quer tinha um par para participar da quadrilha. “As meninas brancas sempre eram as escolhidas para o papel”. “Era assim em todos os eventos que precisavam de representantes da escola”. Essas experiências fizeram-na sentir a necessidade de se reconhecer e de ter representatividade. Assim, conheceu seu namorado, atual marido e parceiro na profissão. Assim também conheceu o Ilê e foi iniciada por Mãe Hilda (mãe de Vovô, diretor do Bloco), no mesmo lugar onde começou a trabalhar.

O convite para trabalhar na administração do bloco a fez desistir de realizar o sonho de ser (Deusa do Ébano), nome dado à Rainha do Ilê Aiyê, selecionada pelo bloco a cada ano. A escolha pela religião de matriz africana – O Candomblé – gerou conflitos familiares amenizados por sua avó, de quem recorda ter recebido apoio.

As imagens produzidas por Ferreira (2004), segundo relato do próprio autor, após a realização de uma exposição, trouxeram várias análises a respeito do que “se refletia a partir dos olhares lançados sobre elas.” “Olhares realçam lembranças da memória coletiva que reflete pertencimentos”. O mesmo reflexo foi percebido no relato acima, onde a participante revelou aspectos da memória individual de sua infância que também podem ter sido a

memória da estilista e de tantas outras pessoas que viveram essa época. No momento da entrevista, tocada pela fala da entrevistada, relembrei o mesmo costume vindo da minha avó materna quanto a usar roupas com bolsos para guardar acessórios.

A imagem por si não me traria tal lembrança. No entanto, a lembrança da entrevistada ao ver a foto, também me fez recordar um momento da infância. Essas lembranças expressam o conceito de memória individual e coletiva descrito por Halbwachs (2006). Para Halbwachs, a memória individual está contida na memória coletiva e desse modo, pode sofrer alterações de acordo com o lugar que se ocupa e das relações que se mantêm nesses ambientes. A memória do indivíduo, não é apenas dele, geralmente envolve um grupo social no qual se encontra inserido. Trata-se de evocar um acontecimento comum ao grupo do qual faz parte.

A participante 2 (estudante) não reconheceu nenhuma figura importante ou pessoas de seu conhecimento pessoal. Talvez, o fator idade tenha sido determinante, visto que o período em que as imagens foram realizadas provavelmente é anterior à sua existência. Contudo, o modo de se reconhecer preta era visível em sua fala e expressões faciais e corporais ao tocar a própria pele como se quisesse mostrar a evidência do seu fenótipo na estrutura dos cabelos crespos e em suas feições. Apesar disso, foram relatadas por ela, situações em que outras pessoas puseram em xeque sua descendência por não ter uma pele retinta. Parecia não ser suficiente para outras pessoas, a perceberem preta, como ela própria afirma ser. Outra situação relatada pela participante teve um tom de confidência. Segundo ela, desde que teve conhecimento sobre sua ancestralidade, sentiu-se motivada para iniciar um estudo sobre os orixás.

Apesar do interesse por assuntos relacionados à religião de matriz africana, escolheu seguir a religião evangélica.

Quanto à visualização das imagens, a estudante demonstrou sentir admiração por todas elas e curiosidade em saber sobre as celebrações expressas nelas. Sobre a relação com a escola, se sente à vontade na convivência com colegas e demais pessoas dentro desse ambiente. Relatou ter admiração por algumas de suas colegas por se mostrarem autoconfiantes com a textura dos cabelos e dos tons coloridos. De acordo com a participante, isso as tornam únicas por criarem um estilo próprio de assumir sua ancestralidade.

Sob o olhar do pesquisador(a)

O relato das participantes, ao visualizarem os registros, coincide com as categorias de memória do ponto de vista de Pollak (1992) por ser um fenômeno que cada indivíduo carrega consigo. Para melhor entender o que vem a ser memória, o autor a classifica a partir dos elementos que a constitui. Acontecimentos vividos pela própria pessoa em determinado período e local; acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, vividos por pessoas que sequer tenham vivido no período do ocorrido, mas têm em seu imaginário um sentido tão forte que parecem ter feito parte daquele momento; acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. Além disso, questões políticas e históricas possivelmente se tornam um meio de identificação, podendo ser entendida como uma memória e, nesse processo, constituir pertencimento.

Detalhar e identificar semelhanças e diferenças entre os grupos que identificam pertencimentos a partir de aspectos socioculturais, socioeconômicos e religioso presentes na relação entre imagem e pessoas. No presente estudo, a mediação por imagem durante as entrevistas levantaram os seguintes elementos indicadores de pertencimento:

4.1.1 Construção de Pertencimento

A percepção aqui diz respeito às questões de pertencimento em duas fases de transição das participantes, com base em seus relatos, durante a entrevista e visualização das imagens. As relações de pertencimento na transição entre infância, adolescência e fase adulta foram relatadas pelos dois grupos. As imagens podem estar relacionadas a questões socioeconômicas, socioculturais e religiosidade no ambiente familiar e escolar.

O grupo de estudantes demonstraram não lembrar de tratar sobre questões de afro-baianidade na infância. Apenas lembranças de situações que as fizeram recordar a casa de seus avós, a forma como a família se comportava quanto à formação religiosa e a pouca representatividade no ambiente escolar. No entanto, na adolescência, o ingresso em um colégio mais distante de casa, nas adjacências e não mais no bairro onde moram, demonstra

uma transição de fase. Junto com a nova fase, os desafios percebidos, sobretudo entre as meninas, quanto ao que as definem.

Elementos visuais percebidos nos cabelos, nos acessórios, nas indumentárias, nas expressões faciais e corporais e ainda nos signos religiosos. Em suas falas, as questões sobre pertencimentos parecem amadurecer junto com elas, como se estivessem buscando se encontrar enquanto cidadãs, moradoras de bairros periféricos e adjacências, portadoras de fenótipos de descendência africana, cujas referências socioculturais as aproximam desse ambiente. Tais características são percebidas também no que se refere à religiosidade.

A impressão sobre as participantes do grupo de estudantes é a de que também parecem estar em busca da compreensão acerca da relação ancestralidade e religiosidade. Quanto à transição para a fase adulta, surge a preocupação com a escolha da universidade e de oportunidades no mercado de trabalho.

A preocupação com as questões econômicas parece ser um dilema para esses estudantes. De um lado, a necessidade de amadurecimento e independência as faz repensar o ingresso na faculdade em detrimento de uma oportunidade de trabalho para ajudar suas famílias ou mesmo para manter suas necessidades. Por outro lado, há um esforço da família para manter os estudos até a conclusão da graduação, na expectativa de que a nova geração de suas famílias tenham mais oportunidades e igualdades de direito em profissões consideradas mais dignas. Essa constatação se concretiza na fala da estudante 1 quando se refere às demais colegas que concluíram o ensino médio técnico e logo ingressaram na universidade.

> Para a maioria delas, como no meu caso, é uma vitória muito grande. Uma vida inteira, sabe. Para mim foi tipo uma realidade ir para a universidade, porque eu quis, não foi nada difícil de entrar, eu estudo, sabe... E os meus pais disseram: a gente vai dar um jeito de você ir para a universidade...” (Gabrielle Nascimento, estudante 1, 18 anos)

A participante acima chegou à conclusão de que há uma ligação entre questões relacionadas à pertencimento e às escolhas feitas por ela atualmente; acredita, também, ser importante haver pesquisas como essas para conhecimento das pessoas sobre o tema as quais sejam capazes de esclarecer dúvidas sobre pertencimento e representatividade afro-baiana. Por este motivo, mesmo depois de migrar para outro curso, pediu para continuar na pesquisa.

As estudantes que optaram por desistir da pesquisa, alegaram dificuldade com as demandas do início das atividades na universidade. No entanto, é importante destacar que as referidas participantes não participaram da exibição do minidoc nem da atividade proposta de produção audiovisual sobre identidade. Provavelmente, se envolveram em atividades de outras disciplinas. Integraram-se ao grupo depois de conhecer a proposta da pesquisa fora do ambiente do colégio, na formação em audiovisual da TV Kirimurê, de onde também optaram por não continuar.

O grupo de participantes profissionais na área de comunicação possui maior segurança tanto profissionalmente quanto nas relações afetivas. As participantes em questão são casadas e demonstraram maior consciência sobre afro-baianidade. Em suas falas, lidam com mais tranquilidade sobre pertencimento no campo profissional, religioso e familiar.

No campo profissional, buscam, em suas profissões, a autoafirmação enquanto cidadãs afro-baianas, inclusive, atuam no fortalecimento da cultura ancestral, da igualdade de direitos e de uma educação antirracista. Quanto à religiosidade, são adeptas das religiões de matriz africana, ambas são candomblecistas. Elas afirmam que desde o momento em que começaram a fazer parte do movimento negro, tiveram certeza do caminho religioso a ser seguido. No campo familiar, as duas participantes são casadas e têm filhos, inclusive, deixaram claro em suas falas que seus parceiros também estão envolvidos no que diz respeito à religião e à área profissional. Deixaram claro também que essa parceria tem contribuído para fortalecer esse movimento. No entanto, afirmaram que na infância tiveram dificuldades em lidar com questões de pertencimento.

Dina Lopes, diretora da TV Kirimurê e formadora social (participante 1 do grupo de profissionais de comunicação), afirmou que na cultura familiar dela, as crianças não participavam de manifestações culturais ou religiosas. *"Criança não participava das festas, tinha que acordar cedo e os adultos não esperavam"*.

A participante 2 Jaci Trindade, que trabalha na Administração do Bloco Ilê Aiyê e também apresenta o programa Tambores da Liberdade, na Rádio Educadora, relembra, ao visualizar as imagens, que em sua família as crianças não tinham liberdade para opinar nas decisões dos adultos, inclusive, eram convidadas a se retirar da sala para "não ouvir conversa de gente grande". Na escola, não se sentia pertencente àquele ambiente. Apesar de estudar em escola pública de bairro periférico, o perfil dos estudantes de sua turma não a refletiam quanto às características fenotípicas; o comportamento dos colegas, professores também não.

4.1.2 Cultura da Afro-baianidade

A estudante 2: de 19 anos, moradora da Liberdade, sempre morou no bairro. Antes mesmo de dar início à entrevista, apenas a menção ao tema a fez também revelar sua afinidade com o tema*: "Gosto de temas assim! O tema do meu TCC também foi assim, foi algo não tão parecido, mas algo voltado". " A gente ia fazer algo, outra coisa mais voltado para áudio e vídeo, só que aí a gente viu que as vidas negras, na verdade, são algo que importa muito!"... Então... Já é o tema do nosso tcc."*

A participante 2 do grupo de estudantes da pesquisa, conta como foi realizar o trabalho com o grupo da escola. Ela conta, com satisfação, detalhes do que para a equipe de trabalho seria importante mostrar acerca do tema:

> O vídeo no caso, a gente começou com a fala de um professor chamado... Preto Rick e depois a gente fez aquele jogo de imagens mostrando cada fala importante dele, mostrando o entrevistado, pra gente mostrar um pouquinho da cultura e um pouquinho da rua, um pouquinho de cada coisa representada nesse vídeo. (Letícia Nery, estudante 2, 19 anos)

O vídeo do grupo 2, de aproximadamente 5 minutos, mostra uma entrevista com um professor do colégio que, segundo os alunos, se dispôs a participar da produção visual da equipe. Ainda de acordo com o grupo, a escolha do professor tem relação com a imagem que ele passava para a turma; talvez pelas características fenotípicas, se encaixaria no subtema criado pela equipe, intitulado "Vidas Negras Importam". Além da entrevista com o professor mencionado, a estudante 2 (participante) informou que, enquanto dava o parecer sobre o que para ele significava identidade, alguns insights (imagens de outros lugares dentro do mesmo contexto de Salvador eram mostradas). Na opinião da equipe, são lugares onde há maior evidência da cultura afro-baiana. Estavam, entre os locais, o bairro do Curuzu na Liberdade, onde também está localizada a Sede do Bloco Ilê Aiyê e alguns pontos do Pelourinho (que faz parte do Centro Histórico de Salvador).

É interessante pontuar a diferença de foco entre as equipes. Enquanto a equipe 2 teve um professor como personagem principal na abordagem, a equipe 1 priorizou as opiniões dos próprios colegas, dentro do ambiente escolar do ICEIA. Os personagens, segundo a equipe 1, foram escolhidos de forma aleatória, sem preferência por curso, faixa etária, gênero ou grupo étnico. No entanto, foi notória uma maior aderência de estudantes com fenótipo afrodescendente dispostos a participar da entrevista. Esses aspectos foram relevantes para a análise de como esses estudantes se percebem e são percebidos enquanto afro-baianos.

A imagem demonstrou o nível de autoconhecimento dos entrevistados sobre questões relacionadas a pertencimento. As expressões faciais, os gestos corporais, os acessórios que compunham o visual de cada um, o estilo dos cabelos dos estudantes, a imagem de professor escolhido para apresentar o documentário e as imagens da cidade, compuseram o que, na visão deles, parece ser a imagem daquilo que os representa.

De volta à entrevista, a pergunta sobre o grupo étnico ao qual se sente pertencente a estudante informou*: " Rapaz... Muita gente diz que eu sou branca, já eu , por causa do meu cabelo, que eu também gosto, já me considero morena ou negra de fato, mas mais pra morena.*" No entanto, a proximidade com a religião do candomblé e com pessoas do seu convívio fazem com que se sinta mais "*negra"*. Apesar disso, afirma não seguir nenhuma religião. Inicialmente, sua referência era o catolicismo por causa dos pais e da avó que sempre frequentaram a religião. *" Eu sempre tive referência ao catolicismo, minha avó era católica". "Eu frequento a igreja católica, enfim... só que esse caso mesmo de não ter uma religião é porque na verdade, eu sou aberta a todas."* E acrescenta*: "Eu gosto de visitar, eu gosto de frequentar, eu não tenho aquela coisa , sabe, aquele preconceito que as pessoas têm. Ah! Eu não posso seguir isso..."*

Atualmente, a estudante se considera aberta a conhecer todas as religiões sem restrições, preconceitos ou discriminação. Gosta de andar por aí para conhecer a história, a cultura e as religiões que estão inseridas no mesmo contexto e explica: *"Até para não falar coisas sem sentido sobre as outras religiões"*. Além do catolicismo, a participante gosta de visitar a igreja protestante, mas, segundo ela, é no candomblé que ela se sente mais próxima devido à cultura que a religião traz: *" Eu gosto, eu acho bonita! Eu costumo até a frequentar o candomblé, mas a minha religião é Deus, que eu acredito muito! Eu não desacredito dos santos, nem dos orixás que eu também gosto, mas hoje, a religião que eu tenho é Deus, que eu tenho fé"*. Para ela, mais importante do que seguir uma religião é conhecer a história das religiões para compreender a cultura presente nelas.

> Eu sou muito aberta pra isso, pra visitar, então eu não fico em um só lugar. Na verdade, eu gosto mesmo de andar, de andar pra conhecer até mesmo a história e a cultura, porque eu acho importante a gente conhecer a cultura, antes da gente ficar falando coisas sem sentido sobre outras religiões. Estudante 2 (19 anos).

Na imagem 7 ela afirma ter algo muito interessante no jeito como os adeptos de religiões de matriz africana cultuam os orixás. *"Acho muito assim... bonito! Porque eles são gratos a todo tempo e a forma de sentir é muito emocionante!Ela tá aqui de olhos fechados, né? Pra sentir aquela emoção, sentir aquela coisa que é o orixá dela"*

A participante relata o que consegue perceber na imagem 9:

> Na imagem 9 tem outra imagem com uma moça ajoelhada, cultuando também a orixá dela. Eu acho muito bonito assim, a forma que eles, assim, se dedicam... que é diferente, não desmerecendo as outras religiões, mas a religião de matriz africana não tem aquela coisa de... Ah! Tô aqui, tô nessa religião e vou criticar o outro, né? É algo assim bem aberto pra outras pessoas visitar e tem aquilo também da emoção... demonstra toda emoção e afeto, todo amor, então, isso é muito bonito! É algo que realmente está com o coração, não é algo, ah! Eu tô ali, vou fazer apesar que algo que é um pouco tenso, né?... mas, só deles está cultuando com amor, já é bonito! Isso me chama bastante atenção quando eu vejo algo do tipo.

Ver a imagem lhe traz a memória de como era percebida pelas pessoas quanto à textura de seu cabelo:

> Eu gosto muito da coisa do black... eu tenho black, né? E muitas pessoas... eu já fui muito criticada por isso, por eu ter o cabelo crespo cacheado, na verdade. É o modo de falar, cabelo crespo cacheado... e eu acho muito bonito que eu vou no Ilê Aiyê e aí eu vou no ilê Aiyê, no carnaval e eu acho muito bonito quando eu vejo várias pessoas ali, sem medo de ser julgadas, com o cabelo delas ali, se assumindo de verdade, na identidade, mostrando o que elas são e eu acho assim bonito e bacana! Porque eu estando ali, eu me encontro. Eu me encontro com várias pessoas, com o meu cabelo igual, eu fico assim, poxa, que massa!, Que maravilha,né? Porque eu já sofri muito esse preconceito de sair na rua e as pessoas me olharem, ô meu Deus, que cabelo feio! Cabelo duro, que normalmente falam assim. Você não vai pentear esse cabelo não, menina? Falam assim, essas coisas... Estudante 2, 19 anos.

Vale ressaltar, que no momento do relato acima, não houve contextualização da imagem. Foi um relato a partir da imagem que ela estava vendo antes de qualquer referência

ser dada ou mencionada. É possível ver aqui o quanto a imagem é capaz de trazer, para o momento presente, memórias e sentimentos diversos para a mesma pessoa que está vendo. Nesse momento, duas situações estão bem definidas na fala dela: a memória por ter sido criticada pelo modo de usar os cabelos; e a sensação de pertencimento ao ver pessoas com a textura de cabelos semelhantes ao dela, felizes, assumindo seus cabelos com são, sem medo de críticas ou atitudes discriminatórias.

A participante demonstrou ter certa dificuldade em definir o grupo étnico a que se sente pertencer. No entanto, informou que se sente acolhida no ambiente onde encontra pessoas pretas e/ou pessoas com características fenotípicas próximas à sua. Ela afirma que se sente bem em ambientes onde há representação de religião de matriz africana, seja nos rituais próprios da religião, seja em celebrações onde estão presentes manifestações culturais que representam essas religiões.

Falar sobre questões raciais também a fez lembrar um dos lugares de Salvador em que se sente representada. Além disso, quando percebe uma situação que envolve racismo, afirma se sentir desconfortável:

> Quando a gente está no momento fica sem jeito de falar, mas isso dói, isso machuca, né? Então eu acho muito bonito quando tem essas coisas assim de matriz africana, as festas de matriz africana. Quando vou ao Pelourinho, eu encontro geralmente pessoas assim, com a mesma identidade do que eu que é o cabelo, no caso, né? Hoje em dia tem muita gente deixando, querendo aceitar, mas antes não se aceitavam por medo, por medo da aceitação das pessoas de fora. Mas, também quem tem que fazer isso somos nós. A auto aceitação tem que vir de dentro, de dentro pra fora e não de fora pra dentro. É porque se a gente não fizer assim, a gente nunca vai conseguir (...) respeito, como eu tô bonita! Como eu tô amando meu cabelo! E eu digo isso, porque isso aconteceu comigo, se eu não pensasse e dissesse assim, poxa! Eu decidi cortar o meu cabelo porque eu quero me sentir bem.

E continua...:

> Hoje eu não teria nenhum cuidado, eu não sairia na rua com o cabelo solto para as pessoas ficarem me olhando estranho, porque hoje já é normal, assim, digo mais ou menos, mais ainda sinto assim, em lugares que eu vou, essa coisa. Ainda acontece comigo, mas eu não ligo mais, porque o cabelo é meu, tô feliz com ele, e é isso que importa.

Quanto ao lugar que identifica Salvador, o Pelourinho é o local que, para ela, marca a história da cidade. Por esse motivo, juntamente com o grupo, resolveu levar essas informações para a escola a partir da atividade proposta.

> A gente resolveu levar isso pra escola, né? Pessoas negras no audiovisual. A gente entrevistou, mostrou um pouquinho pra fora do colégio um dos pontos turísticos mais importantes. Começa no Pelourinho, mostra aquela coisa toda. No Curuzu também, que é algo aqui no nosso bairro, que tem muita gente assim, que não tem aquela coisa de conhecer o Curuzu, que não sabe, conhece o Ilê, mas não sabe assim a história, no caso, aí achei interessante fazer esse tema.

4.1.3 Pertencimento afro-baiano e o Ambiente Escolar

Aqui a participante 2 (estudante) conta ainda o quão difícil foi para ela se integrar aos grupos nas escolas que frequentou. Fora do ambiente da escola, também já se sentiu discriminada por estar vestida com a farda de um colégio público.

> Passava por lugares, aí o pessoal ficava olhando assim, ô menina não vai pentear o cabelo não? Isso já aconteceu muito em escola, em lojas quando eu ia, e aí tinha umas que os seguranças ficavam assim olhando. Pelo simples fato do cabelo mesmo, ele ficava olhando e isso era muito ruim. E eram pessoas jovens também. Pra você ver que isso já é algo construído da cabeça do ser humano, por que as pessoas da mesma faixa etária que a minha ficam olhando uma menina que tem uma identidade diferente do que a delas, né? Porque antes o padrão era imposto como ter cabelo liso e ser magra, e hoje em dia não, a sociedade ficou impondo um padrão. Então, quando uma pessoa igual a mim, eu até era mais nova na época, chegava em um lugar com esse cabelo, em vez de dizer: poxa, que legal! Eu era tratada de uma maneira diferente, por isso eu fiquei muito triste, não queria sair de casa com o cabelo solto, com medo disso. Mas hoje, Graças a Deus, hoje tudo mudou!

Quando perguntado sobre como se sentia no ambiente escolar do ICEIA, a participante afirmou ser bem aceita pelos colegas. No entanto, afirma que já presenciou algumas situações de preconceito contra outras colegas.

> Não, lá não! Lá não, até porque também, eu via várias pessoas, e na minha sala tinha várias pessoas que tinha também. Praticamente todo mundo tinha a mesma identidade que eu. Era o cabelo, a gente da pele negra, então era mais fácil porque assim dava pra conviver no ambiente e, inclusive, não aconteceu comigo, mas

> aconteceu, com uma colega minha, ela foi vítima de racismo no ambiente da nossa escola.

A estudante questiona o fato de, em pleno século XXI, ainda ocorrer esse tipo de situação. Para ela, são situações que ocorreram há bastante tempo, que vem sendo reproduzida atualmente por pessoas ditas esclarecidas. E conta como é a convivência no ICEIA:

> ... Lá no ICEIA ficava falando, tendo debates, a gente ficava debatendo o tempo todo essas questões sociais, ainda mais pra gente que é jovem que eu acho que é muito interessante a gente discutir e debater. Comigo não aconteceu de fato, mas com ela aconteceu sim e algo que foi muito ruim, porque ali tinham pessoas praticamente, quase a mesma identidade que ela. Não nas características que cada um tem a sua, mas identidade sim, até mesmo na maneira de vestir, no cabelo, na pele, na cor.

Nesse momento, se vê expressa a relação Imagem e Identidade no seguinte relato da participante 2 (estudante)

> Essa aqui por exemplo estou acostumada a ver, a participar, então quando passa eu dou preferência porque acho que é um momento que tem que continuar. É um movimento histórico que muitas pessoas não conhecem, né? Que tem que continuar. Então, essa imagem aqui, a 11 é uma imagem muito conhecida, muito familiar. Nessa foto, por exemplo, vejo uma moça de cabelos trançados e várias ao redor crespo cacheado que é uma característica, e o sorriso que é uma identidade assim, muito bacana. Que ela está ali feliz por estar com aquela roupa grandona e aqueles adereços todos para se apresentar no carnaval em um bloco afro, né? Afro-brasileiro que é um bloco muito bonito! Quem vê a alegria que as pessoas têm de se vestir para desfilar no bloco mais lindo. A 17 também é uma linda homenagem, aqui eu acho a imagem linda, muito linda! Aqui têm também as árvores, o rio, então eu acho a imagem muito bonita também.

Ainda em relação à imagem 17 a estudante faz o seguinte comentário:

> Aqui na imagem 17, tem assim a paisagem, a paisagem das árvores, aqui essa homenagem que fizeram caiu muito bem, porque aqui tem as árvores, o mar, as casas, um pouquinho que mostra muito bem de onde a gente veio, não digo o bairro, eu tô dizendo a realidade de muitas da gente, no caso, que mora em bairro de periferia, que essa imagem retrata. Aqui em cima parece um bairro de periferia de onde muita gente vem, inclusive, pessoas que já saem de berço dessa comunidade, no caso, do bairro. Isso é muito bom! Estudante 2 – 19 anos.

Mais adiante continua...

> Eu acredito, porque, no caso, até pra mim e pra outras pessoas, quando a gente pega um álbum e vê algo voltado para a nossa identidade, a gente se identifica, a gente pensa assim: Aquela pessoa, ela tá ali com aquele sorriso no rosto, mas ela também passou pelo que eu passei, no caso, pelo preconceito que é algo que toda pessoa, não digo toda pessoa, mas a grande maioria passa por alguma coisa, ou seja, por religião, por cabelo, mesmo por cor da pele, né? Então, essas imagens assim influenciam a gente a acreditar, tem imagem até que emociona a gente, quem vê. A Gente fala: poxa, que lindo! Porque está tudo voltado a uma coisa só e tem muito isso, é porque se fosse só uma imagem assim de uma pessoa sorrindo com algo que você se identifica, mas não é só isso. Está tudo mesmo voltado àquela discriminação que a gente na hora pensa, poxa! Aquela pessoa deve ter passado por tudo que eu passei e hoje ela ta sorrindo, hoje ela está bem, fazendo tudo que ela gosta, seguindo o bloco que ela gosta, no caso, com o cabelo que ela gosta, se sentindo bem, à vontade com a cor da pele dela. Eu acho isso importante e quando a gente olha aqui as imagens, isso reflete.

No relato a seguir, foi possível identificar na participante o reflexo da imagem de si para si mesma:

> (...)No caso eu... eu não tenho mais aquele medo, aquele receio, eu vou... eu ia pra escola com meu cabelo e muito mais até na escola, eu quando chegava com meu cabelo, o pessoal falava: Que massa! Eu queria deixar o meu cabelo assim, que bonito! No caso, elas ficavam admirando porque me viram com aquele cabelo. Aquele cabelo solto, até assim mesmo preso, aí quando elas viam meu black ficavam falando: Que massa, você dá o quê? Aquela coisa, né? Legal, lembrei até de uma coisa, não é nada da escola, mas eu vou contar: Eu já cheguei a ensinar minha cunhada, ela tinha o cabelo dela era liso e ela usava muitos produtos e ela me via sempre assim, acho que como referência de ter um cabelo diferente e de não ligar, não sabendo ela de todo o procedimento. Aí ela ficava falando, falando, falando... do meu cabelo, aí perguntei a ela se você tem vontade de cortar?

A estudante acima foi a única participante a responder as perguntas de acordo com a sequência que aparece no roteiro. De forma detalhada, expressou emoções que vieram à tona, à medida que as perguntas iam sendo feitas. Mesmo que de maneiras diferentes, todas as participantes responderam às perguntas de forma plena. As observações, a seleção de participantes, as entrevistas e as demais etapas dessa construção tiveram papel importante para chegar aos resultados obtidos. Significa dizer que houve êxito no trabalho em campo, desde o primeiro momento.

O processo de contextualização, descontextualização e recontextualização das imagens mostrou que, antes do contexto, as participantes recordam situações pessoais e/ou de seu cotidiano. Em determinados momentos, surgiram histórias muito semelhantes entre as participantes, principalmente memórias da infância. É interessante pontuar que elas pertencem a faixas etárias diferentes. Já em outros momentos, as histórias demonstravam particularidades no tempo-espaço que definiram escolhas, conflitos, superações e conquistas, sempre no contexto de pertencimento e de acordo com a idade de cada uma delas.

Um fato interessante ocorreu durante a recontextualização. Todas as participantes fizeram relatos muito parecidos após tomar conhecimento sobre a motivação do autor para produzir as imagens. Foi levado em consideração na fala das participantes, o período em que as imagens foram realizadas.

A atual Diretora da TV Kirimurê, participante do grupo de profissionais, após saber a procedência e a motivação para a produção das imagens relatou a necessidade de haver mais atividades voltadas para o contexto da identidade. Ela conta que a ideia da formação de jovens na TV é de cunho educativo. Dina acredita que, dessa forma, outros jovens e diferentes públicos poderão se sentir representados e interessados em obter mais conhecimento sobre a própria origem. No momento da entrevista, quando arguída sobre seus conhecimentos em relação a pertencimento, disse que até chegar à fase adulta, quando conheceu o movimento negro, na cidade de São Paulo, ainda não tinha consciência do significado de pertencimento, de identidade. Ela cita, como causa para o amadurecimento tardio, a falta de representatividade na mídia. Afirma ainda que a veiculação da cultura afro-brasileira ainda é muito recente. Para ela, a televisão aberta, em outras emissoras, não tem o entendimento ancestral da cultura africana, ainda que uma parte da população seja autodeclarada afro-brasileira. Na Bahia, onde a concentração de pessoas autodeclaradas pretas é maior, ainda predominam conteúdos baseados na visão europeia. Em seu modo de ver, a escola precisa reformular o seu modo de ensinar. Em sua opinião, é mais do que necessária a inclusão de atividades e conteúdos voltados para a compreensão da história afro-brasileira e afro-baiana para reforçar o entendimento sobre identidade desde cedo.

Em outro momento, a participante diz que as imagens mostradas poderiam ser dispostas em uma exposição ou em algum evento que pudesse chamar a atenção dos alunos e daí ativar em sua memória situações vivenciadas por eles tanto na escola como fora dela. Dessa forma, ela acredita que os estudantes poderão absorver melhor a importância do “ser negro na Bahia”, sobretudo na capital Salvador.

As falas acima retomam a análise feita por Joly (1996) sobre a observação da mensagem na imagem visual quanto ao seu papel sociocultural para determinar sua significação. A função informativa ou referencial da imagem, muitas vezes, pode exercer uma função epistêmica conferindo-lhe uma dimensão de instrumento de conhecimento ao fornecer informações acerca de objetos, lugares ou pessoas, através de formas visuais diferentes. Por exemplo, as ilustrações, as fotografias, os desenhos ou os painéis. Já Gombrich, citado por Durand (1998) entende a imagem como um instrumento de conhecimento onde é possível ver o próprio mundo e interpretá-lo. Mais adiante, Durand conclui que comunicar pela imagem estimula o espectador, diferentemente da linguagem verbal. Essa expectativa está ligada à ideia de contexto podendo inclusive, surpreendê-lo, chocá-lo ou diverti-lo. Durand (1998, p. 91) diz ainda, que as estruturas verbais primárias representam, de alguma forma, os moldes ocos que guardam serem preenchidos pelos símbolos distribuídos pela sociedade, sua história e sua situação geográfica. Afirma também que reciprocamente, para sua formação, todo símbolo necessita das estruturas dominantes do comportamento cognitivo inato dos sapiens. "Assim, os níveis da educação se sobrepõem na formação do imaginário: em primeiro lugar encontra-se o ambiente geográfico clima, latitude, localizações continentais, oceânicas, montanhosa, etc.), mas desde já regulamentados pelos simbolismos parentais de educação."

As participantes do grupo de estudantes, após tomarem conhecimento sobre as referências das imagens, notaram transformações sociais importantes sobre pertencimento e se mostraram confiantes no futuro, nesse quesito. No entanto, acreditam que abordagens como essa devem ser mais frequentes para reforçar a ideia de pertencimento nas instituições de ensino. Mencionaram, também, a necessidade de mudanças na imagem de preconceito que a sociedade ainda carrega quando se trata de pessoas pretas. Para elas, o conhecimento sobre o cenário sociocultural pode contribuir a fim de que haja mudanças efetivas nesse aspecto.

4.1.4 Elementos indicativos de pertencimento

Salvador é uma metrópole, cuja diversidade de lugares está presente em todo o seu território. Dentre esses ambientes, existem aqueles que parecem contar a história da capital baiana a partir de diferentes perspectivas. Imagens que, na opinião das participantes, identificam a cidade e assim geram pertencimentos.

Os relatos das participantes demonstraram lugares/bairros da cidade que as fazem sentir-se pertencentes a esse espaço. Ruas, ladeiras, avenidas e praças foram os mais mencionados por elas como sendo aqueles que reforçam o sentido de afro-baianidade.

A participante 1 – Dina Lopes – já morou em diferentes bairros de Salvador. Enumerou os que considera importantes para ela: Itapuã, Rio Vermelho e Federação. Coincidentemente, os três bairros sediam celebrações do culto religioso do qual faz parte. Em Itapuã, são celebradas as festividades em comemoração a Nossa Senhora da Conceição de Itapuã, onde acontece a lavagem das escadarias da Igreja do bairro.

No Rio Vermelho, a comemoração fica por conta das homenagens à Iemanjá, Rainha do Mar. Esta é a única festa do Ciclo de Festas Populares em que as festividades não estão associadas às celebrações do catolicismo. Geralmente, adeptos de religiões de matriz africana, turistas e apreciadores se deslocam para o bairro durante as comemorações do dia 2 de Fevereiro. A participante em questão é filha de Oxum, mas gosta de apreciar todas as festividades que contemplam sua religião.

O bairro da Federação se torna palco da festa que homenageia os dois Santos da Igreja católica – São Lázaro e São Roque – também presentes no culto aos Orixás Omolu e Obaluaê. Sua fala não deixou clara essa informação. Decerto, são coincidências que podem ter sido fruto de suas escolhas de forma inconsciente, pela proximidade desses locais com sua religião, por pertencer à atmosfera que existe nesses bairros.

A participante 2 – Jaci – escolheu os bairros do Bonfim, Dique do Tororó e Ribeira. Em sua fala, ficou mais evidente a relação entre a escolha dos bairros e o candomblé, religião a qual segue. Esses bairros, em sua opinião, carregam a energia das festas que acontecem no Bonfim e abrange as regiões próximas ao bairro. Quanto ao Tororó, ela conta que foi o local escolhido para os registros do seu álbum de formatura. As imagens dos orixás lhe trazem paz, além de um sentimento de acolhimento e representatividade com a presença das esculturas do artista Tatti Moreno.

A participante 1 do grupo de estudantes – Gabriele – se identifica com o Dique do Tororó pelo mesmo motivo que a participantes 2 do grupo de profissionais de comunicação. Para elas, as esculturas refletem a ancestralidade baiana. Apesar de seguir a uma religião evangélica, sente-se representada pelas figuras dos orixás.

A participante 2 do grupo de estudantes foi a terceira a se sentir representada pelo Dique do Tororó. Além das esculturas, ela observou, na imagem em segundo plano, as casas populares que remetem às habitações que normalmente são encontradas em bairros

periféricos, inclusive, na Liberdade, bairro onde mora. Por falar em Liberdade, ela se mostra satisfeita em morar no local, justamente por ver pessoas semelhantes a ela, com fenótipo afro-baiano. No bairro, Curuzu é o lugar onde se sente, de forma mais efetiva, essa proximidade. Lá também está localizada a sede do Bloco Ilê Aiyê. Já no Centro Histórico, costuma passear pelo Pelourinho, por parecer um lugar onde vê a ancestralidade refletida nos monumentos, nos casarões históricos, nos comerciantes do local, no jeito de ser das pessoas que sobem e descem as ladeiras do centro histórico da cidade.

Tendo em vista que Salvador é fruto da miscigenação de origem africana, europeia e indígena, a cidade contempla possui diferentes possibilidades de olhar para o mesmo lugar. Nesse sentido, é importante ressaltar que as categorias analisadas acima dizem respeito a aspectos indicadores de pertencimento entre cidadãos(ãs) de Salvador no contexto da afro-baianidade.

É impossível negar a forte influência africana na cultura local, percebida na imagem de Salvador, refletida no olhar das participantes. Pode-se dizer que essas falas, sem dúvida, são expressões, de acordo com os autores nos quais a pesquisa estava debruçada, de "Pertencimento". Além disso, o conjunto de imagens – registros fotográficos mediadores do presente estudo – mostrou que pertencimento pode ser entendido como a imagem de uma comunidade dentro de um bairro; a imagem na particularidade de um lugar onde a representatividade se faz presente; o espelho que identifica pessoas; a imagem de celebrações socioculturais e/ou religiosas da cidade; a imagem dos adereços, cabelos e indumentárias; o fenótipo afro-baiano que denota reconhecimentos. Enfim, imagem do pertencimento de pessoas, grupos, comunidades no espaço de instituições como as dos alunos de audiovisual do ICEIA que, no futuro, pode refletir aspectos presentes no comportamento de quem atualmente galgou um espaço no campo profissional e vice-versa

A relação das participantes dos grupos de estudantes com a ancestralidade expressa em suas falas deixou claro que não necessariamente precisam fazer parte de uma religião para compreender a história de suas origens. Por outro lado, para as demais participantes, religião e ancestralidade caminham juntas e representam o fortalecimento do autoconhecimento sobre o que é ser afro-baiano. Nesse caso, pareceu que o fator idade, o poder aquisitivo e a relação com a família influenciam a escolha dos mais jovens quanto à decisão sobre questões religiosas. Foram relatados conflitos entre a decisão por conhecer a ancestralidade a partir do contato com elementos presentes na religião de matriz africana e a religião a ser seguida. Uma das participantes do grupo de estudantes vive o conflito de seguir a religião protestante junto

à família, ao mesmo tempo em que se interessa por conhecer a história dos orixás. Entende que conhecer a história dos orixás parte de sua ancestralidade. Uma situação muito parecida ocorreu com a participante do grupo de profissionais no momento em que comunicou à família, parte católica e parte protestante, sua decisão em seguir a religião do candomblé.

A participante 2 do grupo de estudantes gosta de conhecer diferentes religiões. Contou que tem um grande apreço pela religião de matriz africana, mas decidiu não seguir nenhuma. A participante 1 do grupo de profissionais conta que, só após construir o autoconhecimento, decidiu seguir a religião de matriz africana.

4.1.5 *O Desenho da memória*

Pensar a afro-baianidade, tanto nas relações pessoais quanto nas relações de grupo, esteve evidente nas entrevistas com os dois grupos de participantes. A visualização das imagens, ora reativava a memória individual de cada participante, ora lembranças de vivências em grupo. Nas situações inerentes ao indivíduo, foram mencionados desde superação até conflitos vividos por cada uma ao ver determinadas imagens.

A imagem que trata do desfile do Bloco Ilê Aiyê trouxe para pelo menos duas das participantes, situações pessoais. Para uma delas, foi o momento de recordar situações da infância ao reconhecer pessoas nas imagens. O fato de conhecer uma antiga vendedora de roupas que se tornou dona de uma marca famosa em Salvador a fez lembrar dos vestidos com bolsos utilizados por sua madrinha, pessoa com quem morou durante parte de sua infância. A participante em questão adquire roupas da grife justamente porque essas peças fazem-na recordar bons momentos da sua infância. A imagem também foi percebida pela participante 2, que reconheceu as mesmas pessoas. Sua recordação foi do tempo em que começou a trabalhar na sede do bloco Ilê, local onde trabalha até os dias de hoje. A mesma imagem foi capaz de fazer duas pessoas recordarem momentos importantes da vida de cada uma individualmente que ficaram guardados na memória e foram reavivados após terem acesso à imagem de um contexto social em que as duas estavam inseridas coletivamente.

O grupo das estudantes reconheceu o desfile do bloco, mas não recordou nenhum fato relacionado às imagens. No entanto, chamou atenção a reflexão da estudante 1 sobre a imagem que se tem de pessoas "pretas" (como ela prefere chamar) nas redes sociais. *"Tem um termo agora que tá nas redes sociais que preto é muito militante." "Quantos anos a gente*

ficou calado e não falou nada? Agora a gente tem poder de fala, tem o poder de gritar e as pessoas não aceitam e falam: - Ah, vocês estão cheios de coisa!" Afirma ainda, que toda a referência ancestral africana foi negada a seus descendentes, expressas no seguinte relato: *"Quando se fala em deusa, pensam numa deusa grega, todos lembram de Atena, Afrodite, ninguém lembra dos orixás, de Iansã."* Conclui que por este motivo as mulheres negras atualmente não se sentem poderosas. *"Não é de se estranhar, até porque nossos antepassados não tinham registro, nossos antepassados não eram considerados pessoas."* O assunto a fez relembrar a visita feita à Escola Afro-brasileira Maria Felipa*: "Eu tive o prazer de conhecer Bárbara Carine, e visitar a escola, foi uma coisa que me deixou apaixonada."* Mencionou a emoção sentida ao adentrar a escola: *"Quando eu entrei tinha uma imagem na parede que mostrava que eles colocam a cultura negra como parte da história".* Este relato demonstra a necessidade de se sentir pertencente àquele ambiente que lhe pareceu familiar ou talvez lhe tenha ocorrido uma memória não vivida do que para ela seria a escola ideal.

A gravação na Maria Felipa revelou não só questões relacionadas a pertencimento. Durante entrevista com a Diretora, foi discutida a importância de implantar o ensino da cultura afrodescendente nas escolas. A atividade contribuiu para buscar o contexto histórico da educação baiana, pelo viés da afro-baianidade, a partir da compreensão desse reflexo na construção de identidade contemporânea através de diferentes pontos de vista das relações de pertencimento entre os pesquisados.

A oportunidade de colocar em prática todo o conhecimento adquirido nas disciplinas práticas do curso demonstra transformações também nas formas de reconhecimento da mulher atuando em uma profissão , visto que, no momento da entrevista, o grupo se dividiu para organizar o trabalho.

O primeiro grupo ficou responsável por captar as imagens fotográficas do ambiente interno e externo da escola, enquanto o segundo grupo preparava as câmeras de gravação de imagens em movimento. O terceiro grupo ficou responsável por captar o áudio para posteriormente a equipe de edição entrar em ação para fazer a decupagem e finalizar a edição de todo o material resultante dessa atividade.

A atividade fez parte do lançamento do Cineclube do Colégio ICEIA apelidado de "Cine Lamparina", realizado nas dependências da Escola Maria Felipa, foi um momento de autoconhecimento para os estudantes. O material também foi transformado em um *podcast* para ser apresentado ao Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro.

O *podcast* foi considerado de grande importância também para as observações da pesquisa. Durante a atividade, foi possível ver um sentimento de representatividade nas expressões das estudantes ao adentrar aquele espaço. Era uma expressão de poder voltar no tempo e ter a oportunidade de frequentar uma escola onde pudessem se sentir refletidas nos colegas de turma, funcionários e professores. Um sentimento de pertencimento.

Conhecer as dependências da Escola Maria Felipa levou os estudantes a refletir sobre comportamentos diante daqueles que lhes parecem semelhantes. A estudante 1 descreveu situações de preconceito entre os próprios pretos em situações cotidianas:

> Reparei em um dia desses uma coisa bem interessante, no ônibus assim, uma coisa bem cotidiana, sempre que entrava um preto, barbudo... normalmente, preto, barbudo, cabelo grande, você olha assim." Aconteceu comigo, eu estava no ônibus vindo para encontrar meu namorado e veio esse homem, então olhei rápido assim... ele quis sentar e eu dei passagem pra ele... Aí eu pensei, nossa velho! É um racismo estrutural. O preto nunca pode ser racista, não! Ele pode ser racista. Ele pode ser muito mais.

Mais adiante ela continua:

> Eu comecei a me preocupar que não pode ser assim, a gente pode mudar essa forma e comecei a observar esse meu comportamento e nem fiquei olhando pra não julgar ele. Esse julgamento foi construído, que agora eu estou tentando desconstruir isso dentro da minha cabeça, porque eu sei que não posso julgar a pessoa dessa forma; pelo cabelo, pelo jeito; pela roupa...

A imagem na cultura afro-baiana, na perspectiva de pertencimento entre estudantes do curso de audiovisual do ICEIA, cuja mediação se realizou a partir da fotografia e da videografia, desempenhou um papel fundamental na comunicação entre a) e participantes da pesquisa.

A relação de proximidade com os entrevistados encontrou caminho na possibilidade diversa que aproxima as relações entre desenho e fotografia ao longo dos tempos. Em cada fase do desenvolvimento humano, é possível compreender como a imagem, a partir desses

mecanismos, possibilitou a construção de narrativas culturais importantes para as transformações socioculturais contemporâneas.

A transmissão de significados e valores culturais a partir das expressões artísticas contemporâneas citadas na pesquisa remetem a pensar as obras de artistas visuais, como Carybé, que trazem em seus traços o cotidiano dessa população como parte integrante do quadro social de Salvador, transmitindo narrativas culturais e históricas por meio de ilustrações, murais e outras formas de arte visual até os dias atuais.

O vínculo presente entre arte e cultura no pensamento político e social humano passa a ser exteriorizado a partir do desenvolvimento das técnicas da captura de imagens. Desse modo, a expansão dos registros fotográficos permitiu que Verger e Mário Cravo Neto pudessem comunicar, a partir dos mecanismos da fotografia, as particularidades dessa população de maneira a dialogar com quem as contemplasse.

Desse modo, Ferreira relaciona imagem e comportamento humano para justificar vínculos históricos que unem o desenho e a fotografia como forma de linguagem por expressar a intenção de seu emissor para o receptor da mensagem que tal registro representa. Esse movimento é percebido nas imagens produzidas pelo autor e utilizadas para a mediação com participantes.

A diversidade nas formas de expressão artística e visual indicam a construção de uma identidade cultural atribuída a Salvador. Nesse contexto, as religiões de matriz africana, relatadas pelas participantes, inclusive como prática religiosa de algumas delas, estão expressas nas imagens mediadoras da pesquisa, representadas por divindades, orixás, entidades espirituais e símbolos sagrados que, para elas, refletem a cultura de Salvador a partir da referência de uma cultura africana de origem ancestral com as quais se identificam.

O desenvolvimento das imagens em movimento promoveu a repercussão nacional da vida em Salvador de tal maneira que as histórias descritas pelos romances de Jorge Amado deram vida a personagens que refletiam o modo de ser afro-baiano em suas crenças (no aspecto da religiosidade), nas celebrações e manifestações socioculturais que suscitam um sentimento de pertencer, através do desenho da memória individual e coletiva, descritas por Halbwachs e Pollak, identificadas nas falas das referidas participantes.

A Salvador da contemporaneidade demarcada pela pesquisa, se traduz a partir do olhar da população afro-baiana, na percepção de pertencimento de estudantes de uma instituição pública, matriculados em um curso de produção audiovisual, e de profissionais cujos trabalhos envolvem a autoafirmação.

As falas desses personagens evocam o sentido de pertencer presente na relação com o desenho e seus aprimoramentos (fotografia e videografia), a fim de representar a cultura local que se constrói a partir de uma narrativa visual rica e diversa como importante contribuição dessas expressões. Esse processo é descrito por Samain (1999) como a revolução da visão, em sua materialização, na construção histórica e cultural de um povo.

As imagens dispostas no capítulo 3 do presente estudo, revelam em seu conteúdo, elementos que compartilham de informações acerca de Salvador, tanto nas manifestações socioculturais da cidade, quanto no cotidiano de pessoas que moram na capital. Além disso, trazem consigo referências da região do recôncavo e de tantas outras regiões não exteriorizadas no texto, mas se refazem no exercício da memória de cada indivíduo que com elas se identifica.

Portanto, analisar o comportamento dos pesquisados, utilizando os mecanismos de aproximação com a videografia e a mediação com a fotografia, por um determinado período de tempo, se configurou no entendimento sobre o uso da imagem como veículo que representa vivências sociais, no sentido do ser afro-baiano.

Mesmo que nos pareça corriqueiro, a imagem, desde a tomada de consciência do homem sobre sua existência através das dos sonhos, reflexos na água, nos desenhos das cavernas é apontada por Vygotsky (1960) como a conotação da linguagem que media relações que permitem diferentes interpretações e diferentes significados. Na relação que transcende do real como bem descrita por Sodré passa a fazer sentido nas crenças, costumes e valores humanos, bem como na relação com o outro.

Os resultados da pesquisa mostram o quão possível é a mediação por imagens para identificar pertencimento. Assim sendo, abre espaço para a possibilidade desses mecanismos para diferentes temas de pesquisa, desde que tais imagens encontrem sentido no contexto daquilo que se propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo imagem pode ser designado como o espelho do que se utiliza no processo de representação para significar algo ou alguém. A imagem é um importante elemento para o entendimento sobre o lugar a que pertencemos e, de diversas maneiras, vai estar inserida no contexto de nossas vidas. Nesse sentido, a pesquisa utilizou a fotografia enquanto registro de imagem como mediadora do modo de expressar pertencimentos.

O pertencimento aqui discutido traz uma abordagem de aspectos específicos da experiência africana na construção da identidade afro-baiana de Salvador. Refere-se ao sentimento de pertencer a um grupo, comunidade, organização ou lugar. É a sensação de fazer parte de algo maior do que a própria pessoa, envolvendo uma conexão emocional e um senso de identidade compartilhada por um povo. Nessa abordagem, está expresso o contexto, de contexto em contexto mediado por imagens para a compreensão de pertencimento de indivíduos como o "espelho" daquilo que reflete traços de afro-baianidade.

Como já visto, o pertencimento pode manifestar-se em diversos contextos: social, ao sentir-se parte de uma família, grupo de amigos, comunidade ou sociedade; profissional. ao integrar ou sentir-se conectado ao ambiente de trabalho, identificando-se com a cultura organizacional e seus colegas de trabalho; cultural, ao identificar-se com valores, tradições e características de uma determinada cultura; geográfico, ao criar raízes em um lugar específico, como uma cidade, região ou país; ao sentir orgulho de pertencer a um grupo étnico, religioso, de gênero ou qualquer outra categoria que seja importante para a compreensão de questões relacionadas à identidade.

"Pertencer" desempenha um papel fundamental no bem-estar emocional das pessoas, proporcionando apoio social, segurança emocional e uma sensação de significado, seja para cada pessoa na sua individualidade, seja no meio em que vive, em comunidade. Em Salvador, elencam-se aspectos da história e da diversidade cultural africana através de representações visuais incorporadas a essa construção. Símbolos visuais, arte e iconografia são elementos que contribuem para a construção do senso de pertencimento a uma comunidade e desempenham um papel importante na representação de culturas.

Em Salvador, a cultura afro-baiana remonta fatos históricos que têm sua origem na ancestralidade. São imagens que refletem visualmente as particularidades cotidianas da cidade e de quem nela vive, representando uma identidade coletiva através de símbolos visuais, que fortalecem o sentimento de pertencimento. A relação entre imagem e pertencimento é

explorada, aqui, no contexto de identidade pessoal, cultural e social. As descobertas foram ocorrendo de forma gradativa, de maneira a contribuir para o entendimento do tema. Nessa trajetória, os seguintes aspectos foram levantados no caminho para a pesquisa:

A construção da autoimagem, na forma como percebemos a nós mesmos também está ligada ao nosso senso de pertencimento. Além disso, estão estreitamente associadas a memórias e experiências significativas. Álbuns de fotos familiares, por exemplo, trazem em seu conteúdo uma fonte importante de conexão com a história pessoal e familiar, fortalecendo o pertencimento e influenciando as escolhas pessoais, profissionais e socioculturais. Na mídia, a representação social dos grupos sociais são retratados a partir da cultura popular que influencia significativamente o senso de pertencimento de seus membros.

O compartilhamento de imagens representa a história e os valores de um grupo criando uma narrativa visual capaz de fortalecer o sentimento de pertencimento. Em suma, a imagem se torna um meio de comunicação, que expressa identidade e reforça o senso de pertencimento. Essa relação é dinâmica e está em constante desenvolvimento, moldada por diversos fatores socioculturais individuais e coletivos como um meio de fortalecer a cultura.

A cultura afro-baiana está ligada à representação visual na particularidade de seus cidadãos. Assim sendo, os capítulos da pesquisa foram elaborados para pensar a imagem, através de um suporte teórico-metodológico importante, a fim de aproximar a relação autor x sujeito. Pensar esses caminhos não seria tão desafiador senão pela mediação por imagens na busca por traços de pertencimento.

O caminho percorrido pela pesquisa se organizou em dois momentos cruciais até chegar aos resultados obtidos. O posicionamento dos estudantes do ICEIA que, em seus depoimentos, indicaram traços de afro-baianidade em Salvador se concretizou na percepção dos elementos reunidos. As etapas de descontextualizar, contextualizar e contextualizar as imagens revelou semelhanças e diferenças no modo de pertencer. Além disso, demonstrou ter havido transformações no modo de se perceber afro-baianos em Salvador na contemporaneidade.

É preciso dizer que essas percepções não definem que o modo de se perceber afro-baiano seja absoluto, visto que são impressões, apenas, de uma parcela autodeclarada afro-baiana. A análise dessa população, no decorrer do trabalho, descortinou aspectos que refletem pertencimento. Até chegar a essa conclusão, foram analisadas: A semelhança predominante e não previamente estabelecida entre os participantes; as reflexões feitas pelas

participantes a partir das mesmas imagens vistas por cada uma delas; particularidades no modo de pensar afro-baianidade.

Os desafios enfrentados na construção que identificam povos, comunidades e/ou grupos sociais estão presentes na construção do senso de pertencimento para comunidades. No entanto, o caminho para essa consciência dentro das escolas mostra o quanto semelhanças e diferenças na relação entre grupos, que convivem em um mesmo ambiente, contribuem para fortalecer o que se entende por pertencimento em meio aos conflitos comuns a grupos e indivíduos.

Os desafios contemporâneos enfrentados pela comunidade afro-baiana em Salvador apontam para questões socioculturais, religiosas e familiares na compreensão de uma visão antirracista entre negros(as) e não-negros(as), pretos(as) e não-pretos(as).

Afinal, como a imagem vinculada à cultura afro-baiana de Salvador pôde indicar traços de pertencimento de estudantes do curso de audiovisual do ICEIA? Pode-se dizer que no retrato dos capoeiristas, nos turbantes e trajes das mulheres negras que representam as práticas religiosas, nos amuletos de fé, nas festas de Largo, no carnaval etc. que estão eternizadas pelas obras de vários artistas e que remetem à imagem do que é Salvador, assim como das pessoas que residem na particularidade de cada um desses personagens.

Em contrapartida, o cotidiano dos personagens acima descritos no modo de pertencer a um lugar, no modo particular de se ver e de se perceber afro-baiano na contemporaneidade, tanto parece estar pautada na ancestralidade quanto na negação dela.

A compreensão das realidades sobre afro-baianidade reflete o outro, por saber o que o outro já passou para chegar até o lugar onde está. Daí há de decidir como se percebe nesse contexto, se identifica ou tenta negar essa realidade. Constrói-se então, a autoaceitação e o autoconhecimento quando os olhares se encontram e neles se reconhecem. Dentro de um ambiente escolar, muitas vezes acontece entre grupos de igualdades e de diferenças que ora se aproximam ora se distanciam e nesse processo moldam trajetórias, estilos de vida e aprendizados.

Os aprendizados sobre a fotografia, enquanto registro em imagem, cumpriram na pesquisa o papel de capturar corpos de um povo que no seu dia a dia reproduz o retrato da representatividade do jeito de ser baiano.

As ações práticas mediadas pela representação visual, aqui utilizadas, destacaram a importância da imagem nas construções de pertencimento. Nesse sentido, é possível que pesquisas futuras dentro dessa temática, em diferentes meios sociais e diferentes instituições –

escolas, espaços corporativos, meio acadêmico onde se insere a população afro-baiana em Salvador –, possam desenvolver estudos capazes de afunilar a compreensão sobre pertencimento.

REFERÊNCIA

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5. ed.São Paulo: Martins Fontes, 1982.

AGUIAR, Josélia.O Corpo das Ruas.A Fotografia de Pierre Verger na Construção da Bahia Iorubá.Curso – História Social.Universidade São Paulo.São Paulo,2008.

AGUIAR, Manoel Pinto de. Notas sobre o Enigma Baiano. Salvador: CPE, v. 5, p. 123 - 136, out/dez, 1977.

ALEGRE, Porto Maria Sylvia.Reflexões sobre iconografia etnográfica:Por Uma Hermenêutica Visual .In:BIANCO, Feldman Bela;LEITE, Míriam l. Moreira.Desafios da Imagem.Marília:Papirus,2004.

BARTHES, Roland. Le Degré zéro de l'écriture. Éléments de sémiologie. Paris:Seuil,1964.

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRANDÃO, Carlos R.Identidade e Etnia.SãoPaulo.Editora Brasiliense,1986.
BENGJNMIN, Walter"Petite histoire de la photographic" (1931), trad. francesa em W. B., L'homme, Ielangagcd lq culfu1·e, Paris, Den001/Gonthier, col. Mediations, 1971, p.65

CASTRO, Janio Roque Barros de.As questões identitárias e as especificidades.Geotextos,vol.10,n.1,jul.2014.j.Catro 105-126.

CASTRO, Mauríco Barros de;SANTOS, Myrian Sepúlveda dos.UM VERGER,DOIS OLHARES: a construção da africanidade brasileira por um estrangeiro. Caderno CRH 29 (76). Jan – Abr, 2016. Disponível em: 9 de novembro de 2021.

COLLIER Jr, John - Antropologia Visual: a Fotografia Como Método de Pesquisa. Coleção: Antropologia e Sociologia. Pedagógica e Universitária E.P.U, 1973.

DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução de Renée Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DEONÍSIO, Ive; MORAES,Laureana. Um passeio por Salvador através das obras de Carybé.Tags: Se essa Rua fosse Minha. Turismo, Artes, Carybé, Passeio, Dicas 2018.Disponível em:https://www.portalibahia.com. Acesso em 8 de novembro de 2021.

DÓREA, Priscila.Mulheres tiveram papel chave na luta pela liberdade.https://atarde.com.br/bahia/2-de-julho-mulheres-tiveram-papel-chave-na-luta-por-liberdade-1232680. Publicado domingo, 18 de junho de 2023 às 08:28 h.

ECO, Umberto "Sobre os espelhos". In: Sobre os Espelhos e Outros Ensaios. Tradução: Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 11-37.

Fauna, lora e nativos brasileiros de Carybé 1953.Acesso em:https://g1.globo.com/ce/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia

/2018/11/19/obras-de-hector-carybe-sao-tema-de-mesa-redonda-na-unifor.ghtml. Acesso em 20.10.22.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (Org) Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.
FERREIRA, Edson Dias.Fé e Festa nos Janeiros da Bahia.2004.Tese (Doutorado) – Curso-Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Mapeamento Visual do Ciclo de Festas Populares da Bahia: São Salvador.In:III Encontro Estadual de Educação e Relações Étnicas.VIII Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira.legados Africanos, Afro-brasileiros, Indígenas e Quilombolas: avanços e perspectivas.,2012,Salvador.

_____.Desenho Conhecimento:em direção à construção de sua epistemologia.(artigo).In: PACHECO, Lílian Miranda Bastos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa.TEMPO DE CULTURA E LINGUAGEM:Reflexões sobre a área do Conhecimento do Desenho e Algumas implicações.Salvador:EDUFBA,2017.

FERREIRA, Edson Dias. SANTANA, Marise. Saberes e práticas enunciados por palavra, mito e ritual.Diálogo. Revista de ensino Religioso.nº69-fevereiro-abril,2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GOBBI, Nelson.Herança africana inspira exposição de fotógrafo Mario Cravo Neto e documentário sobre a arte em sua família.Disponível em:https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/heranca-africana-inspira-exposicao-de-fotografo-mario-cravo-neto-documentario-sobre-arte-em-sua-familia-Acesso em 22.07.23

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade Negra e Formação de Professores/as:Um Olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.UniversidadeFederaldaBahia. Educação e Pesquisa,São Paulo,v.9,n.1,p.167182,jan./jun./2003.Disponívelem:https://repositório.ufba.br/dissertação.pdf . Acesso em 9 de Agosto de 2022.

GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1998.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. Desenhismo. Santa Maria, Rio Grande do Sul: editora da UFSM, 1996.

GOMEZ, Luis Rodolfo Aguilar. A Proporção Identitária da Cor na Cultura Baiana. Dissertação (Mestrado).Curso:Artes Visuais.Universidade Federal da Bahia.Belas Artes.Salvador,2008. Disponível em: https://repositório.ufba.br/dissertação.pdf. Acesso em2 de Agosto de 2022.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas-SP: Papirus, 1996.

LARAIA, Roque Barros de.Cultura: um Conceito antropológico.IV.ed.Rio de Janeiro.Jorge Zaha,2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico Ocidental.São Paulo:Editora UBU, 2019.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. A cor da escola: imagens da Primeira República. Cuiabá: EDUFMT/Entrelinhas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.]

MORIN, Edgar. O enigma do homem.Tradução de Fernando Castro Ferro. 2.ed.Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MOURA, Milton. Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades do carnaval de Salvador. 2001.Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MOURA, Milton (Org.). A Larga Barra da Bahia: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011.

NETO, Mario Cravo. Fotografia Profissional: Fotografia Sutil da Arte Religiosa de Mário Cravo Neto. (parte 3).jan,2020.Disponível em: https://www.cravoneto.com.br.Acesso em: 10 de novembro de 2021.

Negreiros. Desenhismo. Santa Maria- RS: Editora da UFSM, 1996.

NEGRO, Antonio Luigi, ROCHA, Ana Cristina. Roma Negra Vence Atenas. v.19, n.4, out.-dez.2012,p.1356-1361.Disponível em https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15326/1/Antonio% 20 Luigi%20Negro.pdf. Acesso em 16 de abril de 2023.

Obras de Carybé.https://www.unifor.br/-/obras-de-hector-carybe-da-fundacao-edson-queiroz-sao-objeto-de-estudo-de-pesquisadora-da-ufrj.

RABELO, Elson de Assis.Experiências da negritude na fotografia baiana no final do século XX.Portal Geledés,2021.Disponível em:// www.geledés.org.br.Acesso em:4 de novembro de 2021.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida por um conceito de cultura no Brasil. 2 ed. Francisco Alves Editora S.A: Rio de Janeiro,1988.

SAMAIN,Etienne.Imagens e Antropologia Visual.Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia,São Paulo,PUC,n.5,2004.

SANTOS, Antônio Fernando Silva dos.A Oralidade e a Identidade do Educando:Uma reflexão sobre a linguagem verbal e seu uso pedagógico.115.f.il.2009.Dissertação (Mestrado).Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.Disponível em: https://repositório.ufba.br/dissertação.pdf. Acesso em 3 de setembro de 2022.

SANTOS, Benedito Pereira dos. Trabalhando a afro-brasilidade na formação de professores.Disponívelem:.http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde.Acesso em:2016.

SICHEL, Edith. O Renascimento. Rio, Zahar. 1963. 133p.

VERGER, Pierre. Retratos da Bahia – 1946 a 1952. Salvador: Corrupio, 1980.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DOS GRUPOS 1 E 2 DE PARTICIPANTES

O Roteiro de entrevista obedeceu a um modelo de entrevista semiestruturada para direcionar as respostas à análise do perfil de cada entrevistado.

Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa respeitou todos os princípios previstos pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Ética de Saúde que determina diretrizes e éticas específicas para as ciências humanas e sociais.

O termo de Consentimento e Livre Esclarecido – TCLE, onde consta a motivação, objetivos e justificativa para a realização das entrevistas, foram devidamente preenchidos e assinados pelos participantes. Os participantes estavam cientes também de que poderiam a qualquer momento desistir da pesquisa.

MESTRADO EM DESENHO CULTURA E INTERATIVIDADE
LINHA DE PESQUISA: DESENHO E CULTURA

MESTRANDA: LUCIANA DIAS FERREIRA

ROTEIRO DE ENTREVISTA DE PARTICIPANTES DA PESQUISA

ESTUDANTES:

Identificação:

1.Idade

2 Sexo

3 Em que cidade você nasceu?

4 Onde você mora atualmente?

5 Antes da residência atual, já morou em outro lugar?

6 Qual o horário mais frequente de atividades na escola?

7 A qual grupo étnico você sente pertencer?

8 Você tem uma religião? Se sim, qual?

Acerca da Imagem:

9 Você teve acesso a um álbum com vinte fotografias. Você consegue identificar o conteúdo das imagens?

10 A partir das imagens... Você tem conhecimento de alguma delas?

11 Essas imagens lhe são familiares?

12 Você consegue identificar o conteúdo das fotos?

13 Alguém em particular lhe chamou atenção? Em que sentido?

14 O que você consegue identificar nas imagens?

15 Você consegue indicar do que as imagens tratam?

16 Das imagens que você viu, pode descrever o que vê nelas?

17 Você acredita que há relação entre imagem e a construção de identidade? Em que sentido?

Imagens e relações no ambiente escolar:

18 A imagem que você tem de si mesmo reflete de alguma forma os demais grupos de pessoas que convivem no mesmo espaço escolar que você?

19. Como você considera suas relações no ambiente da escola?

20. O que motivou o ingresso no curso de Áudio e Vídeo?

21 Havia outras opções de curso oferecidas pela instituição?

22 Há alguma relação pessoal nessa escolha? Se houver, você pode relatar?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

MESTRADO EM DESENHO CULTURA E INTERATIVIDADE
LINHA DE PESQUISA: DESENHO E CULTURA

MESTRANDA: LUCIANA DIAS FERREIRA

ROTEIRO DE ENTREVISTA DE PARTICIPANTES DA PESQUISA

PROFISSIONAIS DO AUDIOVISUAL:

1. Idade
2. Profissão
3. Horário
4. Sexo
5. Onde mora

6 Antes da residência atual, já morou em outro lugar?

7 Você tem alguma religião? Se tiver, qual? Se não, por que?

8 A partir de suas vivências... Que imagem, em sua opinião, identifica Salvador e como elas se manifestam em sua vida?

9 Você acredita que o modo como você se vê reflete a identidade? Se sim, de que modo?

Sobre as imagens

10 Você teve acesso a um álbum com vinte fotografias. Você consegue identificar o conteúdo das imagens?

11 A partir das imagens... Você tem conhecimento de alguma delas?

12 Essas imagens lhe são familiares?

13 Você consegue identificar o conteúdo das fotos?

14 Alguma em particular lhe chamou atenção? Em que sentido?

15 O que você consegue identificar nas imagens?

16 Você consegue indicar do que as imagens tratam?

17 Das imagens que você viu, pode descrever o que vê nelas?

18 Você acredita que há relação entre imagem e a construção de identidade? Em que sentido?

19 Você reconhece o ambiente mostrado nas imagens?

18 Já esteve em algum desses espaços? Quais?

19 Alguém a levou?

Imagem e Ambiente Profissional

21 A imagem que você tem de si mesmo reflete de alguma forma os demais grupos de pessoas que convivem no espaço profissional que você?

22 O que motivou o ingresso na profissão em audiovisual?

23 Há alguma relação pessoal nessa escolha? Se houver, você pode relatar?

24. Você frequentou a escola regular do ensino fundamental e médio? Caso a resposta seja “sim”, em que instituição estudou?

26. você frequentou o ensino médio e o fundamental na mesma unidade escolar?

27. Que imagem definiria definiria esse período?

28. você lembra de algum fato importante dessa fase?

29. Caso relembre algum fato. Gostaria de relatar?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

APÊNDICE – B - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE: Identidade e pertencimento de estudantes do curso técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA." Convido você a participar da pesquisa, ainda em andamento, intitulada "Imagem e Afro-baianidade: Identidade e Pertencimento de Estudantes de Áudio e Vídeo no ICEIA", sob a responsabilidade da Pesquisadora: Luciana Dias Ferreira, orientada pelo Professor. Dr: Edson Dias Ferreira, através do Programa de Pós- Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – PPGDCI – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, na Área de Concentração: Desenho e Cultura. O presente estudo pretende analisar identidade e pertencimento de estudantes do curso de Áudio de Vídeo no CEEP ISAÍAS ALVES – ICEIA a partir de uma mediação com recursos fotográficos produzidos pelo Professor. Dr: Edson Dias Ferreira em sua tese de Doutorado em Ciências Sociais intitulada: "Fé e Festa nos Janeiro das Cidades da Bahia", atualmente localizado no acervo do LabImagem da UEFS. As imagens selecionadas dialogam com o tema de pesquisa no contexto das celebrações culturais e religiosas da cidade de Salvador. A entrevista acontecerá a partir de perguntas que se relacionam com os registros mencionados acima. Nesse momento, o participante (a), poderá se sentir à vontade em responder e até mesmo relatar informações que porventura considere importante serem ditas. A confirmação de sua participação prevê a autorização de gravação por voz e vídeo (este último será avisado previamente) e a utilização de imagens (fotográficas ou videográficas produzidas no decorrer da pesquisa). Todo o conteúdo será previamente mostrado ao participante (a) para apreciação e permissão do que será publicado. Quanto ao local e horário da entrevista, serão ajustados de acordo com a disponibilidade de cada participante. O tempo de realização de cada entrevista será de no máximo 40 minutos. Os possíveis riscos da pesquisa estão relacionados à exposição de suas imagens no conteúdo referente à pesquisa, inclusive, por meio digital. No entanto, caso seja permitido, esses riscos serão minimizados por meio de certificação digital que confirma a autenticidade do documento e restringe sua utilização por terceiros. Por fim, no momento da coleta de dados será garantida a privacidade do participante (a).

Feira de Santana- BA, de _____ de 2023

_____

Luciana Dias Ferreira
Pesquisadora Responsável
E-mail: ludiffe@gmail.com

_____

Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

"IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE": Identidade e pertencimento de estudantes do curso técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA. O participante (a) não terá ganho ou perda financeira ao aceitar participar da pesquisa, também terá a liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem nenhuma penalização. Os possíveis riscos de sua participação na pesquisa podem ser: lembrança de algum fato que lhe cause emoção, cansaço, e/ou impaciência pelo tempo de duração da entrevista. Entretanto, o participante (a) terá total liberdade caso não se sinta à vontade em responder alguma pergunta, assim como, poderá interromper a entrevista ou remarcar em outro momento. Por outro lado, responder à pesquisa pode trazer benefícios em relação à compreensão sobre o processo de construção de identidade no espaço compreendido pelo ambiente escolar. O repertório cultural adquirido nesse espaço pode refletir vivências, seja no seio familiar, nas relações sociais e/ou profissionais. Além disso, a forma como nos percebemos e de como somos percebidos pelos iguais e pelos diferentes podem indicar aspectos da formação social afro-brasileira e periférica em Salvador. Esta pesquisa pode ser o ponto de partida para compreender a identidade e pertencimento na perspectiva dos estudantes. Além disso, investigar tal compreensão pode indicar aspectos relevantes de uma Salvador contemporânea para além das atividades curriculares. É importante reforçar, no entanto, que as informações prestadas serão analisadas e sistematizadas para compor as questões relacionadas a esta pesquisa à qual o participante (a) terá total acesso aos resultados. Fica garantido o sigilo e a segurança das informações pessoais. Todos os cuidados serão tomados para garantir o anonimato, sendo utilizados pseudônimos no momento da apresentação dos resultados. Ao final da pesquisa será realizada a defesa da dissertação na UEFS. O participante receberá o convite com antecedência mínima de 15 dias, constando dia, hora e local do evento, entregue pela pesquisadora responsável.

Feira de Santana- BA, de de 2023

_____

Luciana Dias Ferreira Pesquisadora Responsável
E-mail:ludiffe@gmail.com

_____

Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

"IMAGEM E AFRO-BAIANIDADE: Identidade e pertencimento de estudantes do curso técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA." Dúvidas de qualquer natureza com relação a esta pesquisa poderão ser sanadas pelo participante (a) entrando em contato com o Programa de Pós-Graduação em Desenho Cultura e Interatividade – PPGDCI, localizado no Prédio da Educação, Letras e Artes, no Módulo 2, na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS pelo telefone (75) 3161-8865 ou através do e-mail: msdesenho@uefs.br. Quanto às dúvidas relacionadas às questões éticas da pesquisa, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, órgão responsável por avaliar as pesquisas realizadas com seres humanos, localizado no módulo I da UEFS ou pelos seguintes contatos: Tel: (75) 3161-8124 e e-mail: cep@uefs.br. Pedimos sua autorização para apresentar os resultados desta pesquisa em eventos científicos e publicações em revistas científicas. Caso aceite, o participante (a) deverá assinar 2 (duas) vias deste termo, sendo uma cópia do participante (a) e outra da pesquisadora. Caso o participante seja menor de idade, a assinatura deverá ser feita pelos pais e/ou responsáveis. É importante que o participante (a) informe como será sua participação nesta pesquisa, marcando uma das opções abaixo:

( ) Apenas Relato
( ) Relato e uso de Imagem (fotográfica e/ou videográfica).

Feira de Santana- BA, de de 2023

_____

Luciana Dias Ferreira Pesquisadora Responsável
E-mail: ludiffe@gmail.com

_____

Participante da Pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu_____, Portador do RG nº _____. Estado: autorizo o uso da minha imagem, na forma de registros fotográficos e/ou videográficos ligados à pesquisa: "IMAGEM E AFROBRASILIDADE: Identidade e pertencimento de estudantes do curso técnico de Áudio e Vídeo no ICEIA.", sob a responsabilidade da Pesquisadora: Luciana Dias Ferreira, com a finalidade de integrar o corpo do trabalho e /ou a divulgação do mesmo, sem qualquer ônus. Autorizo o uso da minha imagem concedida à _____ a título gratuito, para uso acadêmico-científico e didático. Portanto, autorizo, de livre e espontânea vontade, para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, minha imagem e gravação de voz. Declaro e autorizo o uso acima mencionado, sem haver reclamações posteriores de títulos e direitos conexos à imagem ora autorizada ou qualquer outro. Nesse contexto, ciente do termo acima, assino a presente autorização em 2 (duas) vias iguais em teor e forma.

Salvador – Ba de de 2023

_____

Assinatura

Telefone para contato ( ) _____

ANEXO 1 – IMAGENS DO TRABALHO EM CAMPO

As imagens 21 e 22 mostram registros das atividades realizadas na Escola Maria Felipa. As imagens 23 e 24 mostram atividades realizadas no Colégio ICEIA.

Figura 21: Imagens da entrevista com a Diretora Bárbara Carine, na Escola Maria Felipa

Figura 22: Montagem de equipamentos para entrevista na Escola Maria

Figura 23: Imagens das atividades em Sala de aula no Colégio ICEIA

Figura 24: Mesa Redonda de abertura do Cine Lamparina no ICEIA

ANEXO 2 – COMPOSIÇÕES POR ARTISTAS NO PERFIL DE AFRO-BAIANIDADE

As imagens abaixo se referem às imagens dos artistas contemporâneos mencionados na pesquisa que em seus trabalhos retratam elementos do ser afro-baiano.

Figura 25: Pierre Verger

(acervo da Galeria Pierre Verger em 1980)

Figura 26: Registro de Mario Cravo Neto de Salvador, nos anos 1970
Foto: Acervo Instituto Mario Cravo Neto/IMS

Figura 27: O ovo da Ema Carybé (1976)
(acervo do artista)

Figura 28: Bahia, de Carybé (1961)
(acervo do artista)